

Lig.

revista de psicanálise

5

N 2 • 2014

ISSN 2238-9083

VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010

VERSÃO ONLINE

lig revista de psicanálise

ANO 3, Nº 2, JUL-DEZ/2014 - PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 3, NÚMERO 2, JUL-DEZ/2014

ISSN 2238-9083 (VERSÃO IMPRESSA)

ISSN 2316-6010 (VERSÃO ONLINE)

SIG Revista de Psicanálise é uma publicação semestral da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e tem como objetivo publicar artigos teóricos e teórico-clínicos, resenhas e entrevistas no campo psicanalítico.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem a SIG Revista de Psicanálise.

A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outra utilidade, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do editor. Reproduções parciais de artigos (resumo, abstract, mais de 500 palavras do texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão por escrito do editor e dos autores.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise>

Versão online da revista em: www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise

Tiragem: 200 exemplares | Impressão: dezembro de 2014

S574 Sig: revista de psicanálise/Sigmund Freud Associação
Psicanalítica. – Vol. 3, n. 5 (Jul-Dez/2014) - . – Porto Alegre:
Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2014- .

Semestral.

ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. I. Sigmund Freud Associação
Psicanalítica.

CDU 159.964.2(05)

Bibliotecária responsável: Clarice da Luz Rodrigues, CRB 10/1333.

Lig revista de psicanálise

REVISTA DE PSICANÁLISE
PUBLICADA POR SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

PORTO ALEGRE, RS - BRASIL

2014

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

GESTÃO 2012/2014

Presidente: Sissi Vigil Castiel

Diretora Administrativa: Elenara Vaz Faviero

Diretora de Ensino: Simone Engbrecht

Diretora Científica: Débora Marcondes Farinati

Diretora da Clínica Psicanalítica: Luciana Rechden da Rocha

Diretora de Divulgação: Roberta Araujo Monteiro

Secretária do Conselho Deliberativo e Fiscal: Karin Kepler Wondracek

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

Editora Responsável: Eurema Gallo de Moraes

CORPO EDITORIAL:

Alfredo Jerusalinsky	Eneida Cardoso Braga	Magda Medianeira de Mello
Almerindo Boff	Eurema Gallo de Moraes	Maria Cristina Poli
Ana Lúcia Waltrick dos Santos	Fernando Urribari	Mônica Medeiros K. Macedo
Bárbara de Souza Conte	José Luiz Novaes	Nelson da Silva Júnior
Claudia Maria Perrone	Julio Bernardes	Paulo Endo
Cristina Lindenmeyer Saint Martin	Karin Kepler Wondracek	Sidnei Goldberg
Daniel Kupermann	Lizana Dallazen	Sissi Vigil Castiel
Débora Marcondes Farinati	Luciana Maccari Lara	Vera Blondina Zimmermann
Denise Costa Hausen	Luis Cláudio Figueiredo	

COMISSÃO EXECUTIVA:

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn

Cláudia Maria Perrone

Lizana Dallazen

PROJETO E PRODUÇÃO GRÁFICA:

Débora Dutra

*Capa: arte sobre fragmento da obra de Henri Matisse (reprodução), Litografia para a Verve, 1937.

* Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

SUMMARY

EDITORIAL/CONTENTS.....07

ARTIGOS/ARTICLES

FREUD E O MOISÉS DE MICHELANGELO.....09

Freud and the Moses of Michelangelo

- Sérgio de Gouvêa Franco

A LENTA DEMOLIÇÃO DO SUPEREGO HOSTIL: Articulações entre Freud,
Ferenczi e Winnicott a partir de Esboço de Psicanálise.....13

Slow demolition of the hostile super-ego: argumentations between Freud,
Ferenczi and Winnicott from "An outline of Psychoanalysis"

- Priscila Pereira Robert

- Daniel Kupermann

SOBRE A RESISTÊNCIA EM FREUD E FOUCAULT.....23

Resistance in Freud and Foucault

- Fernanda Canavêz

- Heraldo Miranda

SOBRE O RESGATE DO FUTURO: ALGUNS APORTES PSICANALÍTICOS.....33

On the recovery of the future: some psychoanalytic contributions

- Eneida Cardoso Braga

ELABORANDO A VIVÊNCIA HOSPITALAR: uma reflexão a partir dos conceitos49
de meio maleável e objeto transformacional

Elaborating the hospital experience: a reflection based on the concepts
of pliable medium and transformational object

-Denise Regina Disaró

EM PAUTA/ON THE AGEND

ÉDIPO E HAMLET VIVENDO NO FIM DOS TEMPOS: Um desafio a partir de Slavoj Zizek.....59

Oedipus Hamlet and living in the end times: a challenge from Slavoj Zizek

-Cláudia Maria Perrone

-Débora Marcondes Farinati

CONVIDADO/GUEST

TEU TEMPO TE MOSTRAREI EM UM PUNHADO DE PÓ: psicanálise, utopia e propaganda.....69

Your time I will show you in a handful of dust: psychoanalysis, utopia and propaganda

-Edson Luiz André de Sousa

ENTREVISTA/INTERVIEW

ENTREVISTA COM A PSICANALISTA PATRÍCIA PORCHAT SOBRE PSICANÁLISE E
TRANSEXUALIDADE.....79

S U M Á R I O

RESENHAS/REVIEW

O TRABALHO DA PSICANÁLISE REPENSADO EM SUAS RAMIFICAÇÕES E ESPECIFICIDADES.....	83
The work of psychoanalysis rethought in its ramifications and specificities <i>-LizanaDallazen</i>	
MANDRÁGORAS ENTRE ENSAIOS E LEITURAS PSICANALÍTICAS.....	87
Mandrágoras between rehearsals and psychoanalytic readings <i>-Eurema Gallo de Moraes</i>	

Estamos colocando para leitura a quinta edição da *SIG Revista de Psicanálise*. Aceitar o desafio da Direção da Sigmund Freud Associação Psicanalítica para coordenar a editoração nesses dois anos, se por um lado envaidece, simultaneamente aponta para o real da tarefa: nutrir cada seção da revista com um produto de primeira linha que desse conta de pensar a Psicanálise à luz do tempo em movimento, permitindo, assim, repassar a história na (r)evolução do pensamento psicanalítico. A satisfação tem sido, a cada edição, encontrar estes “produtores de ideias”, os quais revolucionam com consistência e qualidade o saber da Psicanálise, levando-a, na curiosidade de suas investigações, a produzir diferenças. Neste encontro, entre a comissão editorial e os autores dos artigos publicados cumprimos, juntos, a tarefa de *fazer* nossa revista.

Neste número da *SIG Revista de Psicanálise*, o leitor vai encontrar, na seção Artigos, com o trabalho *Freud e o Moisés de Michelangelo* escrito por Sérgio de Gouvêa Franco, no qual o autor descreve como Freud tem um foco duplo toda vez que lança seu olhar na direção da deslumbrante Roma: ao mesmo tempo a imagem que ilumina seu olhar também o ameaça. Para o autor, Freud fica entre o sonho de conhecer Roma e o simultâneo impedimento de torná-lo possível. Por fim, ao transpor suas barreiras, Freud deixa-se fascinar diante da escultura de Moisés, tecendo suas reflexões sobre o excesso e a fraqueza, além de suas observações sobre a natureza destemperada do homem.

Nas páginas seguintes, Priscila Pereira Robert e Daniel Kupermann, psicanalistas, assinam *A lenta demolição do superego hostil: articulação entre Freud, Ferenczi e Winnicott a*

partir de Esboço de Psicanálise. Os autores escrevem, neste artigo, sobre a linha de investigação que problematiza a posição do analista no campo transferencial, para tanto ancoram seus argumentos na vitalidade do texto freudiano “Esboço de Psicanálise” (1937/1940). Priscila e Kupermann encontram nas contribuições teóricas e técnicas de Ferenczi e Winnicott um eixo interessante para pensarem sobre a direção da cura e as modalidades de resistência.

Fernanda Canavêz e Heraldo Miranda fazem uma aposta “na fertilidade da diferença para empreender uma análise do conceito de resistência que escape dos imperativos de conciliação precipitada, bem como das dessemelhanças improdutivas”, o leitor encontra neste instigante artigo – *Sobre a Resistência em Freud e Foucault* – um dispositivo ao debate.

Eneida Cardoso Braga assina, com muita propriedade teórica, o trabalho *Sobre o resgate do futuro: alguns aportes psicanalíticos*. Eneida apresenta a alteridade como categoria imprescindível de possibilidade para a construção de um autêntico devir. Incursiona com destreza na obra de Freud, interroga alguns aportes da filosofia e abre um diálogo com psicanalistas contemporâneos, a partir dessas interlocuções afirma “uma importante intuição freudiana: a imposição da alteridade em relação aos anseios de autonomia do eu, seus efeitos traumáticos e suas consequências para a cultura contemporânea”.

Elaborando a vivência hospitalar: uma reflexão a partir dos conceitos de meio maleável e objeto transformacional de Denise Regina Disaró, é uma narrativa na primeira pessoa de uma experiência de intervenção psicanalítica, visando à elaboração dos efeitos no psíquico de internação hospitalar. O relato da menina Katia ilustra o singular encontro entre

a intensidade de seu sofrimento e a sensível intervenção de Denise.

A seção Em Pauta foi resgatada do último Encontro de Psicanálise de 2014. Naquela oportunidade, as psicanalistas Claudia Maria Perrone e Débora Marcondes Farinati debruçaram-se sobre o irreverente pensamento de Zizek, recolocando suas contribuições à compreensão psicanalítica dos enigmas que indagam o sujeito acerca de seu destino. Interrogações subjetivas gestadas no campo da tragédia. Assim, as autoras produziram esse inquietante texto – *Édipo e Hamlet vivendo no fim dos tempos: um desafio a partir de Slavoj Zizek* – onde contestam a figura do pai edípico e os limites de sua ação na atualidade frente ao imperativo do gozo. Emergindo, desta cena, o contorno da intolerância e da destrutividade no manejo e na convivência do sujeito social.

O convidado desta edição da revista é o psicanalista Edson Luiz André de Souza, o qual desde o título de seu ensaio – *Teu tempo te mostrarei um punhado de pó: psicanálise, utopia e propaganda* – já desacomoda o leitor. O texto tece uma rede que realça sua originalidade; nele, Edson, curioso, procura a fonte das inúmeras bolinhas de sabão que invadem seu caminho entre as ruas de um bairro parisiense; quando encontra não é o marco da chegada, mas, sim, o ponto de partida à estética de sua narrativa.

A Entrevista é com Patrícia Porchat, esta psicanalista que dialoga com desenvoltura e

interesse com outras áreas, tais como a literatura, a antropologia, a sociologia e a história, evidenciando um pensamento arejado e operativo. Esta entrevista aproxima o leitor da dedicada investigação de Patrícia Porchat sobre o conceito de gênero e suas interrogações teóricas à Psicanálise desde sua experiência clínica.

Resenhar um livro proporciona não somente o prazer de ler, mas, também, um exercício de atualizar-se e a satisfação de sugerir uma leitura. Assim, Lizana Dallazen recomenda *Cuidado, saúde e cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante*, de Luís Claudio Figueiredo. E eu indico a leitura de *Mandrágoras, clínica psicanalítica: Freud e Winnicott*, dos autores Sérgio de Gouvêa Franco, Manoel Tosta Berlinck e Karin Hellen K. Wondracek.

Espero que a apresentação desta edição da *SIG Revista de Psicanálise* tenha deixado em suas linhas um rastro de curiosidade o suficiente para atraí-lo a descobrir, pensar e debater sobre os textos, esses produtos editados em suas páginas.

Ao me despedir do lugar de editora responsável faço-o com uma sensação de tarefa cumprida, a qual não teria sido possível sem a colaboração ímpar de Carolina Dockhorn, Claudia Perrone e Lizana Dallazen. Muito obrigado!

Desejo a Débora Farinati e à sua Comissão Executiva, as quais marcaram importante presença já neste número, um excelente e prazeroso trabalho

Eurema Gallo de Moraes

Editora responsável

FREUD E O MOISÉS DE MICHELANGELO

FREUD AND THE MOSES OF MICHELANGELO

Sérgio de Gouvêa Franco ¹

Resumo: Apresenta-se neste artigo o homem Freud com os seus conflitos, que se encanta pela estátua O Moises de Michelangelo. Mostra o seu empenho para desvelar os sentidos profundos não apenas da estátua de Michelangelo, mas os sentidos profundos de sua própria vida e destino. O grande líder judaico transforma-se em inspiração para Freud superar sua própria irritação e os momentos difíceis por que passa.

Palavras-chave: Freud. O Moises de Michelangelo. O Moises de Michelangelo de Freud.

Abstract: It is presented in this article the Freud man with its conflicts, that is delighted by the statue The Moses of Michelangelo. He shows his commitment to uncover the deep sense not only of the Michelangelo's statue, but the deep senses of his own life and destiny. The great Jewish leader becomes inspiration for Freud to overcome his own irritation and the difficult times that he faces.

Keywords: Freud. The Moses of Michelangelo. The Moses of Michelangelo of Freud.

A *Interpretação dos Sonhos* é um livro autobiográfico, Freud se expõe nestas páginas para quem souber lê-las. Conta seus sonhos, confessa ambições, conta no livro também, em palavras de seu biógrafo seu “atormentado desejo, há muito tempo acalentado, e há muito tempo frustrado, de visitar Roma” (Gay, 1989, p. 116). Roma é para Freud quase um tabu, reluz à distância como uma recompensa enorme, ao mesmo tempo Roma o ameaça. Queria muito conhecê-la, mas seu desejo desmedido é sempre frustrado por um impedimento fóbico. Várias vezes passou férias na Itália, mas nunca chegou mais perto da capital que 70km: a mesma distância que se manteve cautelosamente Aníbal da Cidade Eterna. Em 1897, Freud sonhou que poderia marcar um de seus importantes encontros com Fliess em Roma; em 1899 alimentou a ideia de concretizar o sonho à época da Páscoa. Escrevendo a Fliess explica: “Meu anseio por Roma é profundamente neurótico. Está ligado ao meu entusiasmo dos tempos de escola pelo herói semita Aníbal” (Gay, 134). Marcado desde sua infância pelos embates com antisemitas, Freud sonhava vencer os cristãos que se opõem aos judeus no coração do catolicismo. Como Aníbal queria vencer Roma. Havia mais, seu desejo por Roma tinha ainda outros matizes ardentes, inclusive pensa o próprio Freud, de natureza edípica. Cita o antigo vaticínio apresentado aos Tarquínios de que o primeiro a beijar a

¹Psicanalista, doutor pela UNICAMP e pós-doutor em psicologia clínica pela PUC-SP. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor de psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos - CEP. Professor de pós-graduação na FECAP.

mãe se tornaria o governante de Roma. “Símbolo ambivalente e carregado, Roma representava os mais fortes desejos eróticos e agressivos – estes apenas ligeiramente menos ocultos do que aqueles – de Freud, com alusões a história secreta deles”, escreve Peter Gay (Gay, pp 134 e 135).

Em setembro de 1901, superou a velha inibição, ultrapassou Aníbal o herói infantil, acompanhado do irmão: Freud finalmente entrou em Roma. Vagueou pela cidade deslumbrado, perturbou-se com a Roma cristã, mas a Antiguidade e o Renascimento lhe trouxeram muita alegria. Deteve-se fascinado frente à estátua dedicada ao legislador hebreu: O Moisés de Michelangelo. A visita à estátua, disse ele, foi um “ponto alto” de sua vida. A estátua tem um tamanho maior que o natural, uma escala não redutora, mas amplificadora. Desde sua primeira visita a Roma em 1901, Freud nunca deixou de considerá-la atordoante e magnífica. Nenhuma obra de arte o impressionou tanto como esta. Em 1912, em uma visita de férias a Roma escreve a mulher Marta, contando que visitava a estátua todos os dias. Seu artigo sobre a estátua saiu em 1914 na Revista *Imago*, que exatamente fundará para publicar artigos psicanalíticos não clínicos. É importante lembrar que o artigo saiu com autoria anônima. Abraham argumentou que seu estilo seria facilmente reconhecível, Freud insistiu e o artigo permaneceu como “um filho bastardo” por cerca de 10 anos.

Freud não entendia bem porque a estátua o fascinava tanto. Sempre que ia a Roma, visitava o Moisés. “Em 1913, ao longo de três semanas solitárias de setembro”, escreve, “detive-me diariamente na igreja diante da estátua, estudei-a, medei-a, sondei-a, até que me veio a compreensão que só ousei expressar no papel anonimamente” (Gay, 293). A figura monumental ostenta na frente os cornos místicos, que representam a luz que veio a Moisés após ver Deus. Michelangelo figurou Moisés como um velho forte, robusto, imponente, com uma barba fluindo como um rio, a qual ele segura com a mão esquerda e o indicador direito. Moisés está sentado, cenho franzido, olhando severamente à sua esquerda, com as tábuas da lei sob o braço direito. O problema que fascinou Freud foi o momento que Michelangelo escolheu para retratar Moisés. A tensão nas pernas sugere uma ação: o pé direito se apoia no chão e a perna esquerda está levantada de modo que apenas os artelhos tocam o chão. Freud se propõe uma questão: a ação estaria para se iniciar ou acabara de ser concluída; Moisés estava se levantando ou se sentando? Michelangelo representava Moisés em um momento de cólera pronto para quebrar as tabulas da lei, ou Moisés estaria contemplando o povo como um legislador divino que acabou de ver a Deus?

Em 1912, Freud levava um pequeno molde em gesso do Moisés para casa e estava pronto para escrever seu ensaio. Um gesto de Ernest Jones, entretanto, complicou a análise de Freud. Jones enviou fotos de uma estátua de Donatello em Florença. Olhando as fotos, Freud pensou que Donatello poderia estar movido mais por pressões estéticas do que emocionais, depois sua dúvida atingiu o trabalho de Michelangelo. Diante do impasse provocado pelas fotos, Freud o incansável colecionador de pequenas estátuas antigas pediu um favor a Jones. Ele queria um esboço do contorno inferior das tábuas da lei sustentadas pelo Moisés de Michelangelo. Jones deu um jeito de arranjar o que o mestre pedia.

Ainda assim Freud titubeava. Em 1913, mandou um cartão postal a Ferenczi com uma ilustração romana, que ilustração escolhera? Era a estátua que não lhe saía da cabeça. Mais tarde no mesmo ano, escrevendo a Jones disse: “Visitei novamente o velho Moisés, e senti-me confirmado em minha explicação de sua postura, mas algo no material comparativo que o senhor reuniu para mim realmente abalou minha confiança, que ainda não se recuperou” (Gay, p. 294). No início de 1914 ainda não tinha certeza: “No caso Moisés, estou ficando novamente negativo” (ibidem).

A interpretação mais comum entre os historiadores de arte era que a estátua representava Moisés, um pouco antes de perder a têmpera e explodir em cólera contra o povo de Israel, que adorava o bezerro de ouro. Freud inova, investigando cuidadosamente detalhes como a posição da mão direita de Moisés e a das próprias tábuas, conclui que a estátua representa um Moisés que se senta, que encerra um ato e domina a tempestade interior. Freud pensa que Michelangelo representa Moisés controlando sua impulsividade e não a ponto de entregar-se a ela. É uma estátua que faz uma advertência contra o excesso e a fraqueza, uma crítica contra a natureza destemperada humana.

Peter Gay levanta a hipótese de que a interpretação de Freud fosse, em alguma medida, uma leitura de si mesmo e de seu próprio momento de vida (Gay, p. 295). Freud pensava sua vida como um esforço disciplinado para controlar sua raiva e também sua inquietação filosófica especulativa. Estes tempos do ensaio sobre a estátua foram especialmente difíceis a Freud frente às defecções de Jung e Adler. Como *O Moisés* de Michelangelo, Freud se sentia convidado a se controlar frente a desertores, minimizar a resposta, refrear a fúria para o bem do próprio movimento psicanalítico. Mas não sabe se vai conseguir se controlar. Escrevendo a Ferenczi, Freud acha que está mais perto do Moisés histórico que com raiva quebra as tábuas da lei do que d’*O Moisés* de Michelangelo que segundo sua interpretação se controlara: “No meu estado de ânimo, comparo-me antes com o Moisés histórico do que com o Moisés de Michelangelo que interpretei”. Se aceitarmos algum valor nestas ponderações de Gay, devemos dizer que o uso que Freud faz da obra de arte é elaborativo e didático. Sua obsessividade expressa em dias e dias de visita à estátua, em estudos e trabalho intenso é uma forma de lidar com seu furor neurótico, realçado por dimensões provavelmente inconscientes, frente à decepção de não ser tratado por seus ex-discípulos como desejaria.

Além do escrito sobre a estátua de Michelangelo, Freud dedica ao líder judaico um livro no fim da vida: *Moisés e o Monoteísmo*. Abatido pela doença na boca e pela perseguição nazista que o tira da Áustria, Freud se volta para a figura de Moisés. Foi Moisés quem conduziu o povo hebreu de uma situação de opressão para um novo destino. Sobre ele certamente pensou Freud muitas vezes. Moisés se torna inspiração, fonte de coragem enquanto compara sua vida dura, por vezes sombria, com a luta do povo para sair da escravidão no Egito. Certamente o último livro de Freud, publicado em 1939, não poupa Moisés, antes procura desmistificar o líder, tomando o como egípcio e não como um judeu. Freud não poupa tampouco o judaísmo, reconhecendo nele traços obsessivos. Sua crítica, no entanto, não vai ao ponto de destruir o fascínio por Moisés, nem faz Freud

recusar o judaísmo, pelo contrário reconhece nele suas raízes e fonte de sua energia psíquica.

REFERÊNCIAS

Freud, S. (1900) *A Interpretação de Sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Volume IV. Comentários de Notas de James Strachey. Com colaboração de Anna Freud. São Paulo, Imago, 1996.

_____. (1914) *O Moisés de Michelangelo*. Volume XIII. Standard.

_____. (1939 [1934-1938]) *Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaio*s. Volume XXIII. Standard.

Gay, P. *Freud: Uma Vida para o Nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Ricouer, P. *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

A LENTA DEMOLIÇÃO DO SUPEREGO HOSTIL: ARTICULAÇÕES ENTRE FREUD, FERENCZI E WINNICOTT A PARTIR DE ESBOÇO DE PSICANÁLISE

SLOW DEMOLITION OF THE HOSTILE SUPER-EGO:
ARGUMENTATIONS BETWEEN FREUD, FERENCZI AND WINNICOTT
FROM "AN OUTLINE OF PSYCHOANALYSIS"

Priscila Pereira Robert¹

Daniel Kupermann²

Resumo: O artigo problematiza a posição do analista na clínica ao dialogar a concepção de manejo da transferência para Freud apresentada em *Esboço de Psicanálise* com o percurso teórico-clínico de Ferenczi e Winnicott. A concepção de final de análise e a análise pelo jogo, em Ferenczi, atrelada ao brincar e à destruição-sobrevivência do analista, em Winnicott, demonstram o delineamento de diferentes lugares ocupados pelo analista na clínica e permitem esboçar relações entre o espaço lúdico de destruição e criação e a lenta demolição do superego hostil em análise.

Palavras-Chave: Manejo. Transferência. Superego. S. Freud (1856-1939). S. Ferenczi (1873-1933). D. Winnicott (1896-1971).

Abstract: The article discusses the analyst's clinical position in dialoguing the Freud's handling of transference conception presented in "An outline of Psychoanalysis" with the theoretical-clinical course of Ferenczi and Winnicott. The conception of final analysis and the analysis by play in Ferenczi, pegged to play and to analyst's destruction-survival, in Winnicott, demonstrate the design of different places of the analyst and allow to outline relations between the playful space of destruction and creation and slow demolition of the hostile super-ego in analysis.

Keywords: Handling. Transference. Super-Ego. S. Freud (1856-1939), S. Ferenczi (1873-1933), D. Winnicott (1896-1971).

¹ Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, Membro do Psia - Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicanálise (IP-USP), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Psicóloga (UFPR). E-mail: priscilafpr@gmail.com

² Professor doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: dkupermann@usp.br

Esboço de Psicanálise (1937/1940), texto freudiano inacabado e publicado postumamente, consiste em apresentação concisa e consistente da teoria psicanalítica. Peter Gay (1989, p. 572) dá lugar de destaque à obra: "Com sua abrangência e advertência implícita contra a petrificação do pensamento psicanalítico, ele pode figurar como o testamento de Freud para a profissão por ele fundada". Freud realiza uma espécie de compilação do estado da arte da psicanálise e dos problemas clínicos e teóricos que a permeavam na época. No capítulo

lo sobre a clínica, apresenta os princípios da técnica clássica e os problematiza nos termos da segunda tópica.

A concepção freudiana do manejo da transferência em *Esboço* será base para a articulação à proposta clínica de Ferenczi e Winnicott. Ferenczi, a partir de problemas clínicos semelhantes aos apontados por Freud, desenvolveu uma concepção peculiar de manejo que redimensiona a posição do analista na clínica. Winnicott, por sua vez, ainda que um pouco afastado da terminologia freudiana, segue a trilha ferencziana e permite uma problematização do manejo na qual a relação *entre* analista e analisando merece destaque especial.

O MANEJO DA TRANSFERÊNCIA EM FREUD

Em *Esboço*, Freud serve-se de uma metáfora bélica para descrever o percurso e os objetivos da análise: o “plano de cura” consiste em aliança entre o ego enfraquecido do paciente e o analista para lutar contra os inimigos – as exigências do id e do superego. A aliança baseia-se na conhecida regra: o paciente oferece sinceridade e adesão à regra fundamental da psicanálise (dizer o que sabe e o que não sabe) e o analista, por sua vez, oferece discricção, conhecimento e interpretação. O objetivo é dominar ou eliminar definitivamente zonas do id estrangeiras para o ego.

A transferência – *retorno, reencarnação* na figura do analista de figuras da infância e passado – é apontada por Freud como elemento que complexifica o plano de cura. A transferência positiva, afirma Freud, serve ao tratamento porque reproduz situações que jamais seriam trazidas pela fala, possibilita efeitos terapêuticos e amplia o grau de influência sobre o paciente: “Seu ego fraco torna-se forte; sob essa influência realiza coisas que, ordinariamente, estariam além de suas forças; desiste dos sintomas e aparenta ter-se restabelecido – simplesmente por amor ao analista” (FREUD, 1940/1996, p. 189). Os sentimentos hostis também são transferidos: surgem da repetição do passado e, tal como no desfecho do Édipo, surgem da frustração dos desejos eróticos que se atualizam na figura do analista. Freud aborda, em síntese, a dimensão de repetição da transferência, relativa ao Édipo, a influência do analista sobre o paciente e os efeitos terapêuticos transferenciais.

Quanto a seu manejo, Freud afirma que manter insatisfeitos os desejos relativos à transferência, a partir da regra de abstinência, pode ser ocasião para mudança ou, se as transferências negativas dominarem o quadro, podem desfazer os efeitos terapêuticos e impossibilitar o trabalho analítico. Para evitar que tome rumos indesejados, Freud preconiza o *manejo cuidadoso da transferência*, que implica deixar claro para o paciente que o que lhe parece novidade na transferência é, na verdade, reflexo do passado. Para que esta garantia se mantenha é preciso, além de não negligenciar os primeiros sinais de transferência negativa, tomar cuidado para que nem amor nem hostilidade atinjam grau extremo.

Freud insiste na importância de tornar claro ao paciente a repetição na transferência e de manter “distinção rigorosa” entre o que é conhecimento do analista e o que é do paciente, mantendo o foco no trabalho interpretativo. Com o auxílio

das interpretações do analista e das associações livres do paciente, ambos vão se apoderando de partes do id ou eliminando-as completamente a partir da capacidade que o ego tem ou não de enfrentá-lo. Tal manejo se mostra adequado ao trabalho de superação das resistências devido ao recalque.

Outras duas formas de resistência, afirma Freud, são mais difíceis de vencer, pois, embora não impeçam o trabalho intelectual (interpretativo), o tornam completamente inoperante. Trata-se da ação do superego e da pulsão de morte (fruto da defusão pulsional) que se manifesta na necessidade do paciente estar doente e sofrer e no sentimento de culpa. Quanto ao manejo, nesses casos Freud afirma: “Para desviar esta resistência, somos obrigados a restringir-nos a torná-la consciente e a tentar promover a lenta demolição do superego hostil” (FREUD, 1940/1996, p. 194).

Interessante notar que Freud aponta para a necessidade de promover *lenta demolição do superego hostil*, mas este trabalho de demolição não encontra articulação em sua teoria da técnica. Parece que Freud identifica uma dimensão peculiar do trabalho de superação das resistências do superego, mas não possui dispositivos clínicos para manejá-las, sendo “obrigado a se restringir a torná-las conscientes” e apostar no trabalho interpretativo.

O *manejo cuidadoso da transferência* parece ser proposto para que a transferência evite *ultrapassar* seu campo teórico de domínio: a dimensão da ambivalência e da repetição. No entanto, Freud reconhece que, além da repetição, há efeitos transferenciais no tratamento e no curso dos sintomas. Afirma que a influência do analista sobre o paciente é possível porque o analista passa a ocupar o lugar de superego do paciente (à medida que o superego é formado a partir das figuras parentais e são elas, em última instância, que são transferidas). Adverte que o analista não deve exercer sua influência segundo suas próprias inclinações e ocupar o lugar de professor, modelo ou ideal, embora reconheça que determinada influência seja possível de acordo com o nível de inibição no desenvolvimento. E completa: “Alguns neuróticos permaneceram tão infantis que, também na análise, só podem ser tratados como crianças” (FREUD, 1940/1996, p. 190). Parece que assim, ao tratar das vantagens e dificuldades do manejo da transferência e sua relação com o plano de cura, Freud considera uma dimensão de intervenção *via transferência*, além de sua função de oferecer elementos para a interpretação, mas que não encontra rendimento teórico em sua teoria da técnica, apesar dos ensaios relatados em *Caminhos da terapia psicanalítica* (FREUD, 1919/2010).

Além disso, embora não sejam reafirmados no capítulo sobre a técnica de *Esboço*, os conceitos de elaboração (FREUD, 1914/2010) e construção (FREUD, 1937/1996) fornecem importantes pistas para articulações futuras sobre o manejo da transferência. A dimensão econômica contemplada no conceito de elaboração, bem como o trabalho conjunto de construção, são vias possíveis para rearticulação dessas questões (KUPERMANN, 2008, 2010).

A partir das pistas deixadas por Freud, seguiremos a trilha ferencziana, com ênfase nos aspectos da metapsicologia da técnica que demonstram sua abordagem original sobre o trabalho de desconstrução do superego e o necessário espa-

ço para o infantil em análise.

A ANÁLISE PELO JOGO EM FERENCZI

Desde *Transferência e Introjção* (1909/2011), a elaboração de Ferenczi sobre a transferência se ancora em discussão sobre o lugar de autoridade do analista, a partir da concepção de fim de análise como liquidação da transferência. Nesse texto, Ferenczi alerta que a situação analítica pode levar à reprodução de reação submissa (fé cega ou confiança incondicional no analista), relacionada à problemática edípica do paciente. Um dos métodos possíveis para a superação desse tipo de resistência em análise levaria à “independência total em relação ao médico”. A busca dessa independência passaria, como em Freud, pela elucidação de seu caráter repetitivo: “[...] os outros métodos de tratamento consistem em *cultivar* e em *reforçar* a transferência, ao passo que a análise desmascara o mais rapidamente possível essas relações fictícias, reconduzindo-as à sua verdadeira fonte, o que acarreta a sua dissolução” (FERENCZI, 1909/2011, p. 102).

Em *Elasticidade da técnica psicanalítica* (FERENCZI, 1928/2011), escrito uma década antes do *Esboço* de Freud, Ferenczi apresenta uma concepção própria e mais flexível do manejo clínico, notável em sua consideração sobre o lugar do analista como superego do paciente no percurso de uma análise:

Em vários dos meus artigos, chamei a atenção para o fato de o processo de cura consistir, em grande parte, em o paciente colocar o analista (o novo pai) no lugar do verdadeiro pai, que ocupa tanto espaço no superego e que continua doravante convivendo com esse superego analítico. Não nego que esse processo tenha efetivamente lugar em todos os casos, admito até que essa substituição possa acarretar êxitos terapêuticos importantes, mas gostaria de acrescentar que uma verdadeira análise de caráter deve pôr de lado, pelo menos passageiramente, toda espécie de superego, inclusive o do analista. (FERENCZI, 1928/2011, p. 39-40).

Assim, a transferência da autoridade do superego para a figura do analista é reconhecida por Ferenczi como parte do trabalho da transferência, com a advertência explícita sobre os perigos de o analista agir identificado a essa posição: “Nada mais nocivo em análise do que uma atitude de professor ou mesmo de médico autoritário” (FERENCZI, 1928/2011, p. 36). O foco sai, no entanto, da interpretação da transferência, o método por excelência de Freud, para a necessidade de “pôr de lado” a dimensão superegoica – do paciente e do analista – ao longo da análise.

Mas como seria possível deixar a dimensão superegoica de lado na relação analítica, se a transferência se refere justamente ao deslocamento de imagos paternas para figura do analista? A proposta clínica de Ferenczi implica mudança de escopo no conceito de transferência, pois visa à desconstrução do superego *ao longo* do trabalho analítico.

A apresentação mais explícita deste manejo se encontra em *Análise de adultos com crianças* (1931/2011), onde Ferenczi apresenta sua proposta de *análise pelo jogo*. A novidade foi a tentativa de dialogar *com* a criança que comparece às

análises, mesmo na de adultos, em vez de interpretá-la, em vez de falar *sobre* ela (KUPERMANN, 2008, p. 139). A busca de contato com a criança presente no adulto se diferencia da ideia de *tratar o paciente como uma criança*. Em *Esboço*, Freud percebe a necessidade de tratar a criança no adulto, mas vislumbra possibilidade de fazê-lo do lugar de adulto, a partir do lugar que ocupa na transferência verticalizada – como superego do paciente –, o que o coloca, necessariamente, diante dos impasses da sugestão na análise. Ferenczi abandona a ideia de lugar estabelecido na transferência e propõe a criação de espaço para o jogo infantil, analista e analisando como duas crianças. O questionamento da autoridade no espaço analítico, presente desde o início do trabalho de Ferenczi, parece ter possibilitado o desenvolvimento de uma metapsicologia da técnica que torna a relação entre analista e paciente menos desigual (ainda que assimétrica) (ZYGOURIS, 2002).

Trata-se de proposta clínica coerente com a ideia de liquidação de transferência como condição de fim de análise e que se articula também à necessidade de *lenta demolição do superego hostil* apontada por Freud. Em outras palavras, para Ferenczi, o trabalho de demolição do superego passa a ser condição de término de análise:

Somente esta espécie de desconstrução do superego pode levar a uma cura radical, os resultados que consistirem apenas na substituição de um superego por outro devem ser ainda designados como transferenciais; não correspondem certamente a um objetivo final do tratamento: desembaraçar-se igualmente da transferência. (FERENCZI, 1928/2011, p. 40).

Ferenczi enfatiza que o que pretende desconstruir é a relação de escravidão superegoica:

Na realidade, o meu combate só se volta contra a parte do superego que se tornou inconsciente e, desse modo, ininfluenciável; naturalmente, nada tenho a objetar a que um homem normal continue conservando no seu *pré-consciente* uma quantidade de modelos positivos e negativos. É verdade, porém, que não terá que obedecer como um escravo a esse *superego pré-consciente*, como obedecia antes à imago parental inconsciente. (FERENCZI, 1928/2011, p. 42).

Ou seja, demolir o superego implica destruir a relação de escravidão com os ideais e, também, por consequência, destruir o analista no lugar do superego. Ao mesmo tempo que Ferenczi aponta a desconstrução do superego e a liquidação da transferência como *fim* último da análise, apresenta dimensão da clínica que liquida o campo transferencial em sua dimensão superegoica *ao longo* do tratamento analítico, através do jogo infantil. Neste campo de transferência e desconstrução do superego e de circulação em diversos níveis da relação analista-analisando é que a proposta da clínica de Ferenczi se configura.

A *promoção da lenta demolição do superego hostil* necessária às análises cuja problemática gira em torno das resistências do superego e da pulsão de morte ganha, portanto, um novo campo metapsicológico de articulação. O manejo clínico de Ferenczi ultrapassa a dimensão interpretativa, desconstrói a ex-

clusividade da posição transferencial *vertical* do analista e o convida a criar um espaço lúdico de afetação mútua. Ensaio clínico que terá amplos ecos na concepção winnicottiana sobre o estatuto do brincar na clínica.

O BRINCAR E A DESTRUIÇÃO-SOBREVIVÊNCIA EM WINNICOTT

Embora o conceito de *holding* e *regressão à dependência* sejam indispensáveis no manejo clínico proposto por Winnicott para a psicose e casos limites, é possível afirmar que o *brincar* é seu horizonte clínico:

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas crianças que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que é. (WINNICOTT, 1971/1975, p. 59).

A relação entre o brincar e o conceito de objeto transicional – uma das contribuições teóricas mais originais de Winnicott – traz à tona dimensão paradoxal na transferência: o brincar ocorre em espaço intermediário *entre* analista e analisando. Tal concepção, evidente na clínica com crianças, apresenta-se de modo mais sutil nos adultos: “a escolha das palavras”, “as inflexões de voz”, “o senso de humor” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 61) matizam o que é dito e ajudam a ilustrar o aspecto transicional da linguagem.

Na neurose, afirma Winnicott, a *distância* entre analista e analisando opera como simbolismo que torna a neurose de transferência possível: “o símbolo está no fosso entre o objeto subjetivo e o objeto que é percebido objetivamente” (WINNICOTT, 1960/1983, p. 148). Em *Natureza Humana* (1990), livro escrito em 1954, mas revisado ao longo de toda sua vida, Winnicott evoca um momento clínico que sintetiza esse encontro *entre* analista e analisando: trata-se das interpretações feitas pelo analista no justo momento no qual o paciente está pronto para enunciá-las. Esse encontro dá ao neurótico, a “sensação de estar fisicamente seguro”. Situação análoga à alucinação do seio no momento em que a mãe o fornece, base para a construção da onipotência do bebê e condição para a confiança no ambiente. O simbolismo em análise pressupõe a criação desse espaço potencial (WINNICOTT, 1971/1975, p. 79).

Tal concepção se aproxima ao campo de afetação mútua ensaiado por Ferenczi (1928), e notável em seu *Diário Clínico* (1932/1990). A verticalidade na transferência, que carrega o risco de levar a análise para o campo sugestivo e predominantemente intelectual (FERENCZI, 1924/2011) dá lugar ao lúdico, construção desse espaço *entre dois* no trabalho analítico, abertura para o campo simbólico da análise.

Todavia, aponta Winnicott, a possibilidade de confiar e de encontrar as interpretações do analista nem sempre é possível: nos casos de pacientes psicóticos e *borderlines* é preciso que esse espaço se crie. Para tanto, é preciso que sejam atendidas necessidades de outra ordem. O desafio é tornar o espaço clínico tão confiável quanto possível que permita ao paciente a *regressão à dependência*. O

analista precisa, aqui, suportar ocupar outro lugar que não aquele das transferências, no sentido clássico freudiano, mas oferecer ao paciente a sustentação que ele próprio não é sequer capaz de imaginar (WINNICOTT, 1947/2000, p. 286-287). Em posição distinta à verticalidade da transferência das imagens parentais, o analista precisa estar presente e oferecer suporte, invólucro e contorno para o paciente. Nesses momentos da análise, o analisando precisa ser tratado efetivamente “como uma criança”, tal como intuiu Freud em seu *Esboço*. A “benevolência materna”, a qual se refere Ferenczi (1933/2011) começa a ganhar, a partir daí, uma cartografia própria.

No entanto, cabe destacar, esses momentos são transitórios na transferência, pois, como aponta Winnicott, o conceito de maternagem suficientemente boa implica a necessária tarefa de desilusão (WINNICOTT, 2000/1951, p. 329). Desilusão, no entanto, que pressupõe a criação desse espaço potencial, situado nesse “fora, dentro, na fronteira” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 14). A possibilidade de encontrar conforto nesse espaço intermediário, implica primeiro exercício de “ab-rogação da onipotência”, o primeiro passo para que, dali em diante, objetos “diferentes de mim” possam ser percebidos (WINNICOTT, 1971/1975, p. 16). Nesse contexto, a possibilidade de perceber um objeto como externo, “por seu próprio direito”, dependerá não apenas da falta materna, mas de sua capacidade de sobrevivência (e não retaliação) aos ataques destrutivos do bebê. A destrutividade, aqui, não é reação ao encontro com o princípio de realidade. Pelo contrário, quando seguida da sobrevivência do objeto, é operativa no corte entre o campo da fantasia (onde os objetos estarão sempre sendo destruídos) e a realidade. Ela faz parte do processo de construção do sentido de realidade (WINNICOTT, 1971/1975, p. 130).

O que nos interessa destacar nesse processo é como o trabalho de destruição-sobrevivência do objeto está, deste modo, implicado na constituição do campo da fantasia. Winnicott destaca a possibilidade de destruição-sobrevivência dos objetos na realidade como condição tanto para a constituição da fantasia quanto para a possibilidade de suportar a destruição fantasmática desses objetos. Destruir um objeto na fantasia é mais suportável que a fantasia de que o objeto corre o risco de ser efetivamente destruído na realidade. A partir de então, o sujeito é capaz de fazer uso dos objetos (WINNICOTT, 1971/1975).

Essa concepção inédita de destrutividade na constituição subjetiva emerge da experiência clínica de Winnicott e lhe permite destacar dois elementos importantes do manejo intrinsecamente relacionados: o uso das falhas do analista (WINNICOTT, 1955/1983) e a sobrevivência do analista (WINNICOTT, 1971/1975). O paciente faz uso das falhas do analista quando, em vez de se defender, este assume a responsabilidade por elas e busca compreendê-las à luz de sua significação psíquica. A destruição empreendida pelo paciente precisa ser suportada, sem retaliação (a interpretação aqui pode ter efeito retaliador) e, ao mesmo tempo, ela não pode ser desconsiderada, precisa ser reconhecida pelo analista como tal (ROUSSILLON, 2009). Desse modo, Winnicott contempla tanto o efeito reparador da não retaliação diante da agressividade despertada por uma falha ambiental quanto a dimensão positiva da destrutividade promotora da separação

entre eu e o outro. Pois, além desse dentro-fora – espaço intermediário que inaugura a experiência cultural (WINNICOTT, 1971/1975) – é preciso que se crie um dentro e um fora, que as bordas entre eu e não-eu sejam delineadas. A constituição dos limites e das bordas psíquicas será, como já se pode entrever, fundamental na clínica com pacientes limites – *borderlines* na nomenclatura winnicottiana, em especial na clínica dos pacientes falso-self (WINNICOTT, 1955/1983). Apenas quando a distinção entre *objetos internos* e *objetos externos* está construída, o *simbolismo* que torna a clássica neurose de transferência possível pode se estabelecer (WINNICOTT, 1971/1975, p. 19; 1960/2000).

A questão diagnóstica, em Winnicott, a partir de então, ganha relevância: é preciso situar *na* transferência as modalidades de sofrimento que estão em jogo (PEREIRA-ROBERT; KUPERMANN; PINHEIRO, 2012). Pois, se levarmos em conta a discussão freudiana e ferencziana sobre os problemas da hipnose e sugestão na análise e da escravidão superegoica, podemos conjecturar sobre as consequências do analista prosseguir em posição de maternagem quando o brincar já seria possível. Os mesmos riscos do dogmatismo apontado por Ferenczi (1924/2011) para análises que ocorrem em nível predominantemente intelectual parecem se configurar se o analista, narcisicamente, não permitir a desilusão progressiva e a sobrevivência à destruição a partir da qual a singularidade e criatividade podem se constituir.

A POSIÇÃO DO ANALISTA EM FERENCZI E WINNICOTT: OUTRAS VIAS PARA A PROMOÇÃO DA LENTA DEMOLIÇÃO DO SUPEREGO HOSTIL EM ANÁLISE.

Quer se atribua a Ferenczi e Winnicott um *furor curandi* (FREUD, 1915/1996), quer se reconheça autêntico *desejo do analista* (LACAN, 1964/1998), de fato, tanto Ferenczi quanto Winnicott criaram cartografia própria do manejo das transferências na clínica psicanalítica, surgidas do mesmo campo dos problemas clínicos testemunhados por Freud em *Esboço*. “O analista no lugar do superego do paciente”, a necessidade de alguns analisandos de “serem tratados como criança” e “a lenta demolição do superego hostil em análise” ganham nova perspectiva a partir da análise pelo jogo e pelo brincar.

Winnicott lembra que foi com Melanie Klein que a dimensão primitiva da constituição do superego foi oficialmente teorizada (WINNICOTT, 1955-64/1983, p. 118). No entanto, a articulação freudiana sobre as origens do superego contempla sua constituição arcaica: “o superego [...] foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o ego ainda era fraco” (FREUD, 1923/1996, p. 61). Além de legítimo “herdeiro do Complexo de Édipo” (FREUD, 1923/1996) – inegavelmente, elemento de maior destaque na teoria freudiana – o superego como resíduo “da antiga fraqueza e dependência do ego” (FREUD, 1923/1996, p. 61) fornece subsídios para articulação sobre as dimensões mais arcaicas do superego que se atualizam na análise e reatualizam as discussões sobre a constituição do narcisismo.

O conceito de identificação em Freud – especialmente as identificações narcísicas descritas em *Luto e Melancolia* (1917/1996) – e a divisão do ego no processo de defesa (1940/1996) serão retomadas em Ferenczi (1933/2001) e

ARTIGO

Winnicott (1955/2000), mas com vocabulário próprio que evidencia os impactos do traumatismo precoce e suas implicações clínicas. A aproximação entre os conceitos de clivagem traumática e identificação ao agressor, em Ferenczi (1933/2011), e o conceito de falso-self, em Winnicott (1960/1983), seriam vias possíveis para articulação metapsicológica das defesas narcísicas que se atualizam no campo transferencial e levam o analista a se deparar com fronteiras entre eu e o outro que oscilam entre abismo e identificação maciça. O analista é convocado a criar condições para que um espaço intermediário e simbólico se crie, sem o qual o trabalho interpretativo roda em falso.

Em tentativa de esboçar um entrecruzamento dos territórios clínicos mapeados entre os autores, talvez seja possível afirmar que a elaboração das resistências do superego e da pulsão de morte – aquelas que demandam a *lenta demolição do superego hostil* – está relacionada à possibilidade do analista deixar-se destruir – e sobreviver à destruição, condição para o trabalho de construção dos limites entre analista e analisando. “A destruição como causa do devir” – título do texto de Sabina Spielrein (1911/2008), precursor do conceito freudiano de pulsão de morte – ganha, em Ferenczi e Winnicott, articulação necessariamente intersubjetiva, atrelada à criação de um espaço lúdico da análise. Destruição e criação se entrecruzam, criando uma via a partir da qual o gesto espontâneo e singular pode emergir e se fazer valer, em contraponto com a impessoalidade e severidade do superego hostil, tão lentamente demolido – e que tanto resiste à destruição – ao longo do trabalho analítico.

REFERÊNCIAS

FERENCZI, S. Transferência e introjeção. In: FERENCZI, S. **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1909].

_____.; RANK, O. Perspectivas da psicanálise. In _____. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1924].

_____. A elasticidade da técnica psicanalítica. In _____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1928].

_____. Análise de criança com adultos. In _____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1931].

_____. Confusão de línguas entre adultos e crianças. In: _____. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes. 2011[1932].

_____. **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990[1932].

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1915]. v. XXIII.

_____. Luto e melancolia. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1917]. v. XIV.

_____. O ego e o id. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1923]. v. XIX.

_____. Construções em análise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1937]. v. XXIII.

_____. Esboço de psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1940]. v. XXIII.

_____. A divisão do ego no processo de defesa. Esboço de Psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1940b]. v. XXIII.

_____. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia**: artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1914].

_____. Caminhos da terapia psicanalítica. In: _____. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)**: além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1919].

GAY, P. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KUPERMANN, D. **Presença sensível**: cuidado e criação na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. A via sensível da elaboração. Caminhos da clínica psicanalítica. **Cadernos de Psicanálise - CPRJ**, v. 32, n. 23, p. 31-45, 2010.

PEREIRA-ROBERT, P. F. P.; KUPERMANN, D.; PINHEIRO, N. Paradoxos da clínica psicanalítica: o estatuto do diagnóstico no manejo da transferência. In: TRIMBOLI, A. et al. **Diagnóstico o estigma? Encrucijadas Éticas**. Buenos Aires: Asociacion Argentina de Salud Mental, 2012. p. 143-145.

ROUSSILLON, R. La destructivité et les formes complexe de la “survivance” de l’objet. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 73, n. 4, p. 1005-1022, 2009.

SPIELREIN, S. A destruição como causa do devir. In: CROMBERG, R. **O amor que ousa dizer seu nome**. Sabina Spielrein pioneira da psicanálise. 1911. Tese (doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975[1971].

_____. Formas clínicas da transferência. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Porto Alegre: Artmed, 1983[1955].

_____. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983[1959/1964].

_____. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983[1960].

_____. Contratransferência. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983[1960].

_____. **A natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990[1954].

_____. O ódio na contratransferência. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000[1947].

ZYGOURIS, R. **O vínculo inédito**. São Paulo: Escuta, 2002.

SOBRE A RESISTÊNCIA EM FREUD E FOUCAULT*

RESISTANCE IN FREUD AND FOUCAULT

Fernanda Canavêz¹Heraldo Miranda²

Resumo: O artigo discute a questão da resistência em Freud e Foucault. Aposta-se na fertilidade da diferença entre suas obras para empreender uma análise do conceito de resistência que escape aos imperativos de uma conciliação precipitada, bem como de um afastamento radical. Sugere-se que a relação entre os autores é de uma aproximação não conciliatória, pois não é possível supor uma aproximação absoluta, apesar de elementos comuns, nem uma impossibilidade de interlocução, a despeito das diferenças. Na esteira dessa leitura, a resistência é tomada como o irreduzível da experiência analítica capaz de colocar em xeque os fluxos normalizantes que esta pode adquirir.

Palavras-chave: Resistência. Psicanálise. Poder. Filosofia.

Abstract: The article discusses the theme of resistance in the writings of Freud and Foucault. We bet on fertility of the difference between their works to undertake an analysis of the concept of resistance to escape the imperatives of a overhasty conciliation, as well as a radical separation. We suggest that the relationship between the authors is a non-conciliatory approach, because it is not possible to presume absolute conciliation, although common elements, or an inability to dialogue, despite the differences. In the wake of this reading, the resistance is taken as the irreducible analytic experience, which is able to put in check the normalizing flows that it can acquire.

Keywords: Resistance. Power. Psychoanalysis. Philosophy

A proposta deste artigo é investigar alguns aspectos relativos à resistência nas obras de Freud e de Foucault sem negligenciar, no entanto, as diferenças fundamentais que perpassam os referidos campos de análise. Desse modo, ainda que cientes dos pontos inconciliáveis das duas teorias, esperamos ultrapassar a dimensão corriqueira de instrumentalização da filosofia para o mero embasamento de conceitos psicanalíticos, bem como das críticas oriundas de apropriações apresadas que podem ser feitas da psicanálise. Desta feita, o presente artigo faz uma aposta na fertilidade da *diferença* para empreender uma análise do conceito de resistência que escape dos imperativos da conciliação precipitada, bem como das dessemelhanças improdutivas.

AS RESISTÊNCIAS EM FREUD

Em primeiro lugar, a resistência foi tomada no pensamento de Freud na-

¹Psicanalista, doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. E-mail: fernadacanavez@gmail.com

²Cientista social, doutor em Ciências Sociais pela UFPA; professor do IFPA. E-mail: heraldodecristo.miranda@gmail.com

* Texto originalmente publicado em *Recherches en Psychanalyse* (CANAVÊZ; MIRANDA, 2011).

quele que entenderemos como seu sentido clássico dada a recorrência de sua aparição não só nos textos freudianos como naqueles de psicanalistas que o sucederam. Trata-se da resistência que visa a impedir a revelação dos desejos inconscientes, acepção que inaugurou a história deste conceito na obra freudiana (FREUD, 2009/1895).

Nesse sentido, a resistência surge como impedimento do acesso a verdades indesejáveis, conteúdos insuportáveis que foram associados à etiologia dos sintomas neuróticos. Dessa forma, a resistência obstaculizava o caminho rumo à cura do sofrimento neurótico. Em seus *Études sur l'hystérie* (2009/1895), Freud comenta o abandono da hipnose como método, uma vez que esta ativava “a resistência das pacientes em uma série de casos e alterava a confiança da qual eu necessitava para o trabalho psíquico” (FREUD, 2009/1895, p. 127¹). Mesmo com a substituição do método hipnótico pelo interpretativo, a partir da opção pela associação livre, a resistência continua tendo um caráter opositor ao tratamento, tendo em vista que o objetivo de uma análise continua sendo o mesmo de outrora, conforme suposição de Wainrib (2000).

Mas esta não é única acepção do termo que figura na obra freudiana. Em 1913, no texto *Sur l'engagement du traitement*, há uma mudança na tentativa de apreensão conceitual da resistência. Ao se deparar com a inoperância do ato de informar, através da interpretação, a uma jovem paciente dos conteúdos homossexuais pertencentes à sua constituição psíquica, Freud afirma que “o saber consciente[...]permanecia impotente face a essas resistências” (FREUD, 2005/1913, p. 183).

Assim sendo, a ineficácia da apropriação de um saber consciente no processo de cura do paciente expõe alguns questionamentos ao dispositivo psicanalítico, a começar pelas limitações da interpretação como método. Temos que as decepções terapêuticas provocadas pelo tornar consciente o inconsciente conduzem Freud a uma virada teórico-clínica no que diz respeito ao conceito de resistência. O que está em jogo agora é a repetição colocada em pauta por ocasião do amor de transferência, de modo que o manejo desta ganha a cena principal da técnica analítica. É apenas no terreno da transferência que as intervenções devem ser feitas, ainda que esta relação peculiar com o analista sirva também à resistência ao tratamento, em se tratando da transferência negativa e erótica. Transferência e resistência: dois lados de uma mesma moeda que carrega em si a força que movimenta e que pode estancar o processo de análise.

De maneira análoga, *informar* ao paciente a respeito de seus conteúdos latentes não leva, necessariamente, à remissão sintomática, mesmo porque há uma compulsão neurótica à repetição (FREUD, 2005/1914). Essa tendência à repetição do psiquismo coloca em destaque o papel da resistência do *isso* no processo analítico. Assim, para além da ideia de entrave à suspensão do recalque, a resistência comporta diferentes acepções, de modo que é mais legítimo falar de *resistências*, no plural. Esse aspecto múltiplo ganha ainda mais envergadura com a postulação da segunda tópica (FREUD, 1991/1923), a partir da qual cai por terra a noção de instâncias psíquicas estanques e não comunicáveis, bem como de um tipo de resistência isolável e eliminável graças ao trabalho analítico.

De maneira bastante esquemática, os tipos distintos de resistência podem ser atribuídos às diferentes instâncias psíquicas conforme sua localização tópica (FREUD, 1992/1926). As resistências do *eu* são expressas pelo recalque e pela transferência; aquela atribuída ao supereu se faz notar pela necessidade de punição/sentimento de culpa e, finalmente, a resistência do *isso* aparece como a responsável pela necessidade de perlaboração, uma vez que está intimamente associada à compulsão à repetição. Além dessas, Freud (2010/1937) ainda menciona outra fonte de resistência que torna lento o tratamento. Trata-se da chamada adesividade da libido, a qual dificulta o processo de desinvestimento libidinal e, conseqüentemente, a substituição objetal.

Ainda que diferentes tipos de resistência tenham sido tematizados, o conceito de perlaboração continua a ocupar o lugar central em se tratando da técnica psicanalítica. A noção que ganhara força de conceito desde as limitações impostas pela exclusividade do método interpretativo (FREUD, 2005/1914), só adquire ainda mais peso com a constatação de uma compulsão a repetir. Isto porque o caráter demoníaco de tal compulsão (FREUD, 1996/1919) evidencia que qualquer esforço no sentido de neutralizá-la ou suspender a resistência do *isso* – atualizada pela compulsão à repetição – está de saída fracassado. Para além da suspensão das resistências, estas devem ser apontadas para se chegar à perlaboração.

Se a compulsão à repetição coloca a perlaboração no primeiro plano da técnica psicanalítica e, por conseguinte, enaltece a importância da experiência em detrimento da tentativa de tudo apreender pela racionalização; a constatação da compulsão à repetição aponta para o que escapa à trama representacional (FREUD, 1996/1920). Ora, a compulsão à repetição levou Freud à postulação da pulsão de morte e, em última instância, colocou em xeque as tentativas de anulação da resistência e apreensão racional da trama significativa. O que a virada de 1920 traz é a inclusão da impossibilidade, do fracasso, no cerne da experiência analítica. Há um limite, um osso inassimilável, um rochedo intransponível, nos termos de Freud (2010/1937), com o qual analista e analisando devem se deparar.

Segundo Birman (2003), o conceito de pulsão de morte colocou algumas questões à filosofia do sujeito. O pensamento freudiano desconstruiu essa filosofia a partir de três deslocamentos: da consciência ao inconsciente; do *eu* pelo conceito de narcisismo e, por fim, do registro das representações (BIRMAN, 2003). Com esses deslocamentos, o discurso freudiano insere-se na filosofia trágica e da diferença, como uma ferramenta teórica nos domínios da arqueologia, da genealogia e da estética da existência encontradas em Foucault. A crítica lançada pelo pensamento freudiano à filosofia de Descartes girava em torno da ideia do sujeito enquanto fundamento, questionamento acirrado com a proposição do conflito entre pulsões de vida e de morte.

De obstáculo ao processo analítico à expressão de modos de funcionamento psíquico, as resistências mostram toda fertilidade teórica e importância clínica que possuem na obra freudiana. Trata-se de forças que falam *pelo* sujeito, nos descaminhos que este deve percorrer para fazer frente às injunções mais variadas, dentre as quais as introduzidas pelos métodos terapêuticos que buscam

subsumir os traços singulares em categorias nosográficas totalizantes e certo ideal de cura que tenta desconsiderar o caráter trágico do humano atualizado pela tensão pulsional. Por fim, munidos de tais considerações a respeito do conceito de resistência no pensamento freudiano, é possível passar a alguns pontos da obra de Foucault sobre o mesmo tema, apostando na fertilidade da *diferença* para pensar sobre a resistência no campo psicanalítico.

ALGUNS DETALHES SOBRE A NOÇÃO DE RESISTÊNCIA EM FOUCAULT

“...Nenhuma imensidão é maior que um detalhe” (FOUCAULT, 2010/1975, p.164). A frase de Foucault, lançada em seu *Surveiller et Punir* (1975), evidencia a importância dada aos pequenos resíduos, às minúsculas partículas de relações de poder que transitam em meio ao cotidiano. Propomos, assim, um simples olhar sobre alguns “detalhes” no que diz respeito à noção de resistência em Foucault, detalhes esses que nos parecem importantes para lançar algumas questões sobre aquela noção em Freud.

As referências mais pontuais sobre a noção de resistência em Foucault, indubitavelmente, dão-se a partir da década de 1970, principalmente ou determinadamente por meio dos empreendimentos reflexivos sobre o poder. Duas passagens são significativas: o primeiro volume de *Histoire de la Sexualité* (1976) e o texto intitulado *Le Sujet et Le Pouvoir* (1982).

Para refletir sobre certo tipo de saber sobre o sexo que se desvie daquela hipótese repressiva ou mesmo da noção de lei, Foucault entende como prudente um retorno à ideia de poder. Já em seu curso do Collège de France, 1973-1974, intitulado *Le pouvoir psychiatrique*, Foucault já caminha em direção a uma crítica de certas tradições de pensamento (de Rousseau à Althusser, passando por Goffman) que analisam o poder, deslocando-se da noção de poder soberano para um poder disciplinar, assinalando que, agora, o poder não pertence a alguém, pois ele se coloca em funcionamento na proporcionalidade de sua dispersão.

Declara-se não apenas a morte do soberano enquanto insígnia do poder, enquanto recanto por excelência da autoridade. A figura utilizada por Foucault para explicar a passagem de uma macrofísica da soberania a microfísica do poder disciplinar é a imagem da loucura de Jorge III, emprestada de Pinel, que fixa duas concepções de poder. De um lado, um poder que se cristaliza em um objeto, em um rei, ou mesmo em um chefe; por outro, o poder enquanto anonimato, cujo exercício se engendra senão pela dispersão da autoridade (FOUCAULT, 2003/1974).

Para o autor, é preciso compreender o poder como a multiplicidade de relações de força que são imanentes ao domínio no qual elas se exercem. Foucault afasta-se da ideia de um poder que se ancora em uma instituição ou mesmo em um sistema geral de dominação promovido por um elemento ou um grupo. Ele é antes uma situação estratégica complexa em uma sociedade: “[...]o poder não é algo que se adquire, que se subtrai ou que se partilha, algo que se possui ou que se deixa escapar” (FOUCAULT, 2010/1976, p. 123-124).

O poder, logo, não está para além de uma fronteira, ele não é um ente que está fora ou mesmo que se espreita na limítrofe de um universo, de um cenário,

de uma coisa, de uma instituição. Esse caráter de não exterioridade do poder é uma das *condições de possibilidade* da própria noção de resistência. A famosa frase: “Onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2010/1976, p.125) ratifica, por um lado, o caráter estritamente relacional da cena do poder e, por outro, a impossibilidade de se refletir a resistência, tal qual o poder, como um ente que vaga no lado de fora de um *corpus* hermeticamente fechado. Assim, os pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Para Foucault, existem vários tipos de resistência: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, solitárias, selvagens, preparadas previamente, violentas, irreconciliáveis, etc. Todas elas se realizando senão na cena estratégica das relações de poder. As resistências são

distribuídas de maneira irregular: os pontos, os nós, os lugares de resistência são disseminados com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, vestindo por vezes grupos ou indivíduos de maneira definitiva, iluminando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. (FOUCAULT, 1976, p. 127).

Portanto, não se trata da existência do poder como um lugar de superposição em sua aproximação com a resistência. Da mesma maneira que o poder, a resistência se utiliza de táticas e estratégias. Em entrevista com Bernad-Henry Lévy, em 1977, Foucault – quando perguntado sobre a condição relacional entre poder e resistência – reforça que esta última não é uma substância cujo caráter se construa anterior ou necessariamente contra o poder. Ela está, sobretudo, em uma coexistência absolutamente contemporânea ao poder (FOUCAULT, 2001/1977).

Antes de falar sobre o texto *Le Sujet et Le Pouvoir* (1982), cabe tecer alguns comentários sobre seu pano de fundo na trajetória de reflexão de Foucault. Este aparente hiato produtivo entre o volume I (1976) e o volume II de *Histoire de la Sexualité* (1984) guarda alguns dos cursos ministrados no Collège de France, relacionados diretamente com aspectos trabalhados na última fase de seus textos, a saber: a preocupação com o cuidado de si, o retorno à antiguidade greco-romana e os modos de subjetivação. Em *Subjectivité et Verité* (1980-1981), não publicado na íntegra, Foucault aponta claramente seus objetivos: refletir sobre os modos instituídos do conhecimento de si e sobre sua história. A história do cuidado e das técnicas de si seria uma maneira de fazer a história da subjetividade (FOUCAULT, 2001).

Em *L’Herméneutique du Sujet* (1981-1982), Foucault tratará do cuidado de si antigo, tentando realizar uma genealogia da história da verdade e do sujeito, ou, dito de outra maneira, da gênese da relação entre sujeito e verdade. O curso de 1982-83, *Le Gouvernement de Soi et des autres*, caminha em um ritmo temático um pouco semelhante, agora por meio da noção de *parrêsia* e da preocupação de constituição do indivíduo como sujeito: “O dizer verdadeiro, nos procedimentos de governo e a constituição de um indivíduo como sujeito por si e pelos outros” (FOUCAULT, 2008/1983, p. 42).

São esses, portanto, os temas que caracterizam a cena do texto *Le Sujet et le pouvoir*, de 1982. Neste, Foucault admite que o objetivo de seus últimos vinte anos de trabalho, mais que analisar os fenômenos do poder, foi produzir uma

história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em “nossa” cultura. Aqui, a preocupação em entender a maneira como o ser humano se transforma em sujeito aponta para ideia de que o tema do sujeito – mais que o próprio tema do poder – se constitui como traço fundamental para Foucault naquele momento.

Antes de prosseguir, é importante mencionar que, embora o termo sujeito tenha sido utilizado indiscriminadamente neste artigo, faz-se premente atentar para a não coincidência das duas noções, seja em Freud ou em Foucault. No pensamento do último, para além de um sujeito estruturado, esboçado de antemão, cuja forma subjaz sob o véu das defesas a serem descortinadas pelo psicanalista, o que está em pauta é o caráter processual dos diferentes modos de subjetivação (FOUCAULT, 2001/1982). Nesse sentido, esta concepção de sujeito estaria mais próxima das formulações herdeiras da segunda tópica freudiana, ou seja, daquelas que extraem as devidas consequências do funcionamento dinâmico das diferentes instâncias psíquicas, as quais se diferenciam progressivamente. A despeito desta discussão, serão mantidos os termos utilizados por Foucault ao longo do artigo, tais como “sujeito”, “indivíduo” e “modos de subjetivação”, embora os diferentes termos possam ter acepções igualmente distintas no campo psicanalítico.

Feita essa digressão, é possível dar sequência à argumentação sobre o poder para afirmar que Foucault propõe um alargamento desta noção – sobretudo em comparação com o modo como o poder é tomado na tradição política capitaneada por Rousseau e Hobbes – a fim de avançar naquilo que chamará de uma “nova economia das relações de poder” (FOUCAULT, 2001, p.1.046). Mas quais as estratégias de Foucault para a imersão no tema do poder, e mais especificamente, naquele do sujeito? O caminho de investigação consiste justamente em compreender as formas de resistência aos diferentes tipos de poder. A resistência serviria para colocar em evidência as relações de poder, notando onde elas se inscrevem, descobrindo seus pontos de aplicação e os métodos e estratégias que utilizam.

Ao empreender essa análise das relações de poder do ponto de vista de uma racionalidade interna, por meio da noção de resistência, Foucault circunscreve três tipos de luta, termo usado como sinônimo de resistência em sua obra. Existiriam as que se opõem às formas de dominação (étnicas, sociais, religiosas), as que denunciam as formas de exploração que separam o indivíduo de seu produto, e as que combatem tudo aquilo que liga o indivíduo a si mesmo, assegurando sua submissão aos outros (lutas contra o assujeitamento, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão) (FOUCAULT, 2001/1982).

As resistências não se opõem a uma instituição ou a um grupo, mas aos efeitos de uma técnica particular de poder que se exerce na vida cotidiana imediata, um poder cuja moldura é a subjugação e o assujeitamento. Lembremos que é na segunda metade da década de 1970 que ocorrerá esse desdobramento de uma noção de poder em Foucault. Não temos somente a ideia de um poder disciplinar, que pulveriza uma macrofísica da soberania, mas um poder que é antes um poder sobre a vida e os viventes, um biopoder. As resistências desdobram-se também para outro lugar, que não é mais da luta contra a ordem e a lei de um Estado tiranicamente soberano, mas contra o processo de assujeitamento que cobre toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorridos alguns detalhes dos pensamentos de Freud e de Foucault, pelo menos uma questão principal se impõe: há possibilidade de aproximar a noção de resistência elaborada por Foucault do conceito psicanalítico postulado por Freud? Antes de uma pretensa resposta, cabem algumas observações sobre a relação de Foucault com a psicanálise. Essa empreitada não se dá unicamente pela via do elogio, menos ainda da crítica: ela é, com efeito, ambivalente ou “inquieta, dividida e móvel” (DERRIDA, 1996, p. 100), conforme afirma Derrida por ocasião do tema da interpretação de Freud abordado por Foucault em *Folie et Déraison. Histoire de la folie à l'âge classique* (2010/1972).

É importante ainda dizer que a relação de Foucault com a psicanálise extrapolou a discussão da obra freudiana, uma vez que aquele não se furtou à discussão dos textos do psicanalista Jacques Lacan. Ainda que os textos lacanianos não tenham sido alvo de nossa abordagem neste artigo, apostamos na pertinência de apontar as formulações foucaultianas acerca de Lacan para avançar na ambígua relação entre a psicanálise e o pensamento de Foucault.

Um dos momentos mais expressivos de seu elogio à psicanálise é o último capítulo do livro *Les mots et les Choses* (2010/1966), onde esta é apresentada como uma contraciência por meio do conceito de inconsciente. Por outro lado, a partir da segunda metade da década de 1970, as críticas foucaultianas à psicanálise se fazem mais sensíveis, em especial as dirigidas ao caráter de submissão que o processo analítico pode adquirir.

Para além das críticas, em entrevista concedida a Badiou, em 1965, Foucault menciona que a postulação do conceito de inconsciente pela psicanálise remodela inteiramente as chamadas ciências humanas (FOUCAULT, 2001/1965). Essa afirmação torna-se pertinente quando se olha para os deslocamentos nos empreendimentos de pesquisa feitos por Foucault em direção à uma genealogia do poder e à uma crítica do discurso psicanalítico. O texto *Nietzsche, la généalogie, l'histoire* (FOUCAULT, 2001/1971) é emblemático para a história desse deslocamento, pois há a indicação de uma mudança de interpretação de Foucault em relação ao contexto anterior da arqueologia do discurso (BIRMAN, 2007).

No entanto, um dos momentos de maior agudeza desta nova maneira de entender a psicanálise, distante agora daquele esforço analítico presente no final de *Les Mots et les choses*, surge durante a conferência intitulada *La vérité et les formes juridiques*, proferida em 1974, no Brasil. Foucault admite que a psicanálise é feita para destruir as relações de poder; notadamente, fala ele das relações que se verificam entre dois ou mais, ou seja, assinala que a tentativa de quebrar completamente essas relações de poder é uma ideia absolutamente fecunda e que seria importante se a psicanálise registrasse essa tentativa em seu “projeto”.

Todavia, a conclusão seguinte de Foucault caminha no sentido de atribuir à psicanálise um lugar central no cenário de normalização, inserido no campo do poder disciplinar: “Devo dizer que a psicanálise, tal como ela é praticada atualmente, por tantos francos por sessão, não permite que se possa afirmar: ela é

destruição das relações de poder. Até o momento, ela foi conduzida sob a forma de uma normalização” (FOUCAULT, 2001/1974, p. 1.508). Portanto, para Foucault, a psicanálise não está livre daquele fluxo normalizante, como ele assevera: “Eu não qualificaria a psicanálise de ciência que coloca o poder em questão”(FOUCAULT, 2001/1974, p.1.509).

Vale indicar que Foucault destaca a possibilidade de resistência como o que faz frente ao processo de submissão, conforme já esboçado no que diz respeito aos diferentes tipos de luta. Em Freud é possível reconhecer uma dimensão de resistência – especialmente a partir do segundo dualismo pulsional – que escapa a toda e qualquer tentativa de submissão – como a colocada pelo imperativo do método interpretativo na busca por uma verdade subjacente – no desenrolar da experiência analítica.

Parece igualmente oportuno retomar aqui a célebre afirmação lacaniana segundo a qual a resistência se encontra invariavelmente do lado do analista (LACAN, 1995/1958, p. 595). Quando ele discute qual é o lugar da interpretação na experiência analítica e segue as vias de sua crítica à psicanálise dos “ortodoxos da Associação Psicanalítica Internacional”, Lacan afirma que a única resistência à análise é a do psicanalista, subvertendo a ideia de uma cura orientada pelos imperativos morais da consciência, que situaria a insubmissão como o que deve ser reparado por uma terapêutica direcionada ao analisando.

O caráter de submissão seria então conferido ao colorido pedagógico e sugestivo que certa direção do tratamento pode adquirir – facilmente inserido no fluxo normalizante mencionado por Foucault – e não à experiência psicanálise propriamente dita. Para além desta relação entre resistência e submissão, é possível ainda pensar no caráter intrínseco entre resistência e poder em Foucault, de modo que a resistência não se dá nem numa relação de exterioridade nem de posterioridade no que diz respeito ao poder. Como antevisto, onde há poder, inevitavelmente, encontra-se resistência.

A partir desses elementos somos convocados a problematizar a relação entre o pensamento foucaultiano e o freudiano. Segundo a investigação empreendida sobre a resistência, ficamos tentados a sugerir que a relação entre os dois autores é de uma *aproximação não conciliatória*. Isso porque não é possível supor nem uma aproximação absoluta, a despeito de elementos em comum, nem um afastamento radical; uma constatação que, convém destacar, não deve silenciar a fertilidade das indagações que a psicanálise endereça à filosofia do sujeito, nem das críticas que Foucault coloca a certa psicanálise².

Do ponto de vista de elementos em comum, temos, por exemplo, o caráter múltiplo da resistência nos dois autores e a incessante possibilidade de resistir. Por outro lado, no que diz respeito aos elementos de afastamento, sabemos que a discussão acerca do poder é extremamente cara ao pensamento foucaultiano, ao passo que em Freud não é tematizada enquanto tal. Convém ainda marcar que o conceito de resistência em Freud está intimamente atrelado ao de inconsciente, este recusado no pensamento de Foucault. Com efeito, a resistência – tal como é tematizada no campo psicanalítico – indica o que foge à lógica consciente e fala

ARTIGO

a favor da cisão subjetiva. O sujeito resiste e se “apresenta” justamente onde a apreensão consciente escapa por entre os dedos.

E Freud vai ainda mais longe: a exigência de trabalho introduzida pela pulsão avança para além dos limites da trama representacional, o que é radicalizado com a pulsão de morte. O conceito de resistência daí advindo está, por conseguinte, distante do registro de traços de caráter incorporados ao registro do eu e, portanto, do campo sob a primazia da consciência, como apontou Pontalis (1988) por ocasião da noção de defesa. Nesse caso, a despeito da impossibilidade de empreender uma justaposição entre o conceito psicanalítico de resistência e aquele encontrado na obra de Foucault, é possível seguir as críticas dirigidas pelo último ao discurso psicanalítico como uma prática normativa para sublinhar uma aceção de resistência no pensamento freudiano que se furta à submissão, apesar das tentativas para apreendê-la enquanto tal.

Sobre esse aspecto, convém retomar, uma vez mais, o texto crítico de Derrida (1996) a respeito da história da loucura empreendida por Foucault. Em menção ao *Além do princípio de prazer* (1996/1920), Derrida mostra “o lugar da maior resistência à psicanálise (pulsão de morte, compulsão à repetição, etc.)” (1996, p. 110), figurando a resistência operada pela pulsão de morte menos como o que deve ser ultrapassado a partir de injunções terapêuticas – que, por consequência, mostram-se normativas – e mais como operador capaz de fazer face à resistência da qual a própria psicanálise não é desprovida.

Assim sendo, no seio do próprio movimento psicanalítico que identifica uma resistência à análise, há ainda uma resistência da psicanálise (DERRIDA, 2000), uma resistência autoimunitária que coloque em xeque o poder daquela de colocar em crise. Ao que nós acrescentamos: de colocar em crise os fluxos normalizantes aos quais a psicanálise corre o risco de aderir quando desconsidera o irreduzível da experiência analítica que pode se apresentar como resistência à análise.

NOTAS

¹ Tradução nossa, assim como as demais utilizadas neste artigo.

² Para um desenvolvimento dos aspectos que nos levam a afirmar uma aproximação não conciliatória entre Freud e Foucault, sugerimos Canavêz (2012).

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Freud e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Foucault et la psychanalyse**. Lion: Parangon/Vs, 2007.

CANAVÊZ, F.;MIRANDA, H.Surlarésistance chez Freud et Foucault. **Recherches en psychanalyse**, n. 12, v. 2, p. 149-157, 2011.

_____. **Violência, trauma e resistência**: sobre o múltiplo na psicanálise. 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

DERRIDA, J. **Résistances de la psychanalyse**. Paris: Galilée, 1996.

_____. **États d'âme de la psychanalyse**. Paris: Galilée, 2000.

FOUCAULT, M. Philosophie et psychologie. Entretien avec A. Badiou, dossiers pédagogiques de la radio-télévision scolaire. In _____. **Dits et Écrits I - 1954-1975**. Paris: Gallimard, 2001. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. Nietzsche, la généalogie, l'histoire: hommage à Jean Hyppolite. In _____. **Dits et Écrits I - 1954-1975**. Paris: Gallimard. Paris: PUF, 2001. (Obra originalmente publicada em 1971).

_____. La vérité et les formes juridiques. In _____. **Dits et Écrits I - 1954-1975**. Paris: Gallimard, 2001. (Obra originalmente publicada em 1974).

_____. Non asexerai. Entretien avec Bernard-Henri Lévy. In _____. **Dits et Écrits II- 1976-1988**. Paris: Gallimard, 2001. (Obra originalmente publicada em 1977).

_____. Subjectivité et vérité. In _____. **Dits et Écrits II- 1976-1988**. Paris: Gallimard, 2001. (Obra originalmente publicada em 1981).

_____. Le Sujet et le Pouvoir. **Dits et Écrits II- 1976-1988**. Paris: Gallimard, 2001. (Obra originalmente publicada em 1982).

_____. **Le pouvoir psychiatrique-cours au Collège de France 1973-1974**. Paris: Hautes Études/Gallimard-Seuil, 2003. (Obra originalmente publicada em 1974).

_____. **Le gouvernement de soi et des autres-cours au Collège de France 1982-1983**. Paris: Hautes Études/Gallimard-Seuil, 2008. (Obra originalmente publicada em 1983).

_____. **L'Herméneutique du sujet-cours au Collège de France 1981-1982**. Paris: Hautes Études/Gallimard-Seuil, 2009. (Obra originalmente publicada em 1982).

_____. **Les mots et les choses**. Paris: Gallimard, 2010. (Obra originalmente publicada em 1966).

_____. **Folie et Déraison**. Histoire de la folie à l'âge classique. Paris: Gallimard, 2010. (Obra originalmente publicada em 1972).

_____. **Surveiller et punir**: naissance de la prison. Paris: Gallimard, 2010. (Obra originalmente publicada em 1975).

_____. **Histoire de la sexualité I**: la volonté de Savoir. Paris: Gallimard, 2010. (Obra originalmente publicada em 1976).

FREUD, S. Le moi et le ça. In: **Œuvres Complètes**. Psychanalyse. Paris: PUF, 1991. v. XVI. (Obra originalmente publicada em 1923).

_____. Inhibition, symptôme et angoisse. In: **Œuvres Complètes**. Psychanalyse. Paris: PUF, 1992. v. XVII. (Obra originalmente publicada em 1926).

_____. Au-delà du principe de plaisir. In: **Œuvres Complètes**. Psychanalyse. Paris: PUF, 1996. v. XV. (Obra originalmente publicada em 1920).

_____. Sur l'engagement du traitement. In: **Œuvres Complètes**. Psychanalyse. Paris: PUF, 2005. v. XII. (Obra originalmente publicada em 1913).

_____. Remémoration, répétition et perlaboration. In: **Œuvres Complètes**. Psychanalyse. Paris: PUF, 2005. v. XII. (Obra originalmente publicada em 1914).

_____. Étude sur l'hystérie. In: **Œuvres Complètes**. Psychanalyse. Paris: PUF, 2009. v. II. (Obra originalmente publicada em 1895).

_____. L'analyse finie et l'analyse infinie. In: **Œuvres Complètes**. Psychanalyse. Paris: PUF, 2010. v. XX. (Obra originalmente publicada em 1937).

LACAN, J. La direction de la cure et les principes de son pouvoir. In: LACAN, J. **Écrits**. Paris: Seuil, 1995. (Obra originalmente publicada em 1958).

PONTALIS, J.B. **Perdre de vue**. Paris: Gallimard, 1988.

WAINRIB, S. L'élaboration et les mécanismes anti-élaboratifs. In: **Revue Française de Psychanalyse**: L'élaboration psychique. Paris: PUF, 2000. p. 1165-1180.

SOBRE O RESGATE DO FUTURO: ALGUNS APORTES PSICANALÍTICOS

ON THE RECOVERY OF THE FUTURE:
SOME PSYCHOANALYTIC CONTRIBUTIONS

Eneida Cardoso Braga¹

Resumo: Neste trabalho procuramos apresentar a alteridade como categoria fundamental para a possibilidade de transformações e resgate de um futuro que não seja uma continuidade do presente, mas um autêntico devir. Tomamos como ponto de referência a obra de Freud, especialmente os aportes referentes aos textos da cultura, e também trabalhos de filósofos e psicanalistas contemporâneos. Partimos da ideia de que a supervalorização da imagem, na cultura atual, contribui para o incremento das ações de violência, e, em seguida, ressaltamos a importância da crítica e do comprometimento com o outro como forma de aberturas de possibilidades, de criação de novas perspectivas e do próprio psicanalisar.

Palavras-chave: Psicanálise. Temporalidade. Alteridade. Devir.

Abstract: In this work we aim to present alterity as a fundamental category for the possibility of transformation and recovery of a future that is not a continuation of the present, but an authentic becoming. We take as reference the work of Freud, especially the contributions relating to the culture texts, and also works of contemporary philosophers and psychoanalysts. We start from the idea that the overvaluation of the image, in the current culture, contributes to the increase in acts of violence, and then we emphasize the importance of critics and commitment to the other as a way of opening possibilities, creating new perspectives and psychoanalysis itself.

Keywords: Psychoanalysis, Temporality, Otherness, Becoming.

¹Psicóloga, psicanalista, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: eneidacardosobraga@gmail.com

Quando uma criança pequena, deixada sozinha, considera diante dela os poucos objetos que povoam sua solidão – por exemplo, uma boneca, um carretel, um cubo ou simplesmente o lençol de sua cama –, o que ela vê exatamente, ou melhor, como ela vê? O que ela faz? Imagino-a primeiramente balançando-se ou batendo suavemente a cabeça contra a parede. Imagino-a ouvindo seu próprio coração batendo contra sua têmpora, entre seu olho e sua orelha. Imagino-a vendo ao seu redor, ainda muito distante de toda certeza e de todo cinismo, ainda muito distante de acreditar no que quer que seja. Imagino-a na expectativa: ela vê no estupor da espera, sobre o fundo da ausência materna. Até o mo-

mento em que o que ela vê de repente se abrirá, atingido por algo que, no fundo – ou do fundo, isto é, deste mesmo fundo de ausência –, racha a criança ao meio e a olha.

(Georges Didi-Huberman)

A obra de Freud voltou-se essencialmente para a questão de um pensar original sobre o inassimilável, ou, dizendo de outra forma, *sobre a exterioridade que se impõe a partir do descentramento do lugar de autonomia do eu*. Não por acaso, trata-se do pensamento de alguém que experimentou na própria pele o sofrimento causado pela mais óbvia e simples das racionalidades e sua mais terrível consequência: a livre expressão da violência. Sua vida e obra foram construídas e marcadas por vivências de ódio, assassinatos e perseguições do homem pelo homem.

Talvez justamente em função disto, as questões humanas mais essenciais e complexas – dor, temporalidade, vida e morte – procuram, subterraneamente, em seus escritos, um sentido e uma forma de manifestação. Poder dar ao inominável alguma forma possível de expressão provém, é claro, de sensibilidades e intelectos que não se poderiam deixar conter pelos limites de uma racionalidade comum, o que, a nosso ver, valida e justifica plenamente o exercício da psicanálise como interrogante ativa da contemporaneidade.

Não é também por acaso, portanto, que o não reconhecimento da alteridade é um problema que só tem se agravado e cada vez mais nos surpreendido com atrocidades inimagináveis. O indivíduo não comprometido, não respondente ao outro, é o porta-voz de nossa cultura atual, de um tempo neutralizador de diferenças, solitário e egoísta. O empobrecimento das relações humanas, nesse sentido, cria um círculo vicioso de causa e consequência de violências e toda forma de desumanidade e injustiças.

Acreditamos que é somente a partir das potencialidades críticas deste campo, portanto, que Freud soube explorar com excelência e assim nos deixar tão importante legado, que poderemos encontrar formas possíveis de um resgate da ética em sua dimensão mais verdadeira. Assim, questões que se convertam em possibilidades de despertar o indivíduo contemporâneo de seu transe narcísico, que resgatem a prioridade da escuta, do olhar e do encontro com o outro, são, talvez hoje mais do que nunca, bastante pertinentes e urgentes.

Neste trabalho abordamos a importância do reconhecimento da alteridade como base fundamental para o resgate da crítica e mesmo da possibilidade de um futuro autêntico, no sentido de não configurar-se como mera repetição. Ainda que de forma breve, procuramos apresentar estas ideias em dois capítulos, primeiramente ressaltando, em recortes da teoria freudiana, os primeiros caminhos da construção do pensamento e da identidade, apontando sua importância e também sua insuficiência em abarcar experiências incomunicáveis. Em seguida, assinalamos a relevância do atrelamento entre as ações de crueldade e egoísmo com a perspectiva da temporalidade em uma certa esterilidade, pela supervalorização do presente, característica da contemporaneidade. Com isto, objetivamos evidenciar a estreita vinculação entre a alteridade e a temporalidade,

especialmente na contribuição da psicanálise para o que poderíamos chamar de um futuro autêntico.

Esperamos, assim, criar interrogantes a aprofundar condições para que o leitor possa usufruir da mais preciosa e instigante herança de Freud: o emergir das ressonâncias que brotam a partir de seu pensamento.

SOBRE A ALTERIDADE COMO FUNDAMENTO: ALGUNS APORTES PSICANALÍTICOS

A busca de significações para o que se apresenta como enigmático para nós, ou a procura de respostas para nossas interrogações, é inerente à condição humana. Sabemos que desde as mais remotas impressões de uma criança, na interação entre o mundo externo e o psiquismo, existe a tentativa de compreender a novidade a partir de registros e de reconhecimentos, como forma de abarcar em referenciais próprios a estranheza do desconhecido.

Através deste processo que, com o tempo, complexizamos, torna-se possível construir uma singularidade e um lugar a partir do qual também nos fazemos ouvir e é com as marcas dessas experiências de atribuição de significados, especialmente as primeiras, que nos conduzimos ao longo da vida. Este processo é, portanto, constitutivo, matriz de outros processos identitários e também considerado como referência de maior ou menor saúde psíquica, dependendo dos recursos individuais de mobilidade e flexibilização desses conceitos internalizados.

De qualquer forma, a ideia que perpassa este processo de assimilação da novidade parte sempre de um encontro, no sentido de um oferecimento da novidade, e é disto que Freud nos fala, já em 1895 (“Projeto para uma psicologia científica”), devorado pelos pensamentos iniciais que posteriormente viriam estruturar sua teoria analítica:

É por este motivo que é em seus semelhantes que o ser humano aprende a (re)conhecer. Os complexos perceptivos emanados desses seus semelhantes serão, então, em parte novos e incomparáveis – como, por exemplo, seus *traços*, na esfera visual; mas outras percepções visuais – o movimento das mãos, por exemplo – coincidirão no sujeito com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes, emanadas de seu próprio corpo, (lembranças) que estão associadas a lembranças de movimentos experimentados por ele mesmo. [...] Desse modo, o complexo do ser humano semelhante se divide em duas partes, das quais uma dá impressão de ser uma estrutura que *persiste* coerente como uma *coisa*, enquanto que a outra pode ser compreendida por meio da atividade da memória – isto é, pode ser *reduzida* a uma informação sobre o próprio corpo (do sujeito). (FREUD, 1976, p. 438, grifos nossos).

A preocupação essencial de Freud naquele momento era com o processo perceptivo e a assimilação, pelo indivíduo, de novos registros que inaugurariam o desejo. Nosso destaque, porém, será dado ao pequeno recorte que Freud faz, mas não se detém ainda a aprofundar, ou seja, que existem dois momentos distintos neste processo.

No trecho que destacamos, vemos que Freud propõe, na origem da percepção e do (re)conhecimento, a possibilidade de compreensão do que vem do semelhante através de uma *redução* a uma informação já armazenada e passível de ser evocada pela memória, ou seja, a percepção fica associada a uma lembrança.

Ao mesmo tempo, no detalhe da citação que referimos, Freud reconhece outra parte deste processo, uma parte que *persiste* como uma estrutura não coincidente com o sujeito, que não se deixa reduzir e que ele chama de “complexos novos e incomparáveis”. Assim, além do que é possível assimilar, pelo reconhecimento, em si próprio, Freud aponta-nos para algo mais, algo que não está registrado na memória e, portanto, permanece como inalcançável e irreconhecível. Queremos ressaltar este ponto, pois entendemos que é neste pequeno detalhe que podemos encontrar uma primeira e importante referência ao sentido inapreensível de alteridade na obra de Freud.

Ao marcar que algo do semelhante *persiste* como inacessível ao sujeito, Freud já contempla, antes mesmo da estruturação do modelo de aparelho psíquico, a contraditoriedade de um “reconhecimento” que extrapola a consciência. É claro, trata-se de registros que contêm em si mesmos a possibilidade de construção do método que viria a se estabelecer posteriormente, mas o que nos parece relevante aqui, ainda ao final do século XIX, é que a representabilidade existe, mas a psicanálise não a reconhece como prioridade. Ela é secundária a outro conteúdo, por sua vez irrepresentável em sua totalidade. Estamos aqui, portanto, no referencial psicanalítico, no limite do que é alcançável pela consciência, no paradoxo da insuficiência do que o pensamento concentra como próprio, no encadeamento e coerência de sua identidade; e a necessidade de rompimento com esta mesma identidade como abertura ao que *vem de fora*, como forma de não estagnar-se. Essencialmente, estamos diante da *ruptura da posição ativa* do sujeito em relação ao conhecimento e à experiência. Não há *domínio*, pelo contrário, há *passividade* diante de um mistério.

Sobre a questão do mistério como elemento intrínseco à prática analítica, é interessante considerarmos uma esclarecedora análise do psicanalista Christian Dunker. A propósito da própria criação da psicanálise, ele ressalta que a descrição dos casos clínicos tem uma contribuição importante na argumentação em favor de sua eficácia como método. É notável, por exemplo, que a maior parte dos casos clínicos de Freud sejam relatos de fracassos, se levarmos em conta que “Dora abandona o tratamento precocemente, o Homem dos Lobos torna-se um paciente crônico, Anna O. indis põe-se com a psicanálise e dedica sua vida à assistência social, a Jovem homossexual é um caso que não passa das entrevistas preliminares” (DUNKER, 2011, p. 544). Com esta observação, o que parece estar em jogo através do fracasso é a insuficiência do cientificismo para abarcar um dispositivo que se alicerça em sua própria crítica. Dunker ressalta ser justamente esta qualidade de pensamento que está na base da ideia de construção:

A noção de construção aponta para o terreno da realidade (*Realität*) e do Real (*Wirklichkeit*) sem que este se confunda com o critério da verdade (*Wahrheit*). As três dimensões da noção de construção, metodologicamente enfatizadas aqui, possuem estreita relação com as linhagens históricas que

deram origem à psicanálise como prática de cura, psicoterapia e clínica. (DUNKER, 2011, p. 543).

Essas três dimensões, a da cura, a psicoterapêutica e a clínica, conforme Dunker, constituem a prática analítica e combinam-se na escrita freudiana dos casos clínicos, especialmente porque a escrita da psicanálise se assemelha em muito a uma narrativa, no sentido benjaminiano do termo. Assim, longe de ser uma descrição fidedigna, uma narrativa clínica é apenas *uma versão* da história, na qual os traços que a caracterizam são

a transformação criativa entre memória e história, valorização do lado épico da verdade, inerência a uma tradição oral, recusa da soberania da informação, economia de explicações, fala autoral que se elabora em seu próprio processo e apropriação coletiva de uma experiência. (DUNKER, 2011, p. 567).

Na escrita do caso clínico, portanto, estão presentes as propriedades de um sistema de transmissão que Dunker afirma se darem no terreno literário, mais especialmente na forma do romance policial e nesta mesma perspectiva está a ligação que apontamos com o que, no referencial psicanalítico, escapa da relação de domínio e posse e se configura como um mistério:

Lembremos que o romance policial realista (Poe, Doyle, Chesterton) é um conto estendido, com narrador onisciente em *flashback*, ao modo de uma aventura, com eventuais tons góticos, cômicos ou líricos. Ao longo do século XX esta fórmula transformou-se completamente com a aparição do romance policial moderno (Chandler, Christie, Sayers) de grande apelo popular, narrado em primeira pessoa e compatível com a emergência social do cinema e da cultura do entretenimento. Ambas as formas de romance policial giram em torno do problema formal representado pela impossibilidade de contar consistentemente uma história de forma linear e completa. Daí que a solução não esteja em descobrir quem cometeu o crime, mas na possibilidade de contar a história novamente, mesmo que agora, com o enigma desvendado, não exista nenhum interesse real em fazer isso. (DUNKER, 2011, p. 569).

Assim, Dunker ressalta que da mesma forma que no romance policial se faz necessária uma solução aparentemente óbvia, com a qual o escritor vai ludibriar o leitor até surpreendê-lo com uma solução mais verdadeira, o caso clínico necessita de uma escuta que possibilite a ruptura de uma repetição, também aparentemente óbvia, e traga o imprevisível como construção.

Por isso, a escuta analítica oferece ao sujeito a possibilidade de questionamento e ruptura de crenças e modelos representacionais e, assim, permeada pela presença do que é desconhecido, do que está sempre por vir, é que pode oferecer perspectivas diferentes, transformadoras.

Do incognoscível do outro, semelhante, Freud seguiu sua intuição e, sem deixar-se desanimar pelo cientificismo da época, que muitas vezes lhe custou não só a reputação como médico como caríssimas amizades, seguiu rigorosamente seu propósito, dirigindo seu olhar a muitos outros fenômenos não

representáveis, que se fizeram alicerces de sua teoria. Dentro dos temas irrepresentáveis, sobre a questão da morte, por exemplo, escreveu um belo texto com suas reflexões sobre a guerra que presenciava, em 1915 (“Reflexões para os tempos de guerra e morte”).

Na confusão dos tempos de guerra em que nos encontramos, confiando, como somos obrigados a, em informações unilaterais, demasiadamente próximos das grandes mudanças que já se verificaram ou que começam a se verificar, e sem um vislumbre do futuro que está sendo plasmado, nós próprios ficamos perplexos diante da importância das impressões que nos pressionam e diante do valor dos julgamentos que formamos. Não podemos deixar de sentir que jamais um evento destruiu tanto de precioso nos bens comuns da humanidade, confundiu tanto das inteligências mais lúcidas, ou degradou de forma tão completa o que existe de mais elevado. A própria ciência perdeu sua imparcialidade desapaixonada; seus servidores, profundamente amargurados, procuram nela as armas com que contribuir para a luta contra o inimigo. Os antropólogos sentem-se impelidos a declará-lo inferior e degenerado, os psiquiatras dão um diagnóstico da sua doença da mente ou do espírito. Provavelmente, contudo, nosso sentimento quanto a esses males imediatos é desproporcionalmente forte e não temos o direito de compará-los com os males de outros tempos que não experimentamos. (FREUD, 1974, p. 311).

E segue:

O indivíduo que não é ele próprio um combatente – e desta forma um dente da gigantesca engrenagem da guerra – sente-se atônito em sua orientação e inibido em seus poderes e atividades. Creio que receberá de bom grado qualquer indício, por mais leve que seja, que lhe torne mais fácil encontrar seu rumo pelo menos dentro de si. (FREUD, 1974, p. 311).

Freud empresta-nos sua incredulidade para narrar o indescritível e nos fazer ver que há um encadeamento coerente e extremamente racional, entre os que fazem parte da *engrenagem da guerra*, na direção de seus esforços para a destruição e o assassinato. Sem a esperança de encontrar coerência na exterioridade, acena com a possibilidade da procura de um norte entre os que podem *olhar de fora* a barbárie. Propõe como tarefas fundamentais a análise do sentimento de desilusão que a guerra provocou e a modificação de nossa atitude para com a morte. Segue nos apontando como a realidade da guerra afronta as ilusões que construímos como forma de proteção aos nossos ideais (“Reflexões para os tempos de guerra e morte”).

Esperávamos que as grandes nações de raça branca, dominadora do mundo, às quais cabe a liderança da espécie humana, que sabíamos possuírem como preocupação interesses de âmbito mundial, a cujos poderes criadores se deviam não só nossos progressos técnicos, no sentido do controle da natureza, como também os padrões artísticos e científicos da civilização – esperávamos que esses povos conseguissem descobrir outra maneira de solucionar incompreensões e conflitos de interesse. Dentro de cada uma

dessas nações, elevadas normas de conduta moral foram formuladas para o indivíduo, às quais sua maneira de vida devia conformar-se, se ele desejasse participar de uma comunidade civilizada. (FREUD, 1976, p. 312).

E então, diz, contrariando todas as expectativas sobre o enobrecimento das qualidades da civilização, “a guerra, na qual nos recusávamos a acreditar, irrompeu, e trouxe – desilusão” (FREUD, 1976, p. 311). *Estrangeiro* torna-se sinônimo de *inimigo*; todas as restrições com as quais os Estados se comprometeram a observar são desprezadas; e a guerra esmaga, com fúria, tudo o que surgir em seu caminho, como se não fosse mais haver futuro, diz Freud.

Sua visão contempla, assim, a existência de impulsos muito primitivos, egoístas e cruéis, na essência da natureza humana. Impulsos que observou virem à tona na doença mental e principalmente nos sonhos, quando nos é permitido o desligamento temporário da moralidade e de sentimentos mais elevados. A guerra estaria entre as forças que provocam esta regressão aos estados mais primitivos, revelando sua natureza imperecível. “Quando uma aldeia se transforma numa cidade ou uma criança num homem, a aldeia e a criança ficam perdidas na cidade e no homem” (FREUD, 1976, p. 322). Com esta peculiaridade do processo de desenvolvimento, no qual a expressão do que é mais primitivo está sempre presente e passível de manifestação, Freud conclui que a civilização está alicerçada na hipocrisia, mas com a ressalva de que se o “mal” não pode ser erradicado, pode ser inibido, dirigido a outras finalidades, e que se pode preparar, através dos tempos, um mundo melhor:

Assim, existem muito mais hipócritas culturais do que homens verdadeiramente civilizados – na realidade, trata-se de um ponto discutível saber se certo grau de hipocrisia cultural não é indispensável à manutenção da civilização, de uma vez que a suscetibilidade à cultura, que até agora se organizou nas mentes dos homens dos nossos dias, talvez não se revele suficiente para essa tarefa. Por outro lado, a manutenção da civilização, mesmo numa base tão dúbia fornece a perspectiva de, a cada nova geração, preparar o caminho para uma transformação de maior alcance do instinto, a qual será o veículo de uma civilização melhor. (FREUD, 1976, p. 321).

Notemos, através desta passagem, que Freud vislumbra esperança para a civilização através da transformação da descarga pulsional da agressividade em destinos mais elevados, como a sublimação, por exemplo. Ao falar de esperança, aponta para as novas gerações, para a possibilidade de construção de um devir, como algo novo a ser criado. A bem da verdade, trata-se da mesma questão do mistério que a alteridade nos oportuniza receber, como referimos anteriormente.

Deste modo, procuramos até aqui evidenciar como estão presentes, na obra freudiana, a insuficiência das capacidades do pensamento e da percepção em contemplar questões não representáveis, por extrapolarem o que o indivíduo – como singular, limitado por sua consciência autorreferencial – apreende, e a importância do rompimento destas referências para que transformações aconteçam. A partir disto, procuramos ressaltar, em nosso segundo capítulo, que a alteridade condiciona a própria existência da temporalidade, ou seja, são categorias que

não podem ser compreendidas isoladamente.

ALTERIDADE E TEMPORALIDADE: ESTRUTURAS INDISSOCIÁVEIS

O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.

(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11)

Publicada ainda antes do final da Segunda Guerra Mundial, a pergunta lançada nas primeiras páginas da *Dialética do Esclarecimento* permanece bastante pertinente e atual. O século XX foi fortemente marcado por episódios de ódio, medo, terror e extrema violência. Atualmente, tampouco temos conseguido deixar de nos fazer a mesma pergunta. Seria uma atitude ingênua e exageradamente otimista esperar que, ao longo do progresso civilizatório, atitudes de humanidade pudessem inibir a barbárie? Por que razões a civilização tem fracassado em seus esforços para este propósito?

Na concepção de Adorno e Horkheimer, por exemplo, temos que esses antagonismos são indissociáveis. O argumento principal dos autores é o de que o progresso da civilização contém, em suas origens, aspectos de dominação, racionalização e repressão, o que, ao mesmo tempo, acaba por assinar uma espécie de fracasso da própria civilização: o esclarecimento, imprescindível para o processo civilizatório, como expressão da razão, é mitificado, enraizado na dominação e, portanto, na condição do submetimento. Assim, esta força de dominação que impulsiona o desenvolvimento, é, no entendimento dos autores, também o enfraquecimento da razão.

Como abordamos na primeira seção, a racionalidade tem o afã de classificar, reduzir e assimilar, para poder apossar-se do que conhece, como conteúdo. Apossa-se de todos os elementos, transformando-os em objetos, e, desta forma, não dispõe de meios para poupar nem mesmo os próprios homens. Na linha de raciocínio desenvolvida por esses autores, o desafio é, a partir disto, poder lançar luz a esses princípios carregados de repressão e objetivação que a construção da sociedade traz consigo, de forma a não excluí-las de nosso alcance e de nossa análise. Nessa medida, a nosso ver, a filosofia, a psicanálise, tanto quanto outros saberes plurais que têm dispositivos para olhar para esses pontos que não se resolvem através da racionalidade, estão comprometidos com esta causa. É através destas perspectivas críticas que, nesta seção, abordamos alguns desses elementos que consideramos fundamentais para nosso tema.

Se tomamos o ponto de vista psicanalítico, por exemplo, temos que Freud, em toda sua obra, foi sempre muito explícito com relação às dificuldades em se inibir a crueldade humana e quase nunca demonstrou otimismo com relação a este propósito. Entretanto, não serviria à psicanálise o estigma de alienação frente aos esforços civilizatórios, principalmente por seu caráter essencialmente ético. Além disso, é importante ressaltar também que Freud não desenvolveu suas teo-

rias no sentido de uma separação entre indivíduo e cultura, tampouco subestimou a importância dos aspectos da coletividade na realidade psíquica do sujeito. Podemos testemunhar isto facilmente através dos exemplos da universalidade dos Mitos do Complexo de Édipo e da Horda Primeva, da ideia da expressão dos elementos recalcados através da linguagem, entre tantas outras intersecções.

Não seria exagero afirmar, inclusive, que a psicanálise nasce justamente da ruptura desta dicotomia entre indivíduo e cultura, o que reforça a ideia de que é sua qualidade primeira o comprometimento com a escuta, com o contexto e a memória dos sofrimentos da humanidade. Freud desenvolve esta linha de raciocínio de forma bastante esclarecedora em “O Mal-Estar na Civilização” (FREUD, 1976), texto no qual nos apresenta sua tese de que os grupos culturais apresentam um desenvolvimento análogo ao dos indivíduos, à medida que pulsões de vida e de morte se fazem presentes em indivíduos e comunidades, apenas variando em suas expressões:

Assim como um planeta gira em torno de um corpo central enquanto roda em torno de seu próprio eixo, assim também o indivíduo participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo que persegue o seu próprio caminho na vida. Para nossos olhos enevoados, porém, o jogo de forças nos céus parece fixado numa ordem que jamais muda; no campo da vida orgânica, ainda podemos perceber como as forças lutam umas com as outras e como os efeitos desse conflito estão em permanente mudança. Assim também as duas premências, a que se volta para a felicidade pessoal e a que se dirige para a união com os outros seres humanos, devem lutar entre si em todo indivíduo, e assim também os dois processos de desenvolvimento, o individual e o cultural, têm de colocar-se numa oposição hostil um para com o outro e disputar-se mutuamente a posse do terreno. (FREUD, 1976, p. 166).

Contudo, Freud adverte que “essa luta entre o indivíduo e a sociedade não constitui um derivado da contradição – irreconciliável – entre os instintos primários de Eros e de morte” (FREUD, 1976, p. 166). Existe uma evolução libidinal presente também na história da humanidade, a qual se pode considerar “neurótica”. Trata-se de uma luta na própria economia da libido, de forma análoga a descrita no movimento de distribuição de energia entre o Eu e os objetos no estudo do narcisismo¹. A propósito, Freud refere que na vida coletiva a pulsão de vida – Eros – se manifesta na reunião de grupos, como associações e famílias; e as pulsões de morte, irrepresentáveis e silenciosas, se expressam nos impulsos destrutivos e nas guerras:

Em determinado ponto do decorrer dessa investigação, fui conduzido à ideia de que a civilização constituía um processo especial que a humanidade experimenta, e ainda me acho sob a influência dela. Posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Por que isto tem que acontecer, não sabemos, o trabalho de Eros é precisamente este. Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em co-

mum, por si sós, não as manterão unidas. Mas o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a este programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante da pulsão de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. (FREUD, 1976, p. 144).

A partir dessa concepção, e para que sigamos no propósito de responder às questões iniciais, é preciso que nos perguntemos ainda de quais meios a civilização poderia se utilizar para inibir a agressividade que lhe faz oposição. Freud propõe a ideia de que esta agressividade é contida pelo sentimento de culpa, tensão criada entre superego e ego e que acaba por estabelecer uma espécie de “guarnição numa cidade conquistada” (FREUD, 1976, p.147). O superego, instância surgida na interface entre o individual e o social, age como mediadora, portanto, entre o campo pulsional e a lei. Deste modo, o sentimento de culpa é a expressão da luta entre as pulsões de destruição e as pulsões de vida, e a possibilidade de renúncia pulsional o preço possível – e ao mesmo tempo, mais caro – a ser pago contra ele. A tese de Freud é a de que o indivíduo se torna neurótico por desejar subtrair-se à cultura, ao não suportar as frustrações impostas e atribuir a ela a causa de todos os seus sofrimentos. É importante assinalarmos que no processo descrito estão envolvidas não só as pulsões da ordem da agressividade e a renúncia pulsional como também o equilíbrio narcísico do sujeito.

A propósito disto, retrocedendo um pouco no decorrer da obra freudiana, temos que o narcisismo tem o estatuto de um conceito a partir do texto de 1914 (“Sobre o narcisismo, uma introdução”), quando Freud se utiliza da tradição grega para designar um lugar fundamental no desenvolvimento humano, precedida pelo autoerotismo e anterior à eleição de objetos de amor. Neste momento das elaborações de Freud, a dualidade de investimentos dividia-se entre o Eu e os objetos. A partir de 1920, no momento em que ele introduz a segunda teoria da dualidade pulsional, a dualidade opõe pulsões de vida e de morte, e o *desamparo* passa a ser a condição principal do indivíduo. A partir de então, diante da imprevisibilidade e de suas limitações, toma lugar no psiquismo humano uma batalha interminável contra esta modalidade de pulsão sem representação e portanto, sem objeto de satisfação.

Do ponto de vista psicanalítico, o desamparo é, portanto, a marca da condição humana. O discurso de Freud adquire então um tom de dureza e descrença para com quaisquer modelos de saída possível para este impasse, especialmente os da religião e da ciência. Não há fórmula para um bem-estar universal, como prometiam os ideais iluministas, mas apenas um bem-estar restrito e conquistado de forma singular, de acordo com a luta libidinal de cada indivíduo. Podemos dizer que foi este afastamento da psicanálise do modelo cientificista que atribuiu ao olhar de Freud uma perspectiva muito mais sombria e crítica sobre a cultura. Assim, em “O futuro de uma ilusão”, de 1927, escreve:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização

– apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar, porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação pulsional que a riqueza existente torna possível; em segundo, porque, individualmente, um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolha como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal. (FREUD, 1976, p. 16).

Notemos que Freud evidencia neste trecho importantes paradoxos: ainda que os homens sejam incapazes de viver isoladamente, mesmo assim sentem como um pesado fardo o que a civilização deles espera, no sentido de tornar possível a vida comunitária. Tendências destrutivas e antissociais são suficientemente fortes e presentes em todos, e um Freud pessimista e bastante marcado pelas vivências da Primeira Guerra Mundial ressalta que é difícil sabermos em que medida seria possível reduzir o ônus da imposição dos sacrifícios e renúncias pulsionais em troca de compensações. Paradoxal também é o fato de que o avanço do conhecimento e do trabalho em comum tenha colocado os homens uns contra outros: “Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção” (“O futuro de uma ilusão”), diz Freud (1976, p. 17), nos apontando ainda que “depois que o homem primevo descobriu que estava literalmente em suas mãos melhorar a sua sorte na Terra através do trabalho, não lhe pode ter sido indiferente que outro homem trabalhasse com ele ou contra ele” (p. 17). Assim, a civilização obedeceria às leis da necessidade, impondo restrições e gerando injustiças. O conflito irreconciliável resultante seria uma *incapacidade do indivíduo em renunciar ao egoísmo* e à vantagem pessoal em troca da prioridade do bem comum.

Se nos reportarmos ao modelo cultural no qual vivemos, principalmente desde o século XX, vemos na “Sociedade do Espetáculo” (se utilizamos o termo de Guy Debord) que os ideais são facilmente relegados em favor da dimensão do consumo e as subjetividades esvaziadas em favor do egocentrismo e da imagem. Não por acaso, o discurso midiático – onipresente – e, mais recentemente, as imagens nas redes sociais têm servido para disfarçar e ocultar mecanismos de sustentação de poder e submetimento. Da mesma forma, se nos consentimos a licença de parafrasear Freud, também não poderia ser indiferente aos indivíduos que a própria cultura exercesse um forte apelo ao incremento do narcisismo (oferecendo, através da mídia, inúmeros elementos substitutivos para a exaltação do eu), ou para sua renúncia. Sobre esses apelos, Birman afirma:

Pelos imperativos da estetização da existência e de inflação do eu, pode-se fazer a costura entre as interpretações de Debord e Lasch, já que a exigência de transformar os incertos percalços de uma vida em obra de arte evidencia o narcisismo que o indivíduo deve cultivar na sociedade do espetáculo. Nessa medida, o sujeito é regulado pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro. Este é apenas um objeto predatório para o gozo daquele e para o enaltecimento do eu. As individualidades se transformam, pois tendencialmente, em objetos descartáveis, como qualquer objeto vendido nos supermercados e cantado em prosa e verso pela retórica da publicidade. Pode-se depreender, com facilidade, que a alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência que tendem ao silêncio e ao esvaziamento. Toda essa construção, colorida pelos ouropéis do artifício, é mediada pelo universo da imagem. [...] A imagem é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio, sem a qual o ideal de captura do outro não pode jamais se realizar nesse festim diabólico de exibicionismo. (BIRMAN, 1999, p. 188).

É fácil percebermos, neste contexto, um tipo de discurso no qual a lei que submete aos indivíduos opera na dimensão do desejo mas de forma a convocar para um *gozo sem restrições*. Dessa forma, se a imagem se sobrepõe ao original, se a publicidade vende ideais de felicidade, o indivíduo só acredita poder obtê-los priorizando o parecer em relação ao ser; o egoísmo em relação à disponibilidade e à escuta. As regras do jogo são rapidez e fluidez, onde a realidade é subvertida pelo poder da imagem e o sujeito, conseqüentemente, esvazia-se de reflexões e responsabilidades. Temos assim as fórmulas perfeitas para o estabelecimento e a manutenção de uma cultura narcisista, como se esta inaugurasse uma nova concepção de realidade:

A produção desse imaginário social se realiza de diversas maneiras, entre as quais se destaca a mídia. Sem esta o espetáculo se esvazia, perdendo seu colorido retumbante e o poder de captura do outro. Tanto pelas vias da televisão quanto da informática e do jornalismo escrito, a cena pública se desenha sempre pelas imagens. Desta maneira, não se pode mais opor o original à cópia, pois o *simulacro* perpassa a totalidade do tecido social, constituindo uma nova concepção de realidade e do que é real. (BIRMAN, 1999, p. 188).

Ora, todas essas lógicas, além de estarem a serviço de um incremento do narcisismo, têm como propósito, também, a negação da finitude, à medida que se produz a ilusão de que o tempo não transcorre, e também, conseqüentemente, da negação da própria morte. Sem futuro, não há morte nem morrer. É claro que o tributo a ser pago é alto: o congelamento do tempo impede as ações que poderiam superar a angústia e a fragilidade do sujeito diante do abismo no qual a existência humana é confrontada incessantemente a tentar transpor. A *imagem* que pode ser adquirida pelo *consumidor* (e, de fato, é oferecida incessantemente pelo discurso publicitário) sobrepõe-se a outras formas de visibilidade do sujeito. Maria Rita Kehl descreve este processo:

Apresentados como objetos de gozo, a partir de um discurso que se asseme-

lha ao das formações do inconsciente – onde não existem a negação e a morte, não existem as restrições impostas pelo tempo ou pelo outro –, os objetos e imagens da sociedade do espetáculo vão sendo costurados em uma horizontalidade absoluta, sem necessidade de nenhum significantes que se destaque de um lugar diferenciado – como o lugar do pai, portador dos ideais, ou do líder capaz de produzir uma imagem para a identificação dos membros da massa. Por esta mesma razão, os objetos e imagens da sociedade do espetáculo convocam o sujeito a aparecer enquanto consumidor: sua visibilidade é reconhecida no ato do consumo, e não na ação política, e para isso a publicidade tem que trabalhar não com os ideais, mas com o seu avesso. (KEHL, 2004, p. 157).

Nesta fluidez característica de descartáveis também os acontecimentos precisam manter seu caráter de novidade permanente, reduzindo-se à condição de objetos e mercadorias. Na invisibilidade do passado (desvalorizado, reduzido e ignorado), ficam esquecidos o trabalho dos homens, as marcas das narrativas, os conhecimentos dos antepassados, as minúcias, as singularidades e diferenças, enfim, uma infinidade de elementos que constituem uma trama de ações fecundas e subjetivas para construir perspectivas inovadoras. Acercamo-nos assim da principal linha argumentativa que queremos ressaltar aqui, o fato de que este movimento narcísico da cultura contemporânea opera na dimensão da temporalidade reduzindo-a e aprisionando-a a um absoluto *presente*, ou seja, ele obstaculiza a possibilidade de configuração e vivência de um futuro autêntico. Na perspectiva narcísica, o futuro não poderia ser mais que uma *ilusão* de futuro, pois existiria apenas como *projeção* a partir do presente, a partir do domínio de um eu inflado, estéril e pretensamente autossuficiente.

Encontramos esta ideia da vivência de um “presente narcísico” também em “O Futuro de uma Ilusão” quando em 1927, Freud analisa as possibilidades de futuro da civilização. Ressalta que, em geral, o presente é vivido de forma ingênua pelas pessoas, o que as impede de ter um olhar mais crítico, a não ser que seja possível observá-lo como passado, de forma que se possam produzir “pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro” (“O futuro de uma ilusão”) (FREUD, 1976, p. 15).

Estamos no cerne da questão que inicialmente abordamos, no sentido da impossibilidade de dissociação entre a temporalidade e as formas de violência, esta, de modo geral, entendida pela psicanálise como impossibilidade de alternativas de transformação ao despertar do indivíduo do seu transe narcísico, na tensão que, conforme estamos analisando, se estabelece pela relação com a cultura. Fica evidente, assim, que Temporalidade e Alteridade são conceitos que estão vinculados de forma a não poderem ser compreendidos isoladamente. Indissociáveis, são o fundamento de todo pensamento que é capaz de conceber a diferença, como a própria psicanálise. Ricardo Timm de Souza comenta:

Na origem da psicanálise e de suas descobertas habita, assim, uma crença pré-racional, anterior a qualquer lógica, no *Diferente* temporal, no que não se resolve simplesmente no “Mesmo” da razão, e em sua “permanência” em um estado de tensão constante. Esta é sua condição *fundamental*. Quando

a psicanálise diz que, geralmente, o que parece “ não é”, está também dizendo de forma simultânea algo porventura mais surpreendente, e isto de forma incisiva: que “o que é” não é *tudo*. Esta é sua dimensão mais recôndita, aquela que o mundo contemporâneo de Freud talvez não pudesse simplesmente entender, mas à qual os cataclismos do século prepararam uma boa e crescentemente significativa recepção. Desta forma, a “descoberta” da psicanálise está a exigir crescentemente “meta-descobertas” que retraiam novamente ao fulcro de sentido sua *irresolução* original.²

A partir dessas formas de pensamento, como potências interrogantes, estão as brechas para que a exterioridade apareça, estão os espaços para que, a partir da renúncia a uma realidade ilusoriamente acabada e resolvida narcisicamente, possa inaugurar-se um futuro que seja um autêntico devir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos fazer emergir um horizonte comum que, com todas as limitações decorrentes das definições, apontamos como uma importante intuição freudiana: a imposição da alteridade em relação aos anseios de autonomia do eu, seus efeitos traumáticos e suas consequências para a cultura contemporânea. Vimos que essa questão coloca ao avesso o império da razão e do cientificismo que marcou o século XIX, exigindo a prática de um outro registro de consciência que reconheça as experiências incomunicáveis e inassimiláveis como os sonhos, a loucura, a temporalidade e a morte.

Assim, na elaboração de suas obras, onde o devir parece fazer parte da própria construção dos textos, Freud escreve e inscreve, reescreve e reinscreve, precisando repetidas vezes retornar e retomar significados – ônus comum aos pensamentos que estão continuamente buscando transcender a margem extrema de seus limites. Condição, também, reafirmamos, característica da judeidade e do exílio, que o marcou na obsessão em legitimar a diferença, em transformar o sofrimento em potência criadora, – Eros – e, fundamentalmente, em priorizar a diferença, que aqui chamamos *alteridade*.

Procuramos seguir uma linha de pensamento que pudesse extrair, deste contexto, elementos que se aproximassem da questão fundamental que Freud inicialmente ressalta em suas obras – a impossibilidade de se abarcar, em um mesmo processo de pensamento ou de consciência, os registros que nos servem como base e referência identificatória e o que resta como inalcançável e enigmático, e as proposições daí decorrentes. Em seguida, com o tema da temporalidade sempre como nosso “pano de fundo”, ressaltamos o constante atrelamento entre esta e a alteridade, analisando os muitos desdobramentos que se refletem na cultura contemporânea.

Esperamos ter podido, assim, fazer eco ao trecho de Didi-Huberman que utilizamos como epígrafe do trabalho e que descreve, numa clara alusão ao jogo do Fort-Da, a experiência vivida por um bebê, no momento em que ele, simultaneamente, vê e é olhado por um objeto. Nesta dialética do olhar, o autor descreve o instante – intraduzível para o pensamento – em que algo provindo do exterior,

de um fundo de ausência, invade o psiquismo do bebê e o fere, pelo rompimento da solidão e da indiferença. A partir daí, algo novo poderá, assim, *revelar a alteridade*, desfazendo a linearidade de uma temporalidade sincrônica e narcísica.

No decorrer de nossas vidas, podemos iludir-nos, de diversas formas, com a ideia de que temos um fio de carretel sob nosso comando e que nos permitirá recuperar, sempre que desejarmos, o objeto ausente, e sabemos que Freud tem como ponto central de sua obra, o fato de que a radicalidade da ausência, na verdade, sempre permanecerá. Nesta mesma metáfora do carretel, podemos também observar como as perspectivas estão intrinsecamente relacionadas à temporalidade: se mantivermos a ilusão de possibilidade de recuperação do objeto perdido, ou, dizendo de outra forma, se acreditamos na ilusão de completude, seja através de substitutos que o mundo contemporâneo nos oferece (consumo exagerado, drogas, medicalização excessiva), seja pelo incremento do narcisismo, viveremos uma estagnação do tempo presente e uma impossibilidade de um futuro transformador, como novidade. Ao contrário, se pudermos nos deixar ferir pelo que nos é absolutamente exterior, que não se oferece a um reconhecimento, mas ainda assim se oferece à relação, e que procuramos ressaltar como essência do pensamento de Freud, podemos considerar um fluir da temporalidade na forma da expectativa e da possibilidade. É esta radicalidade do que é exterior, e, portanto, sempre faltante, que nos convoca à responsabilidade pelo inacabado e determina a medida em que o futuro não é, nem nunca poderá ser presente. O sujeito seguirá, assim, incessantemente na procura e construção de um devir.

Dessa forma, na qualidade interminável de toda escrita, de toda análise e de toda filosofia que se ocupe em combater criticamente a ingenuidade e a indiferença, é que nos ocupamos desta interlocução, na esperança de que ela também possa seguir, com outros, renovando-se e transformando-se.

NOTAS

¹ A observação da manifestação do delírio de grandeza na psicose fez com que Freud definisse o Eu como um “grande reservatório de libido”, sendo o narcisismo a transferência para o eu de investimentos anteriormente dirigidos ao mundo exterior.

² Disponível em: <<http://timmsouza.blogspot.com.br/2012/09/freud-tensao-e-paradoxo.html>>. Acesso em: 15 set. 2014.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean. **Erótica do luto: no tempo da morte seca**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento**. São Paulo: Annablume, 2011.

EHRENBERG, Alain. **La fatiga de ser uno mismo**: depresión y sociedad. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. **Psicanálise**: elementos para a clínica contemporânea. São Paulo: Escuta, 2003.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII. (obra originalmente publicada em 1920).

_____. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII. (obra originalmente publicada em 1937).

_____. As pulsões e suas vicissitudes. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (obra originalmente publicada em 1915).

_____. Esboço de psicanálise. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII. (obra originalmente publicada em 1938).

_____. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX. (obra originalmente publicada em 1915).

_____. Moisés e o monoteísmo. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII. (obra originalmente publicada em 1939).

_____. O ego e o id. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX. (obra originalmente publicada em 1923).

_____. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI. (obra originalmente publicada em 1927).

_____. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII. (obra originalmente publicada em 1921).

_____. Reflexões sobre os tempos de guerra e morte. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIV. (obra originalmente publicada em 1915).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (obra originalmente publicada em 1914).

_____. Sobre a transitoriedade. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIV. (obra originalmente publicada em 1915).

_____. Totem e tabu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIII. (obra originalmente publicada em 1934).

FUKS, Bety. **Freud e a judeidade**: a vocação do exílio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GORER, Geoffrey. **Ni pleurs ni couronnes**. Paris: EPEL, 1995.

HORNSTEIN, Luis. **Narcisismo: autoestima, identidad, alteridad**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NASIO, Juan David. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ELABORANDO A VIVÊNCIA HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS CONCEITOS DE MEIO MALEÁVEL E OBJETO TRANSFORMACIONAL*

ELABORATING THE HOSPITAL EXPERIENCE: A REFLECTION
BASED ON THE CONCEPTS OF PLIABLE MEDIUM AND
TRANSFORMATIONAL OBJECT

Denise Regina Disaró¹

Resumo: Este artigo consiste em uma reflexão acerca do uso de mediações como possibilidade de intervenção no contexto hospitalar, a partir dos conceitos de meio maleável e objeto transformacional. Discute a intensidade do sofrimento e o nível de desorganização psíquica diante das situações traumáticas vivenciadas pelos pacientes hospitalizados e seus familiares e defende a ideia da necessidade de intervenções que os possibilitem elaborar esta vivência. Para tal, apresenta um caso clínico em que os cuidados dispensados pela psicanalista, presente no hospital, proporcionaram transformações que indicam o desencadeamento de um processo de elaboração da vivência hospitalar.

Palavras-chave: Meio Maleável. Objeto Transformacional. Mediação. Elaboração. Vivência Hospitalar.

Abstract: This article is a reflection on use of mediations as a possibility of intervention in the hospital setting, based on the concepts of pliable medium and transformational object. It discusses the intensity of suffering and the level of psychic disorganization faced with traumatic events experienced by hospitalized patients and their families; and supports the idea of the necessity of interventions that enable them elaborate these experiences. For this purpose it presents a clinical case in which the care provided by the psychoanalyst present in the hospital provided changes that indicate the triggering of an elaboration process of the hospital experience.

Keywords: Pliable Medium. Transformational Object. Mediation. Elaboration. Hospital Experience.

¹Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC SP, sob a orientação do prof. Dr. Luis Cláudio Figueiredo. Mestre em Psicologia pela UNESP / Assis; Psicóloga do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina, PR.
E-mail: denise.disaro@gmail.com

Trabalho há 20 anos como psicóloga em um hospital geral e sempre que alguém me pergunta como me enveredei por essa área, a palavra que me vem à cabeça é: “desavisada”. Sim, porque não tinha ideia do volume e da intensidade de sofrimento que encontraria, presente em todos os níveis: físico, social, financeiro e emocional. O sofrimento físico pelo qual um paciente doente, acidentado ou que se submeteu a uma cirurgia, por exemplo, é evidente. Mas ele também fica por diversas vezes, isolado ou apartado de sua rede social e, frequentemente,

não recebe nenhum tipo de remuneração enquanto não trabalha. Já o sofrimento emocional será abordado durante o decorrer de todo este artigo.

Eu sequer fazia ideia do impacto que esse sofrimento poderia causar em mim, já que eu estava imersa neste ambiente, tentando cumprir com minhas funções, durante 8 horas por dia, 5 dias na semana. Assim, a primeira condição para me manter neste espaço foi desenvolver uma capacidade não somente de continência com o sofrimento alheio, mas principalmente uma capacidade de auto continência, no qual, era necessário e imprescindível transformar impacto emocional em capacidade de permanecer nesse contexto, o que foi possível com análise.

Mas eu me sentia “desavisada” também no sentido de não possuir respaldo teórico e técnico para atender as pessoas hospitalizadas. Explico melhor. Com meu pensamento e meu trabalho norteados pela psicanálise, no início, sentia-me despreparada e repleta de questões sobre como realizar meu trabalho neste contexto. Era como se quase nada do que eu havia estudado anteriormente, ou quase nada da minha experiência clínica me fosse útil, já que eu ficava tomada por dúvidas. E por mais que eu lesse ou estudasse, não encontrava referências bibliográficas que me indicassem o melhor caminho a seguir. A alternativa era estudar, experimentar, refletir, discutir com colegas e supervisores e tentar encontrar minhas próprias respostas e meu próprio caminho.

Uma das minhas primeiras questões era: Como atender alguém que não me procurou, não me conhece e sequer sabe como poderia se beneficiar pelo atendimento de uma psicóloga ou de uma psicanalista? Questão esta que permeia a esfera da demanda.

Intrigava-me também sobre como poderia estabelecer um vínculo de confiança entre as pessoas hospitalizadas e eu, uma vez que não me conhecendo e com uma demanda essencialmente orgânica, a transferência era previamente estabelecida com a instituição ou com a figura do médico, ainda que desconhecido, uma vez que ele ocupava a posição de quem detinha o saber e o poder de cura.

Ainda tinha a questão do tempo: Será que daria para realizar uma escuta analítica e principalmente qualquer tipo de intervenção, em períodos de internação restritos e curtos?

Como poderia eu estabelecer um *setting* que privilegiasse a escuta analítica em um lugar em que não havia privacidade, já que todos os quartos abrigam pelo menos três pacientes e os diversos profissionais circulam pelo ambiente, cada qual exercendo suas funções?

À medida que essas questões, mais relacionadas ao ambiente físico, iam alcançando respostas em minha mente e se refletiam em minhas ações, surgiam outras, que me faziam refletir não apenas sobre minha posição, mas principalmente sobre o tipo de intervenção que deveria ser realizada, ou, ainda, SE deveria ser realizada. Essas tinham relação direta com o que eu percebia na grande maioria das pessoas hospitalizadas.

Elas mostravam-se tão angustiadas, assustadas e fragilizadas, e frequente-

mente se desorganizavam de tal forma que seus pensamentos e atitudes mostravam-se ineficazes para lidar com a situação. Eu não as conhecia (não suficientemente) e ficava pensando se já possuíam essa fragilidade psíquica ou se o sofrimento intenso, com seu caráter traumático, é que provocava esse efeito.

Como o atendimento no hospital é diário e, não raramente, ocorre mais de uma vez ao dia, percebia que na grande maioria, essa era uma característica presente nos momentos de intensa angústia, que variavam muito de acordo com o quadro clínico (médico) da pessoa internada. Em situações de morte iminente ou de terminalidade, a angústia era constante e evidente, mesmo quando as defesas psíquicas eram acionadas.

Segundo Freud (1933), a angústia realista é uma reação a um perigo que vem de fora e com possibilidade de dois desfechos.

Ou o desenvolvimento da angústia, a repetição da antiga vivência traumática, limita-se a um sinal, e a reação restante pode adequar-se à nova situação de perigo, procedendo à fuga ou à defesa, ou a situação antiga prevalece, toda a reação se esgota no desenvolvimento da angústia e o estado afetivo torna-se paralisante e inadequado ao presente. (FREUD, 1933, posição 2617 – eBook).

Eu percebia que acontecia ambos. Quanto mais contato com a fragilidade humana e com a falta de garantias, maior era o estado de paralisia. Na verdade, era um desamparo total, como se o psiquismo houvesse se desintegrado. E somente quando encontravam amparo de um ambiente suficientemente bom, é que conseguiam se reorganizar minimamente para acionar as defesas. Ainda assim, em muitas situações, eram defesas muito primitivas: negação, projeção, dissociação e cisão, por exemplo.

Por isso me perguntava: Caberia aí algum tipo de intervenção diferente da oferta de continência e de um ambiente suficientemente bom? Parecia que qualquer tipo de “construção em análise” ou de “interpretação” não eram adequadas para esse tipo de situação. E nas vezes em que experimentei (afinal, esse era o arsenal que eu tinha disponível) não fez o menor efeito. Tinha a impressão de que estava falando sozinha. Não alcançava os destinatários que sofriam.

O sofrimento intenso provocava uma ferida narcísica, que o retroalimentava e ameaçava a integridade e a coerência do eu e do self. Eles perdiam, mesmo que momentaneamente, suas referências identitárias, e os recursos egoicos que possuíam não eram suficientes diante das forças a serem dominadas e transformadas. Eu percebia o que Freud já afirmara: que o psiquismo fica ainda mais exposto às ameaças de desintegração diante das situações traumáticas (1938).

Assim que conseguiam uma reorganização mínima, de posse de alguns poucos recursos egoicos, as defesas apareciam e em conjunto. Isto é, não raramente ocorria uma cisão do ego, em que a parte “insuportável” era negada ou projetada, impedindo ou dificultando o contato com a realidade, e a outra parte, geralmente relacionada ao desejo (Isso), ficava idealizada (FREUD, 1938), permanecendo como dois processos isolados.

Eram defesas que os possibilitavam suportar a situação, mas ao mesmo tempo sabemos que o uso maciço e frequente das defesas arcaicas, mesmo como reação a situações traumáticas, produzem alterações no eu que o fragilizam permanentemente, prejudicando também o contato com a realidade interna. Em outras palavras, se por um lado eram importantes, pois cumpriam sua função de proteção, por outro representavam o risco de promover alterações no eu (FREUD, 1938).

Diante disso, eu vivia um paradoxo: sentia a necessidade de fazer algo e, ao mesmo tempo, sabia que as defesas exigem um o mínimo de reorganização egoica, já que são funções do eu. Assim, pensava que este aspecto (da reorganização egoica) correspondia a uma parte saudável que deveria ser fortalecida, mesmo que apresentada de forma onipotente e mágica (características das defesas primitivas) e que deveria auxiliá-los no processo de continuidade da reunificação dos fragmentos do eu cindido, em consonância com a ideia de que a técnica utilizada deve sempre corresponder à psicopatologia.

As alterações do eu descritas no contexto hospitalar não podem ser consideradas como psicopatológicas, mas sem dúvida são iatrogênicas. E acredito que o sofrimento presente no contexto hospitalar, e mais precisamente em situações de risco de morte iminente e de terminalidade se assemelha ao dos pacientes com transtornos narcísicos identitários, conforme descrito por Roussillon (2012).

Portanto, a intervenção psicanalítica nessas situações exige variações e especificidades. Se o outro exerce função mediadora na constituição do self e do eu e sua falta ou excesso, pode causar distorções no eu, então podemos pensar que em situações traumáticas é imprescindível reencontrar um objeto que possa fazer nova mediação, a fim de não ocorrerem desintegrações psíquicas.

A clínica das mediações apresenta-se como uma boa alternativa, de acordo com Petit (2012), que apresenta inúmeros relatos, demonstrando o poder da leitura¹ na superação das condições adversas. É o que este artigo pretende demonstrar por meio da análise do recorte de um caso clínico de uma criança de três anos e quatro meses, que ficou hospitalizada por 53 dias, sendo 33 destes na UTI pediátrica.

Poderíamos pensar que pelo simples fato de ser uma criança, já introduziríamos brinquedos, como importantes mediadores que são no atendimento de crianças. Mas a escolha deste caso se deve principalmente pelo fato de apresentar características extremadas, que inviabilizavam o uso de brinquedos; provocavam intensa angústia na criança, nos pais, na equipe e em mim; exigiam o uso de mediadores; e, sobretudo, exigiam que eu também me colocasse como meio maleável (ROUSSILLON, 2012) e objeto transformacional (BOLLAS, 2007), com uma participação ativa em seu processo de elaboração da vivência hospitalar.

Trata-se de uma criança, mas não raramente encontramos adultos com as mesmas condições no ambiente hospitalar. Embora a menina tenha evoluído bem e se recuperado, o contrário poderia ter facilmente ocorrido, o que também nos balizará na reflexão sobre o uso de mediadores em situações de cuidados paliativos.

Kátia² brincara o dia todo e na manhã do dia seguinte já não conseguia ficar

em pé. A perda do tônus muscular foi rápida e quatro horas após sua internação no hospital, seu corpo já estava afetado do pescoço para baixo e ela necessitava do aparelho respirador. Apesar disso, mantinha preservadas todas as sensações. Foi diagnosticada com polirradiculoneurite³.

O caráter agudo e repentino da doença, interrompeu o processo de desenvolvimento da criança como um todo e especialmente sua continuidade de ser (WINNICOTT, 1990) e se constituiu como trauma, impondo um excesso de vivência emocional ao psiquismo. A internação prolongada, os procedimentos necessários⁴, as doenças secundárias⁵ e, sobretudo, o fato de não poder se mexer e sequer falar (mesmo quando tentava, era dificilmente compreendida, porque não tinha voz e o tubo na boca dificultava a leitura labial) contribuíram para aumentar o cunho traumático da situação.

Restava-lhe apenas o olhar. Toda sua angústia era demonstrada em seu olhar, impossível de ser descrito, mas absolutamente impactante! Este fato determinava que a comunicação se estabelecesse em um nível pré-verbal, característica do meio maleável. E a escuta analítica ocorria nesse plano, até porque ela não apresentava outra forma de comunicação e ainda assim, e exatamente por isso, necessitava de cuidado. Sendo assim, eu utilizava uma escuta ampliada, na tentativa de estabelecer uma sintonia com ela (AKHTAR, 2012), e para isso eu considerava os aspectos sensoriais, os comportamentais (restritos), assim como as minhas percepções (ISAACS, 1939).

A equipe identificava-se com os pais; estes, extremamente angustiados, temiam a perda da filha. Ela, por sua vez, vivia uma situação absolutamente desconhecida (nunca ficara doente ou hospitalizada e não tivera contato com estas experiências), sozinha (já que os pais permaneciam na UTI somente durante o dia) numa fase em que ainda se é muito dependente e numa condição de impotência máxima, frente a uma situação de angústia aniquiladora.

Eu também ficava impactada: O que fazer, já que não podia contar com as ferramentas de sempre – a fala e o brincar? Mas aquele olhar convocava alguma ação terapêutica. Assim, levei alguns livros para que ela escolhesse e eu lesse para ela. Dos livros que eu levei ela escolheu *O Medo da Sementinha*⁶ e “usava” intensamente o livro mostrando que é sempre mais fácil lidarmos com nossos medos e angústias, quando estão projetados em plantas, animais, objetos, etc. Eu lia para ela e observando suas reações e respeitando seu *timing* psíquico, eu buscava pontos de identificação com o personagem, introduzindo ou retirando alguns elementos da sua vivência, na estória que contava, sem distorcer seu conteúdo.

Eu emprestava minha voz e meus gestos a ela, tentando identificar, por meio de comunicações primitivas como, por exemplo, identificação projetiva, o que poderia estar sentindo e experimentava esse tipo de intervenção, com uma atitude análoga ao que em medicina é conhecido como prova terapêutica, isto é, os resultados de cada intervenção mostravam o caminho para a próxima.

Assim eu lia até o trecho em que ela não queria mais (balançava a cabeça, negativamente – os movimentos da cabeça eram bem sutis), começava de novo

mesmo sem ter terminado (quando eu fechava o livro ela sinalizava que não, pedindo que eu contasse novamente), contava a estória toda várias vezes ou interrompia para mostrar algo que havia estabelecido relação com a estória. E assim fomos “cuidando” de cada aspecto que lhe causava angústia.

Desde o início de sua internação, Kátia percebia a presença e a ausência dos pais e chamava por eles ou lhes pedia que a livrassem daquela experiência (pedia “tira eu daqui”, “leva eu” e “tira” – este último pedido referindo-se ao aparelho). Ao perceber que na maioria das vezes não era entendida e nunca era atendida, começou a se fechar. Mantinha-se muito tempo de olhos fechados em atitude mágica e onipotente de negação: tudo o que não é visto não existe. Ela defendia-se, o que era importante para sua sobrevivência psíquica nesse momento. Mas também exigia uma intervenção, já que utilizava uma forma primitiva de “lidar” com a realidade, que propiciava exatamente o contrário, não “ver” o insuportável.

Ainda nos primeiros três dias de internação, chorava quando os pais iam embora, mas após isso, sua atitude de manter-se de olhos fechados era constante. Alterei os horários de atendimento para esse momento em que os pais iam embora e mesmo que eu precisasse atendê-la antes, eu retornava nesse horário, durante todos os dias, incluindo os finais de semana. E trabalhávamos o medo, o sentimento de abandono causado pela ausência dos pais e depois pela minha própria ausência.

Começou a manter os olhos abertos e observar o ambiente da UTI. Ocupava o leito do canto e sempre que virada para a parede ficava bem, mas quando ficava de frente para a UTI, chorava muito e ninguém entendia porquê. Em um dos atendimentos, ao chegar na parte em que a sementinha sente muito medo porque ela não conhece nada do mundo, ela me mostrou o respirador.

Eu: É. Você também não conhece isto e sente medo.

Ela fez que sim com a cabeça.

Tentei dizer o que era, mas ela chorava e negava com a cabeça. Então apenas disse que ela não estava sozinha e que nós cuidaríamos desse medo. Três dias depois, mostrou novamente o aparelho e eu tive a impressão de que perguntava o que era. Eu respondi que era um aparelho que serve para ajudar a respirar. Ele ajuda o ar entrar e sair (e fiz os movimentos de inspiração e expiração). Ela fez que não com a cabeça e fez também o movimento da respiração. Iniciava um processo de elaboração imaginativa a respeito do seu corpo e sua condição atual.

Avisei toda a equipe que ela tinha medo do respirador, mas que começava a se interessar por ele. Logo em seguida, ela mostrava o respirador para todos que se aproximavam e eles lhe explicavam o que era e pra que servia. O medo inicial se transformava em instinto epistemofílico e lhe permitia exercer um certo “controle” sobre o ambiente, auxiliando-a no processo de elaboração de sua experiência. Tudo isso permeado pela estória que havia elegido.

Ela mantinha o livro sempre a lado dela, ou em lugar que pudesse sempre vê-lo. Não permitia que eu o levasse embora, nem que o retirassem do seu cam-

po de visão e muito menos que outras pessoas o lessem para ela. Esta era uma tarefa destinada exclusivamente a mim, tomada como parte importante do nosso relacionamento.

Sempre que eu estava perto do momento de eu me ausentar, ela pedia que lesse para ela. Eu o fazia, inserindo minha própria ausência na estória, garantindo a ela que eu voltaria, mas que ela não estaria sozinha. Todas aquelas pessoas estavam lá para cuidar dela. Fato difícil de ser acreditado a princípio, porque era tomada por uma ansiedade persecutória, considerando que a grande maioria dos procedimentos médicos e de enfermagem presentes em uma UTI são invasivos; que em sua faixa etária há predomínio de registros sensoriais corpóreos; que ela não tinha a mesma capacidade de compreensão e de visão do todo como os adultos; e que os pais não permaneciam com ela o tempo todo.

Nesse momento soube que ela tinha um ursinho de nome Piti como seu objeto transicional. Pedi que os pais o trouxessem para ela, que o usava intensamente, mas não abandonava o livro. Aproveitei e o utilizei também como mediador na relação com a equipe: ela pediu que eu retirasse o elástico de seu cabelo e o colocasse no Piti, dizendo que ele ficara bonito. Depois, sinalizou que eu o colocasse em mim, dizendo que eu era mais bonita. Com minha ajuda, repetiu esta brincadeira, envolvendo as outras pessoas da UTI, transformando-a num concurso de beleza. Divertia-se com todas as pessoas em que eu o colocava e quanto mais desarrumado estivesse o cabelo da pessoa, mais ela ria e dizia que estava bonito. Essa atividade foi importante para diminuir o sentimento de persecutoriedade presente.

Em seguida, começou a tomar consciência do tubo (do respirador) em sua boca. Sentia-se incomodada e demonstrava mordendo-o intensamente. Olhava para mim, mordia, pedia para tirar e chorava. Conversei com o residente sobre a condição psíquica de Kátia em relação ao tubo do aparelho, o que fez com que ele discutisse o assunto com a chefia da UTI. Ambos ponderaram sobre os riscos e os benefícios e decidiram antecipar um procedimento que seria inevitável, mas que consideravam importante protelar ao máximo.

Depois da traqueostomia, mostrava-se sorridente e visivelmente aliviada. Conversava (embora não conseguíssemos ouvir sua voz por causa do próprio procedimento), pedia comida (miojo e churrasco), antecipava algumas partes da estória enquanto eu contava, mas insistia para que eu continuasse lendo e pedia o colo da mãe, usufruindo-o. Demorou uns 3 dias para perceber que a cânula apenas havia mudado de lugar e que o respirador ainda estava presente, mas ainda manteve-se tranquila.

Continuávamos com a estória e quando ela começou a recuperar os movimentos da mão, mostrava para todos e eu introduzi outros brinquedos auxiliando-a a utilizá-los. O atendimento se estendeu após alta hospitalar ainda por oito meses. Kátia se recuperou totalmente e pôde também realizar um trajeto de elaboração da experiência, simbolizando-o e inserindo em sua história de vida.

Acredito que neste caso, mais importante que os objetos utilizados (livro,

ursinho e demais brinquedos), foi eu ter me colocado como meio maleável, capaz de exercer uma função mediadora, conforme propõe Roussillon (2012), e como objeto transformacional (BOLLAS, 2007), que possibilitou a construção de um idioma próprio desta relação e, conseqüentemente, a simbolização de alguns aspectos, a princípio, que permitissem o disparo do processo de elaboração.

Nesta idade, espera-se que o psiquismo já esteja estruturado de forma que haja diferenciação entre suas instâncias. Entretanto, com o trauma e o risco de ruptura, é imprescindível que a pessoa submetida encontre alguém que possa exercer a função mediadora e auxiliar o ego a recuperar suas funções de síntese, discriminação e integração.

A transferência estabelecida foi intensa, tal como ocorre nos pacientes com transtorno narcísico identitário, que apresentam alterações do ego e do self. Esse aspecto confirma que estava sob efeito do impacto traumatizante e havia se desorganizado. Ao encontrar um continente, que fosse capaz de suportar, por meio da transferência, todo o conteúdo depositado, recuperou gradativamente suas funções egoicas, evitando que se enrijecesse com as rupturas provocadas pela situação traumática.

Se olharmos também para as características do principal objeto escolhido, vemos que o livro apresentava elementos do traumático e abria, simultaneamente, uma possibilidade de adaptação (necessária para suportar a vivência e de transformação da mesma – dimensão de futuro (ROUSSILLON, 2012), participando ativamente na “construção ou reconstrução de si mesmo” (PETIT, 2012, p. 23).

As escolhas iniciais foram minhas, considerando este aspecto, mas dentre os livros que eu levei ela escolheu (mesmo sem conhecer seus conteúdos) o que mais lhe possibilitava este processo. Como seria isto em casos de pacientes terminais? De que futuro estaríamos falando? Penso que mesmo que seja um futuro muito próximo, ainda assim dar um sentido para a experiência é um grande auxílio para lidar com o aqui e agora.

O livro também representava nossa relação, principalmente quando eu estava ausente, e era de grande auxílio, já que suas capacidades egoicas estavam prejudicadas. Podemos pensar que ele, enquanto meio maleável, era parte de algo mais abrangente: da relação que se estabelecia formando um processo, tal como se encontra no objeto transformacional.

Assim, eu mostrava-me capaz de dar continência às profantasias dela, aguardando o tempo em que elas fizessem sentido para mim e, mais ainda, o tempo em que elas pudessem ser transformadas e devolvidas para a menina, sem precipitação, assim como deve ocorrer no início da constituição psíquica. Entretanto, com minha participação ativa (enquanto tentava identificar seus pensamentos e sentimentos) e emprestando-lhe minha voz e movimentos, eu demonstrava vitalidade e uma atitude de presença implicada. Ambos os movimentos: aguardar (presença reservada) e me colocar (presença implicada) faziam parte do cuidado que eu exercia (FIGUEIREDO, 2012). Este, por sua vez, se refletia em mim, transformando-me também.

Capacitava-me para lidar com as diversas perdas que ocorrem no contexto hospitalar (não somente aí) e com minha onipotência, diminuindo-a, ao mesmo tempo em que refletindo sobre essas questões, eu adquiria a potência necessária para realizar meu trabalho.

AS MORTES

*Quando o primeiro amor morreu
Eu disse: morri
Quando meu pai se foi, coração descontrolado
Eu disse: morri
Quando as irmãs mortas, a tia morta
Eu disse: morri
Depois, a avó do Norte
Os amigos da sorte
Os primos perdidos
O pequinês, o siamês
Morri, morri
Estou vivo
A poesia pulsa
A natureza explode
O amor me beija na boca
Um Deus insiste que sim
Sei não
Acho que só vou morrer
Depois de mim.*

(Tanussi Cardoso)

NOTAS

* Artigo apresentado como forma de conclusão da disciplina Novas Vias da Terapia Psicanalítica, ministrada pelo prof. Dr. Luis Cláudio Figueiredo.

¹ Poderia ser qualquer outro objeto mediador. A leitura se refere à experiência da autora com este objeto.

² Nome fictício.

³ Inflamação, geralmente associada e simétrica, de várias raízes nervosas raquidianas e dos nervos correspondentes (REY, 2003, p. 712). Neste caso, impedia os movimentos, inclusive respiratório, mas mantinha a sensibilidade preservada.

⁴ Especialmente uma traqueostomia realizada no 20º dia. Trata-se de uma “intervenção cirúrgica pela qual se estabelece uma abertura na pele da face anterior do pescoço, para acessar a traqueia” (REY, 2003, p. 880).

⁵ As principais foram uma pneumonia apresentada por volta do décimo sétimo dia como consequência do acúmulo de secreção causado por falta de movimentação, apesar de

estar sob os cuidados diários da fisioterapia e uma alergia medicamentosa, com duração de quatro dias, que fez aparecerem manchas na pele e prurido intenso.

⁶ Da coleção *Estórias para Pequenos e Grandes*, de Rubem Alves. Aborda o medo do desconhecido (por excelência, a morte) e a separação, durante todo o processo de desenvolvimento de uma semente, desde o momento do nascimento, passando pela separação da mãe, da transformação de semente em árvore, do seu desenvolvimento (autonomia), e da condição de gerar novas sementes

REFERÊNCIAS

AKHTAR, S. **Psychoanalytic listening**. Methods, limits and innovations. Londres: Karnac, 2012.

BOLLAS, Ch. **The freudian moment**. Londres: Karnac, 2007.

CARDOSO, T. **As mortes**. Disponível em: <<http://www.almadepoeta.com/tanussicardoso.htm>> Acesso em: 23 abr. 2014.

FIGUEIREDO, L. C. Cuidado e saúde; uma visão integrada. **Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 29, n. 2, p. 11-29, 2012.

FREUD, S. Esquemas de psicanálise. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Standard Edition. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis, 1964. (Obra originalmente publicada em 1933)

_____. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18. (obra originalmente publicada em 1933). E. book

_____. A Cisão do Eu no processo defensivo. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Standard Edition. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis, 1964. (obra originalmente publicada em 1938).

ISAACS, S. Criteria for interpretation. **International Journal of Psychoanalysis**, n. 20, p. 148-160, 1939.

PETIT, M. **A arte de ler**. São Paulo: Ed. 34, 2012.

ROUSSILLON, R. As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. **Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 30, n. 1, p. 7-32, 2012.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana** [1896-1971]. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

AS PSICANALISTAS CLÁUDIA MARIA PERRONE E DÉBORA FARINATI, CONVIDADAS PARA A ESTA SEÇÃO, TRAZEM AS REFLEXÕES APRESENTADAS NO ENCONTRO DE PSICANÁLISE REALIZADO NA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA ONDE ABORDARAM O TEMA DAS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS E DO NARCISISMO A PARTIR DO PENSAMENTO DO FILÓSOFO E PSICANALISTA SLAVOJ ZIZEK.

ÉDIPO E HAMLET VIVENDO NO FIM DOS TEMPOS: UM DESAFIO A PARTIR DE SLAVOJ ZIZEK

OEDIPUS HAMLET AND LIVING IN THE END TIMES:
A CHALLENGE FROM SLAVOJ ZIZEK

Débora Marcondes Farinati¹

Cláudia Maria Perrone²

1- ZIZEK E O SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Convocados pelos cem anos da publicação do texto freudiano “Sobre o narcisismo, uma introdução” e pela convicção de sua relevância para a compreensão do sujeito da atualidade e de seus padecimentos, foram realizados na Sigmund Freud Associação Psicanalítica uma série de encontros ao longo do ano de 2014 conduzidos por psicanalistas e filósofos, os quais se propuseram a refletir sobre as consequências futuras do texto freudiano para a compreensão acerca das subjetividades que estão fora do registro da neurose. No horizonte estava o objetivo de abrir perspectivas de análise sobre as marcas subjetivas da constituição do sujeito de outrora e da atualidade.

O texto de Sófocles, sobre *Édipo Rei*, e o texto de Nietzsche, sobre o *Nascimento da tragédia*, serviram de esteio para pensarmos sobre o que sustenta as subjetividades marcadas pelo Trágico, ou seja, pelos enigmas que indagam o sujeito acerca de seu destino. A tragédia foi apontada como o que representa uma tensão dialética necessária, a qual contém forças que engendram a própria existência humana. O sujeito dentro de uma perspectiva trágica se depara com os limites de sua existência, se vê tensionado diante do desejo, sua realização, consequências e renúncias.

Esses textos foram seguidos por *Hamlet*, de Shakespeare, a partir do qual o convite à questão colocada em pauta foi a dimensão narcísica contida na tragédia a partir da indagação “Quem sou”? Hamlet foi sucedido pela análise de *Fausto*, de Goethe, e seu desejo de saber e poder. Assim, Shakespeare e Goethe, nas vozes dos psicanalistas convidados, permitiram que fosse possível o entrelaçamento fecundo das intersecções entre a psicanálise e a literatura, o qual afina a escuta psicanalítica dos padecimentos humanos. O conceito de Pensamento Clínico de André Green, bem como o texto de Walter Benjamin sobre *O Narrador*, conduziu as discussões posteriores.

O último encontro do ano, intitulado Édipo e Hamlet vivendo no fim dos

¹Débora Farinati é psicanalista, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, mestre em psicologia clínica pela PUCRS.

²Cláudia Maria Perrone é psicanalista, membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, professora associada do Departamento de Psicologia e do Pós-Graduação em Psicologia da UFSM.

tempos: um desafio a partir de Slavoj Zizek, foi o que gerou o convite que recebemos para compor a sessão Em Pauta da Sig Revista de Psicanálise. O controverso e genial filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Zizek tem produzido uma teoria bastante interessante acerca do sujeito contemporâneo, articulando temas como ideologia, política e psicanálise.

Zizek é, sem sobra de dúvida, um dos mais importantes pensadores de nosso tempo, escreveu mais de 40 livros, dentre eles: *Menos que nada*, *Bem-vindo ao deserto do real*, *Em defesa das causas perdidas*, *O ano em que sonhamos perigosamente*, *Vivendo no fim dos tempos*, *Primeiro como tragédia depois como farsa*, além de inúmeros artigos e *papers* e das centenas de conferências ministradas mundo afora. Centrarei minha contribuição a esta sessão em dois eixos: o primeiro diz respeito a um breve apanhado geral sobre a vida e o pensamento de Zizek, e o segundo sobre algumas ideias do autor sobre o superego, com vista a enlaçar com o tema do narcisismo e da contemporaneidade.

SOBRE ZIZEK: UM BREVE RECORTE

Slavoj Zizek é um intelectual radical. Christopher Kul-Want (2012) destaca que, de acordo com a revista americana conservadora, *New Republic*, Zizek é o filósofo mais perigoso do Ocidente. Para o jornal britânico *Observer*, ele pode ser considerado o messias superstar da nova esquerda. A preocupação filosófica central de Zizek, segundo este autor, é a sensação generalizada de uma catástrofe mundial e suas causas ideológicas subjacentes. Dedicar-se a pensar profundamente problemas globais como a pobreza, a ecologia, a biogenética e a repressão política.

Para que possamos compreender o pensamento de Zizek é fundamental termos em conta em que contexto sócio-histórico ele foi forjado. Christian Dunker, em ensaio publicado na revista *Cult*, nos apresenta uma síntese muito interessante. Vou citar alguns trechos deste artigo:

A queda do muro de Berlim não representou a derrocada do comunismo nem o fim da história, muito menos a abolição da esquerda. Para a maior parte dos movimentos sociais e pensadores ligados à tradição crítica ou marxista, esse fato simbólico foi o pretexto que faltava para a formação e radicalização de um novo discurso. A revista britânica *New Left Review* foi um ponto de encontro para essa esquerda alternativa, que havia passado por sucessivas decepções: o humanismo marxista, a reação estruturalista de Louis Althusser, o ativismo maoísta, as inúmeras formas de trotskismo, sem falar no socialismo real. A Nova Esquerda tem em comum a desconfiança do fetichismo do Partido, a crítica do economicismo marxista clássico e a recusa da concepção ingênua da ideologia considerada como uma espécie de erro cognitivo da consciência. No lugar soberano e onipotente do Partido, a Nova Esquerda se preocupa em mostrar a precariedade da noção de política em Karl Marx bem como sua ligação instável com políticas claras e definidas que deveriam ser seguidas em obediência silenciosa. No lugar do reducionismo econômico, a Nova Esquerda pretende redescrever a noção de classe, levando em conta o gênero, a cultura e o consumo, e não apenas o paradigma da produção. Finalmente, no lugar da ideologia, entram em

cena complexas estratégias de desconstrução, crítica e resistência discursiva ao lado do reconhecimento de que faltaria ao marxismo clássico uma boa teoria sobre a subjetividade. [...]

É neste contexto que surge o pensamento filosófico e psicanalítico de Žižek. Žižek nasceu em 1949 e passou grande parte da infância em Ljubljana, na Eslovênia, quando a pequena capital alpina ainda era parte da Iugoslávia Comunista. Filho único, bacharelou-se em filosofia e sociologia. Enquanto estudante entrou em conflito com as autoridades por não apoiar a ortodoxia comunista.

Sua dissertação de mestrado causou muito interesse, mas suas qualidades ideologicamente suspeitas para o regime da época dificultaram sua aprovação, a qual só pode ser finalizada após Žižek ter de acrescentar um apêndice onde apresentava as divergências de sua teoria em relação à teoria marxista. Teve dificuldade de trabalhar, por não apoiar o partido comunista, tendo sobrevivido do trabalho de tradutor por muitos anos. Acabou cedendo à pressão entrando para o Partido Comunista e com isso ingressou na universidade.

Segundo Christopher Kul-Want e Piero (2012), as ideias e a filosofia de Žižek estão baseadas em um posicionamento político da esquerda radical. Ele se autodenomina comunista. Contudo, marca de forma enfática a diferença de seu pensamento e as ideias da doutrina comunista dos regimes totalitários de Stalin ou Mao Tsé-Tung.

O pensamento de Žižek tem suas raízes em Marx, Hegel e Lacan. Atua principalmente nos campos da teoria política, da análise cinematográfica e cultural e da psicanálise. Seu projeto filosófico anseia reconciliar a psicanálise com a política coletivista. Žižek fundou em Ljubljana a Sociedade de Psicanálise Teórica. Em 1981, vai a Paris para fazer seu doutorado, conhece Jacques Alain Miller, com quem acaba se analisando.

Para Christopher Kul-Want e Piero (2012), Žižek compreende o sujeito como alguém que adere a regras e ideias que governam a linguagem, a comunicação e a troca – ordem simbólica –, sem estar completamente consciente dela. Para Žižek, o marxismo e a psicanálise compartilham a ideia de que a consciência absoluta do *self* é impossível. Marx aplicou esta ideia ao capitalismo; Lacan, à estrutura da linguagem. Para Marx, o sujeito é formado no ato da troca econômica; para Lacan, o sujeito se constrói à medida que fala. O conceito de ordem simbólica é fundamental para Žižek, sendo esta ordem qualquer sistema de comunicação – linguagem, discurso, sistema de troca monetária, um jogo ou qualquer troca de signos – e as regras que governam esta comunicação. Ele afirma que existem regras que vão dirigir a nossa forma de interação social, as quais afetam a polidez e a amizade no espaço social, que não são percebidas de forma consciente e que o submetimento às regras que governam a linguagem e essas formas de interação social de certa forma é um processo natural.

A ordem simbólica governa o que dizemos e pensamos, não é possível escaparmos dela. Essa imposição de governo de nossa identidade pela ordem simbólica se dá através de um superego autoritário – O grande Outro. O sujeito é formado de um lado pela participação na ordem simbólica e, de outro, um grande outro imagi-

nário, que mantém permanentemente a ilusão de que a ordem simbólica é um meio de atingir um significado unitário e a reciprocidade com outros sujeitos.

Na sociedade atual parece difícil identificar a presença de um superego dominador, especialmente depois que a sociedade deixou de ser conduzida pela moralidade cristã. Ele toma a ideia da morte de Deus de Nietzsche para falar de um aparente afrouxamento das imposições morais, se não há Deus então tudo estaria permitido. Contudo, Zizek vai dizer que essa “liberdade” para fazermos o que quisermos não supera a figura onipresente do superego. O superego exerceria um poder paradoxal. Mais que proibir a permissividade, o superego conquistou sua autoridade ao oferecê-la: “se você me seguir poderá violentar, matar sem ser punido”.

Na modernidade o indivíduo era governado pela pressão de ser um cidadão respeitável, bom, cujo sacrifício pelo bem da nação era um valor maior. Nessa época, o superego era o superego freudiano, edípico, representante da autoridade paterna, o qual garantia que o sujeito agisse de modo socialmente aceitável. Com o capitalismo tardio, a sociedade deixa de se modelar pela autoridade paterna tradicional e com isso emerge um novo tipo de superego.

Zizek acredita que há uma mudança na figura do pai edípico, representante da autoridade, para um pai primitivo, de gozo obsceno, que passa a simbolizar a autoridade na pós-modernidade. Parte para sua análise de *Totem e Tabu*, texto freudiano de 1913, no qual Freud diz que no período pré-histórico do desenvolvimento humano, a horda primitiva era controlada por uma figura paterna com poderes absolutos o qual detinha os direitos exclusivos sobre todas as fêmeas e expulsava ou matava os filhos que desafiassem sua autoridade. Este pai, não era o pai edípico, era um pai que governava pela força, uma vez que não existia lei social alguma. Como vocês bem sabem o que ocorreu foi que os filhos, ciumentos deste pai primitivo e de seus direitos exclusivos de gozo, decidem matar o pai. Resulta que os filhos, não conseguiram usufruir da almejada liberdade e satisfação e decidiram restaurar a figura de uma autoridade paternal para a ordem social na forma do que conhecemos como um pai edípico, que proíbe os crimes primitivos do incesto e do assassinato.

Para Zizek, esta figura de autoridade paterna edípica não consegue mais operar na atualidade e em seu lugar há um pai primitivo obsceno que exorta todos a imitá-lo a gozar. A ordem da ideologia dominante é o gozo: gozo sexual, de consumo, até mesmo espiritual de realizar-se completamente. O superego é regido pelo imperativo: goze!

Teríamos, na atualidade, um sujeito que não está organizado a partir de proibições aos desejos excessivos, perversos ou imorais, ou seja, constituído pelo papel do pai edípico, mas por um pai que pressiona o sujeito na direção de uma satisfação ilimitada com a promessa de felicidade plena. Zizek aponta um paradoxo: em vez de sentir-se livre, o sujeito sente-se pressionado. O desejo, não mais gira em torno do proibido, do que está ausente. Ao pressionar para o gozo absoluto o superego força o desejo e seus objetos de gratificação para um curto-circuito. A falta, a ausência era o motor do desejo, hoje é como se objeto do

desejo estivesse sempre presente.

A lógica então não é a da liberdade, mas da imposição: você tem que parecer bom, saudável, jovem e se for mulher magra e o imperativo dita que você consuma: compre, coma, beba, transe e caso não estejas fazendo tudo isso então você não é feliz. Zizek alerta: o gozo, na verdade, é um gozo simulado, o que significa que o gozo ditado pelo superego de hoje é de fato um gozo obscuro, porque não é gozo na realidade que o superego decreta, mas uma ideia imaginária e simulada de gozo. E aqui temos nas palavras do autor um importante papel da psicanálise:

A psicanálise é um discurso que não impede de gozar, mas que permite justamente *não gozar*. Você pode gozar, mas não sob a forma de uma regra, de uma interiorização “superegoica”. Por isso, o pensamento freudiano é mais atual do que nunca. Diz-se hoje por toda a parte, mesmo entre pessoas favoráveis à psicanálise, que Freud está ultrapassado, que ele é filho de uma sociedade burguesa, vitoriana, fundada sobre interditos fortes, que já não têm mais sentido hoje em dia. Mas, seu problema jamais esteve na repressão ou no interdito: ele estava antes no paradoxo de uma permissão que bloqueia o gozo. Não é na atualidade que podemos desembaraçar-nos desta imagem simplista de um Freud que combate a opressão sexual. Todos os freudo-marxistas inteligentes o compreenderam. (ZIZEK, 2006,).

Estamos em acordo com os dizeres de Zizek é fundamental que possamos pensar mais, refletirmos mais, pois nem sempre o ativismo compulsivo significa um movimento no sentido da mudança, mudanças são efeitos produzidos a partir de efetivas reflexões.

Débora Farinati

REFERÊNCIAS

DUNKER, C. Slavoj Zizek e a renovação do marxismo. **Cult**, n. 118. Disponível em: <www.revistacult.uol.com.br> Acesso em: 15 out. 2014.

KUL-WANT, C. P. **Entendendo Slavoj Zizek – um guia ilustrado**. São Paulo: Leya, 2012.

ZIZEK, S. O desejo, ou a traição da felicidade. **Le Magazine Littéraire**. 2006. Trad. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br> Acesso em: 20 out. 2014..

_____. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

2 - UMA NOTA SOBRE ZIBELINA

Esse encontro é o último de 2014 para conversarmos sobre o narcisismo. O texto freudiano já preencheu milhares de páginas da literatura psicanalítica, mas a proposta hoje é unir narcisismo, psicanálise e o pensamento de Žizek, um pensador hipercinético e antissistemático. Mas, certamente, poucos intelectuais conseguem se aproximar do desorganizado domínio do cotidiano da vida cultural contemporânea como o filósofo esloveno.

Sua obra é marcada por uma vinculação estreita com discussões ditas como superadas: a esquerda, a psicanálise, a ideologia, o sujeito, a ontologia, a política. Olhem só:

Sujeito não é o nome da brecha da liberdade e da contingência que invade a ordem ontológica positiva, atua em seus interstícios, senão a contingência que fundamenta essa ordem ontológica positiva, isto é, o mediador evanescente cujo gesto de anulação imanente transforma a multiplicidade caótica pré-ontológica na aparência de uma ordem positiva objetiva. Nesse preciso sentido, toda ontologia é política: ela se baseia em um ato de decisão subjetiva, contingente e denegada. (ŽIZEK, 2001, p. 171).

Todos já identificaram as ressonâncias psicanalíticas em meio ao denso discurso filosófico. Com a psicanálise, ele recolocou a crítica da ideologia em novo perfil político ao afirmar o fundamento denegado da nossa ordem reificada, utilizando o modelo do fetichismo da mercadoria para explicar que o cinismo oculta sua própria crença na existência da crença. Em uma reviravolta que somente um hegeliano seria capaz, demonstra o caráter destabilizador do sujeito histórico, que modifica constantemente os pressupostos de sua história, como uma das pedras angulares da mudança social. Com isto, apresenta outra de suas pirotecnias: pensar conjuntamente a negatividade hegeliana e a pulsão de morte freudiana como dinâmica da realidade. Esses dois conceitos unificados tornam a história uma abertura radical ao contingente.

A partir do momento histórico iniciado em 1989, com o colapso dos estados socialistas e frente ao discurso massivo do fim das ideologias, Žizek afirma que a crítica da ideologia não podia seguir nos parâmetros que até então se apresentavam. Ele propõe uma ruptura com a ideia da ideologia baseada na falsa consciência e na análise do discurso, paradigma fundamental dos anos 1990.

Esta operação estabeleceu um corte com as teorias ideológicas estabelecidas e denunciou o caráter cínico de nossa sociedade, no qual a crença é indireta e os objetos creem por nós. Uma das suas conclusões é que a crença deve permanecer oculta para que as relações de dominação possam funcionar. A análise da luta dos diferentes discursos deve ser complementada com o desvelamento da fantasia fundamental que oculta o antagonismo reprimido do gozo. Žizek considera que o núcleo da ideologia pode ser acessado pela subjetividade e há até um potencial subversivo inerente ao sujeito. Portanto, é possível intervir deslocando o núcleo do gozo que, para operar, não pode ser diretamente visível (ŽIZEK, 1996, p. 12).

O problema é que a fantasia também tem a função de permitir que a realidade tenha um mínimo de consistência para o sujeito, pois, ao eliminá-la, ele se vê confrontado diretamente com o vazio da Coisa Real, para o qual não pode ter

resposta. Zizek elabora estratégias para estabelecer uma política do gozo emancipatória e propõe uma analogia entre a análise e o duplo movimento de travessia do fantasma e de identificação com o sintoma.

Tomando a análise de Freud sobre os sonhos e a análise de Marx sobre a mercadoria, Zizek considera possível perceber uma homologia entre ambos (2003, p. 39). O trabalho deve incidir mais sobre a forma que sobre o conteúdo que, em princípio, está aparentemente oculto. No primeiro momento, consideramos o sonho como um fenômeno significativo, como transmissor de uma mensagem. O fascínio das imagens oníricas é reduzido quando centramos sua discussão no significado de sua forma, nos deslocamentos a que foram submetidos os pensamentos oníricos latentes pelo trabalho do sonho.

Em relação à análise da mercadoria, Marx também opera com a articulação de duas etapas: em primeiro lugar temos de conceber o significado da mercadoria; em segundo, é preciso ir mais além da economia política clássica e chegar ao mistério da forma mercadoria. O ponto de união dos dois pensadores é que não basta reduzir a forma à essência. É possível estabelecer a homologia entre o inconsciente e a forma mercadoria porque o mais importante é o processo mediante o qual o conteúdo é encoberto e assume uma forma determinada (ZIZEK, 2003, p. 53).

Seguindo a indicação de Lacan, de que Marx de algum modo foi o descobridor do sintoma ao detectar certo desequilíbrio patológico que desmente a aspiração universal dos direitos burgueses, não se pode apelar ao progressivo retorno ao equilíbrio, pois o desequilíbrio funciona como momento constitutivo. Assim, o sintoma é o elemento particular que subverte seu próprio fundamento universal. Zizek considera que o procedimento marxiano de crítica da ideologia já é sintomático, pois marca um ponto de ruptura heterogêneo em um campo ideológico homogêneo (1999b, p. 175).

Zizek questiona qual seria a forma contemporânea da sentença de Marx sobre a ideologia: “não sabem, mas o fazem”. Ele localiza um outro ponto de análise na obra de Peter Sloterdijk, *Crítica da razão cínica*, na afirmação que a falta de distância ou a regulação da distância entre a máscara ideológica e a realidade social é assumida pelos sujeitos de forma consciente (Zizek, 1996 p. 62). A frase de Marx será reformulada: “eles sabem muito bem o que fazem, e mesmo assim o fazem”. Para Zizek, “eles encontram razões para conservar a máscara” (1996, p. 57), algo da ordem da denegação fetichista. Esta não seria uma posição imoral, mas uma posição que considera a moral como forma suprema de libertinagem e a verdade como uma mentira mais eficaz, a marca da razão cínica.

Zizek ainda faz uma distinção importante. O cinismo não é uma distância irônica. Os cidadãos simplesmente não tomam os enunciados ideológicos a sério. Mas se o nível fundamental da ideologia é o de uma fantasia inconsciente que estrutura a realidade social e não uma ilusão, não vivemos em uma sociedade sem ideologia ou pós-ideológica. O importante para Zizek é destacar a radical exterioridade da crença, que toma corpo na conduta prática das pessoas. A crença não é um estado íntimo, é algo que se materializa na atividade social: é a crença que sustenta a fantasia que regula a realidade social (1999b, p. 64). Desse modo, funcionamos “como se”, como se acreditássemos na democracia, como se ela

encarnasse a vontade do povo, mas quando deixamos de lado a crença, a realidade social aparece como inconsistente (Zizek, 1996b, 65). Nos submetemos a uma “máquina simbólica” e já cremos sem saber, isto é, inconscientemente.

Quais são as saídas? Depois de Édipo, do desejo fundado na proibição, ao momento atual de satisfação da pulsão no círculo repetitivo do gozo, a questão é como voltar ao domínio da lei. Para Zizek, retomando os termos de Lacan, seria uma retomada do narcisismo primário, prévio à introdução da lei simbólica:

Isso é precisamente o que temos denominado a violência da imaginação pré-sintética [...] representa uma espécie de big-bang ontológico, a violência primordial de irromper desde a imersão e a reclusão, fazendo estalar o circuito fechado, desgovernando qualquer unidade da vida em uma multiplicidade flutuante de objetos parciais específicos e monstruosos. (ZIZEK, 2001, p. 318).

Se considerarmos o momento de final de análise, regressa o desejo que é sustentado pela fantasia e a pulsão parece, de certo modo, abandonar o seu circuito fechado. Há uma insistência em Lacan em afirmar que a passagem pelo fantasma não é estritamente análoga à passagem pela pulsão e pelo desejo: “há um desejo que subsiste inclusive depois que atravessamos a fantasia, um desejo não sustentado por uma fantasia”, assegura Zizek (2001, p.318). Segundo Lacan, este seria o desejo do analista. O desejo do analista como posição subjetiva de alguém que passou pela destituição subjetiva, que assumiu a inexistência do Outro, é o desejo que impede de abandonar-se ao fechamento do circuito pulsional (2003, p. 318). Esse desejo, supostamente, poderia sustentar a comunidade analítica sem o apoio de um suporte fantasmático, em vez de fazer surgir uma comunidade – um Outro – que estabelece a transferência do Sujeito Suposto Saber. Essa foi a resposta de Lacan a questão de como chegar a uma forma de Outro que permita a “coexistência coletiva” (2003, p. 319).

Diante deste desenvolvimento de Lacan, Zizek considera suplementar a emergência das *duas pulsões de morte*, a partir da noção lacaniana de duas mortes (2003, p. 419-20). Ele assinala que, se é possível falar de uma eleição fundamental, esta há de encontrar seu espaço para realizar-se entre essas duas pulsões. Por um lado, a pulsão de morte como o indestrutível gozo do superego que domina o capitalismo tardio, o núcleo de nosso ser, nossa fantasia fundamental que se revela como uma máquina de gozo. Por outro lado, frente a este mandato, temos a pulsão de morte como um esforço para escapar das garras da vida eterna do zumbi, preso ao circuito repetitivo do gozo (2003, p. 421).

Esta pulsão de morte parece vinculada à imortalidade, já que o esforço é exatamente de poder libertar-se dela, dessa vida que subsiste além da morte. Como nota Zizek (ano), a linha que separa a entrega a uma compulsão cega e a experiência de atravessar o fantasma é com frequência imperceptível. Nisto reside a ambiguidade da aposta. Longe de nos impormos um conjunto de normas que devemos obedecer incondicionalmente, o amo totalitário é aquele que suspende o castigo, de modo que seu mandato é: tu podes! Podes transgredir todas as proibições que regulam a vida social, salvo a obediência ao amo. Mas para que a psicanálise opere não é um “deves fazer isto”. O recurso a uma ética da

autolimitação é incompatível com a psicanálise, afirma Zizek. Trata-se de um podes mais radical, não sustentado pela figura de um amo (2003, p. 421).

A insistência de Zizek nesse tópico segue ao dizer que é possível apoiar-se na dimensão da pulsão mais além da utilização que dela se faz na lógica inerente do capitalismo (1991, p. 217-218). Essa possibilidade consiste em advertir que a “pulsão é quase literalmente a autêntica pulsão de romper com o todo de continuidade em que estamos capturados, para introduzir um desequilíbrio radical nele” (ZIZEK, 2006, p. 63). Mas a pulsão se caracteriza precisamente por impulsionar um movimento alheio aos movimentos da vontade, não é possível propor um modelo de atividade alternativa que possa romper com ela. A possibilidade reside em inscrever, em reescrever nossa relação pulsional, levando em conta seus efeitos. Zizek não entende o conceito de pulsão desde um ponto de vista biológico, mas sim como uma ontologia materialista. A pulsão de morte não é o retorno a um estado inorgânico anterior, como na hipótese freudiana, mas a repetição radical que precede a ordem do ser, isto é, a repetição geradora do novo e da criação (1996, p. 31).

Existiria outro modo de socialização? Como poderíamos romper com o gozo, com narcisismo em que vivemos? Zizek alerta que a psicanálise precisa compreender que a posição na qual a sociedade carregava os interditos e o inconsciente as pulsões desregradas hoje é invertido: a sociedade é hedonista e desregrada e o inconsciente regula.

Seria possível uma sociedade sem a tensão entre a lei pública e seu suporte fantasmático, seu suplemento superegoico ou a criação de uma nova ordem é a criação de um novo significativo amo (2006, p.457)? Zizek (2005, p. 20) recupera o espaço entre as duas mortes, que representam dois modos simetricamente opostos de ser um morto vivo (2005, p. 199). Por um lado, aquele que está biologicamente morto, ainda que sobreviva simbolicamente à morte biológica como aparição espectral; de outro, aquele que está morto simbolicamente e continua vivo biologicamente, como Antígona ou o *homo sacer* de Agamben. A pergunta que ele deixa é a seguinte: O que aconteceria se aplicássemos a mesma lógica entre a lei e seu reverso, identificando os pontos de intersecção, o ponto em que a lei coincide com o crime universalizado (2006, p. 342)? Seria o lugar vazio em que é impossível refletir-se e que somos nós mesmos?

REFERÊNCIAS

- ZIZEK, S. **Mirando al sesgo**. Una introducción a Jacques Lacan a través de la cultura popular. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- _____. **Porque no saben lo que hacen**. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- _____. **El acoso de las fantasias**. México: Siglo XXI, 1999b.
- _____. **El espinoso sujeto**. El centro ausente de la ontología política. Barcelona: Paidós, 2001.
- _____. **El sublime objeto de la ideología**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.
- _____. **La suspension política de la ética**. Buenos Aires: FCE, 2005.
- _____. **Visión de Paralaje**. Buenos Aires: FCE, 2006.

TEU TEMPO TE MOSTRAREI EM UM PUNHADO DE PÓ: PSICANÁLISE, UTOPIA E PROPAGANDA*

YOUR TIME I WILL SHOW YOU IN A HANDFUL OF DUST:
PSYCHOANALYSIS, UTOPIA AND PROPAGANDA

Edson Luiz André de Sousa¹

“Jamais o conhecimento é soberano: ele deveria acontecer no instante mesmo para ser soberano. Mas o instante permanece fora, aquém ou além de todo saber.”¹

Georges Bataille

“E vou mostrar-te algo distinto
De tua sombra a caminhar atrás de ti quando amanhece
Ou de tua sombra vespertina ao teu encontro se elevando;
Vou revelar-te o que é medo num punhado de pó.”

T.S.Eliot

Não são só em cemitérios que encontramos os cadáveres de uma cidade. O desafio é encontrá-los naquilo que ainda pulsa, no que circula pelas avenidas, no que é nos é dado ler nos jornais diários, na música de fundo dos escritórios, querendo organizar com seu refrão monótono nosso tempo e espaço, nas múltiplas estratégias de propaganda que nossa época produziu e que funcionam como uma espécie de eclipse do pensamento. Fui surpreendido, em uma de minhas caminhadas por Paris, por dezenas de bolhas de sabão que me fizeram parar. À medida que caminhava elas se multiplicavam às dezenas. Que pulmões potentes poderiam produzir tantas bolhas de sabão? Dobro em uma esquina e para minha surpresa vejo uma pequena máquina em funcionamento na porta de um restaurante. Como nunca tinha visto esta invenção da tecnologia publicitária, fico surpreso e decepcionado. Pulmões mecânicos para olhos cansados! Subitamente as bolhas de sabão materializaram o ar de uma época que não tolera a inconstância e a fragilidade do humano, as pausas de uma respiração que precisa de um tempo para recuperar o ar. Se tivesse encontrado alguém soprando, aí sim estaria talvez mais perto da “mélodie de l’arrière-fond”², como nomeia Rilke³, pois poderia ainda me interrogar sobre a força que anima um sujeito a fazer circular na cidade formas tão frágeis e efêmeras. É neste ponto preciso que tal estratégia publicitária é capaz de destruir um sonho.

Toda propaganda é, por definição, um ensaio de dogmatismo. Esta operação, evidentemente, não é feita de forma ingênua. Em seu livro *História da propaganda*, Jacques Ellul mostra bem esta perspectiva⁴. Percorrendo a história da propaganda, Ellul sugere que Machiavel foi o primeiro teórico da propaganda. Este mostra, de forma clara, que sua função é fazer parecer ao outro algo que não é, à medida que recorta da realidade apenas o que interessa ser revelado. Neste sen-

¹Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Pós-Doutor pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) Paris e Université de Paris VII, Professor da UFRGS.

*Esta é uma versão modificada do texto “Eclipse: propagande et utopie”, publicada na revista *Topique*, Paris, n. 111, 2010.

tido, a propaganda seria nada mais que uma máquina de convencimento. Basta lembrar o seu famoso adágio de que “gouverner, c’est faire croire”⁵. Poderíamos concentrar grande parte do pensamento de Machiavel na seguinte passagem e dela retirarmos os dois eixos principais do presente texto:

O Príncipe pode ser infiel a seus compromissos, mas ele deve parecer fiel. Não é necessário que ele tenha todas as qualidades mas é indispensável que ele pareça possuí-las [...] Isto porquê o povo se fixa sempre nas aparências é só julga pelo acontecimento. Ora, o povo é quase todo mundo, e a minoria só conta quando a multidão não sabe em quem se apoiar.⁶

Há duas direções possíveis de análise de tais ideias que, embora abordem perspectivas distintas, são convergentes. De um lado, as estratégias de poder que se sustentam, em grande parte, na força da servidão voluntária acionada pelas máquinas de propaganda. Impossível abordar o cenário político contemporâneo sem uma anatomia precisa dos circuitos de propaganda que tal poder coloca em cena. Neste ponto, foi fonte de inspiração para o presente texto a obra louvável, militante e crítica de Noam Chomsky, que dedicou alguns de seus livros especificamente a este tema⁷. Chomsky percorre a história para mostrar em dezenas de exemplos alguns labirintos obscuros do poder que nos fazem comer gato por lebre. Embora seus textos se refiram, aparentemente, a uma narrativa detalhada da história política recente com dados impressionantes do “dever parecer” maquiavélico, não deixa de teorizar sobre este fenômeno de manipulação da informação, buscando uma teoria que nos permita uma gramática de leitura de alguns cenários violentos e que buscam seus pontos de sustentação nas estratégias de propaganda. Tal reflexão seria, contudo, incompleta se não trouxesse junto, pelo menos em forma de esboço, uma análise do fundo psíquico que opera nesses processos. Chomsky aponta, em muitos momentos, essas variáveis, mas não se ocupa em entender a metapsicologia da fabricação do consentimento. Aqui alguns aportes da psicanálise são essenciais e buscarei, sobretudo nas teorizações de Sophie de Mijolla-Mellor em torno da necessidade da crença, uma álgebra mínima de um “besoin de croire” (necessidade de acreditar) para entender um pouco que mecanismo faz com o que o sujeito “se fixa sempre nas aparências é só julga pelo acontecimento”⁸.

Ambas as vertentes evocam como contraponto alguns dos fundamentos do discurso utópico que eu resumiria nos seguintes pressupostos:

1. Crítica às imagens instituídas que buscam se apresentar como unívocas.
2. Abertura de novos espaços de imaginação, seja pelo ato político que visa a desmontar a lógica do poder apostando na força libertadora da instância crítica, seja no ato analítico que abre para o sujeito novos sentidos até então inéditos.
3. Recusa em assumir posições idealistas e dogmáticas à medida que não pretende propor a imagem justa, o mundo perfeito, a interpretação verdadeira. O que move o horizonte utópico que aposta na força vital da criação é uma radical insatisfação com o que aí está. Esta recusa de antecipar a verdade que salvaria, abre um espaço de esperança na perspectiva de Ernst Bloch⁹ e de responsabilidade de cada um para com seu futuro. O adágio freudiano em sua dimensão ética “Wo Es

War, Soll Ich Werden" dá a direção deste horizonte de trabalho¹⁰.

Esses pontos seriam suficientes para sustentar a proposição de que o discurso utópico, em sua vocação política, funciona na contracorrente do discurso da propaganda. Tal perspectiva viria a contrapor, em parte, o furor da propaganda que em maior ou menor grau se baseia sempre em técnicas afinadas de persuasão, como muito bem apontou Tchakhotine em seu livro histórico de 1939 *A violação das massas pela propaganda política*¹¹, publicado na França e imediatamente proibido para não desagradar a Alemanha nazista, uma vez que os argumentos desta obra colocavam em relevo, justamente, toda a estratégia orquestrada por Joseph Goebbels. Tchakhotine mostra a sutileza das tecnologias de propaganda que buscam, diz ele, sua força no campo pulsional dos indivíduos¹².

O instinto e suas energias são assim desviados para temas como pangermanismo, a superioridade da cultura ou mesmo da raça alemã. Toda arte da propaganda consiste, portanto, em guiar as pulsões do indivíduo no sentido que escolhemos para ele. A propaganda consiste em uma manipulação hábil de associações de ideias.¹³

O termo de contrapropaganda surge imediatamente a partir deste cenário na tentativa de desmontar essas arquiteturas do poder. Jean-Marie Domenach, por exemplo, insiste nesta ideia em seu livro *A propaganda política*¹⁴. Talvez o termo de contrapropaganda não seja o mais adequado, pois, a priori, não necessariamente romperia com as técnicas diante das quais se opõe. Talvez neste ponto o discurso psicanalítico tenha algo de radical a nos transmitir quando aposta no papel da interpretação, abrindo ao sujeito novas perspectivas diante da alienação que o constitui. Interpretar, nesse sentido, não seria acionar uma maquinaria de nomeação das bolhas de sabão que nos encantam e nos distraem. Não sabemos a priori de onde elas vêm e precisamos manter certa reserva para não cairmos rapidamente no que Piera Aulagnier nomeou de violência da interpretação¹⁵. Interpretar estaria muito mais perto dos gestos radicais das mãos infantis que, quando veem tais bolhas de sabão, correm imediatamente para destruí-las. Se seguirmos o fio que nos propõe Sophie de Mijolla-Mellor de que pensar é contrapor pontos de vista, certamente a propaganda surge como um obstáculo ao pensamento. O que busca a propaganda? Apresentar um objeto de forma definitiva sem espaços para dúvidas e hesitações. Assim, abriria um terreno propício para que possamos aderir a tais objetos como uma espécie de caricatura das relações passionais. Por vezes, esta adesão é tão potente que nos confundimos com o objeto. O pensamento crítico teria a importante função de desestabilizar esta trama identificatória.

"O pensamento nasce com o recuo que nos permite apreender posições diferentes de um objeto ou de uma situação e, portanto, de seus aspectos, em momentos variados."¹⁶

Esta poeira nos olhos permitiria abrir uma fissura, uma ferida entre sujeito e objeto e, de certa forma, permitir que se possa romper o contato fusional entre sujeito e objeto¹⁷.

Dissolução de imagens abrindo novas perspectivas, tirando o sujeito do eclipse que o congela à sombra do objeto. Uma nova luz surge, desestabilizando uma harmonia forçada. Qual seria a posição justa que ainda nos permita alguma surpresa diante do que vemos? A literatura utópica sempre se preocupou em alertar para os pântanos da história que desenham os mapas que sustentam a paz dos soberanos. Contrapor este “bafo do porão” (como lembra Ernst Bloch) é o desafio que temos pela frente. Karl Marx inicia uma carta a seu pai, escrita em Berlim em 1837, com esta bela reflexão que sintetiza o argumento que desenvolvo aqui:

Querido pai, há momentos na vida, semelhantes aos marcos de fronteira, que se erguem depois de um tempo findo, mas designam ao mesmo tempo, com precisão, uma direção nova. Tendo chegado a este ponto, sentimos a necessidade de contemplar, com o olhar de águia do pensamento, o passado e o presente, no intuito de tomar consciência de nossa verdadeira posição.¹⁸

Sabemos bem que não se trata de uma posição fixa, pois cada acontecimento reconfigura o mapa que nos constitui e, como muito bem mostrou Sigmund Freud, colocar os sujeitos diante da verdade que os funda não é tarefa fácil. Trabalhar neste terreno implica abordar as resistências que são forças intrínsecas a este circuito. Aliás, para Freud as resistências que muitas vezes se materializam nos sintomas é o índice de que ali se aloja algo que precisamos entrar em contato e que resistimos a tomar conhecimento. Contudo, identificar este movimento já é um grande passo, seja nos labirintos da história seja nos corredores da psicopatologia da vida cotidiana. Georges Bataille é muito claro neste ponto: “A fuga diante da verdade é, por um jogo de contrapartida, a garantia de um reconhecimento da verdade”¹⁹.

IMAGEM /FORA DA IMAGEM – O PODER DA PROPAGANDA²⁰

O vigésimo capítulo dos *Ensaíos*, de Montaigne, tem como título “A força da imaginação”. Inicia pela seguinte proposição: “Fortis imaginatio generat casum” (uma imaginação forte produz acontecimento)²¹. Trata-se do acontecimento que se produz em coautoria com o sujeito que ainda é capaz de imaginar. Podemos deduzir daí que os acontecimentos (*événements*) que mudam o curso da história são acionados por uma recusa de vestir o mundo com as litanias repetitivas dos discursos oficiais. O motor de sua construção é a potência criativa, razão pela qual a arte, em todas suas instâncias, tem uma função fundamental neste ponto.

O senso comum costuma atribuir como missão das utopias a função de desenhar qual seria a imagem precisa da sociedade para que todos encontrassem, enfim, paz, felicidade, harmonia na vida em comum. A utopia vista desde este prisma acaba por ser, por um lado, ridicularizada quando suas proposições seguem as idiossincrasias e extravagâncias do desejo no imponderável de suas “políticas” ou temidas quando são lidas ao pé da letra e tomadas como texto acabado do que deveria ser, se apresentando inúmeras vezes como imperativas. A decadência do espírito utópico, tão presente em nossos tempos, se deve a esses dois grandes equívocos. A força das imagens utópicas está justamente no “hors-image” (fora da imagem), apontando como, lembra Fredric Jameson, àquilo que ainda não fomos capazes de imaginar, em outras palavras, nosso em falta com a

imaginação²². Há algo de impronunciável em relação a este não lugar, o que não significa que sua evocação não nos coloque na via de um desejo de outros mundos possíveis. Um exemplo contundente desta perspectiva é sutilmente apontado no texto de Thomas Morus, pois quando este pergunta a Raphael onde fica a ilha da utopia, ao responder, a tosse de um dos presentes, impede que se possa escutar²³. A utopia, portanto, abre pelo seu ato de escritura um espaço possível para este fora-da-imagem. Sua função lógica é mostrar os abusos de toda imagem que ousam apontar o objeto em uma aparente transparência, em sua evidência “natural” e incontestável. O discurso utópico funciona como censura, apontando para o sem imagem. Não poderíamos pensar em certa obscenidade da propaganda justamente por este excesso de visibilidade? Obscenidade também do artifício do seu funcionamento, pois o objeto em cena viria a responder às promessas que nos fazem acreditar que ele possui. Trata-se, portanto, de um engano já que ele é incapaz de cumprir tais promessas. A violência da propaganda consiste, em certa medida, em não deixar que o sujeito possa experimentar esta salutar decepção mantendo ainda viva (a ferro e fogo), o brilho do objeto. Esta operação “pouparia” o sujeito da experiência de apagamento da imagem que Neyrat sublinha como o duplo regime da negatividade:

- Regime do trabalho do negativo, que instaura a vida do espírito
- Regime da perda²⁴

A propaganda tenta, à força, sustentar a ilusão de uma positividade do objeto mantendo vivo seu potencial de objeto de consumo. Assim, a lógica do capital sabe se proteger dessas fissuras críticas que denunciam a falácia deste encontro.

“Quando o capital se acumula sob a forma de imagens, a imagem fora-da-imagem se reabsorve— e a política corre o risco de se reduzir a um consumo vazio de virtualidades.”²⁵

O terrível é quando este consumo nos turva a visão sobre alguns dos horrores que assistimos cotidianamente no mundo. É aqui que Noam Chomsky tem construído um trabalho corajoso e essencial, mostrando as perversidades da máquina política que estrategicamente controla a indústria da propaganda e desenha os acontecimentos ao sabor de seus interesses. O consumo da informação tem sido uma das armas mais eficazes para um controle das políticas de estado, construindo sempre razões para o imponderável. Os livros de Chomsky aqui mencionados dão uma visão clara desta questão e seria impossível reproduzir neste artigo algumas dissecações recentes da história feitas por ele e que surpreendem: o massacre no Timor Oriental pela Indonésia sustentada durante muito tempo pelos Estados Unidos e que resultou em milhares de mortes, a guerra da Coreia, a guerra do Vietnã, as operações militares dos Estados Unidos no Iraque e Afeganistão, o terror de estado da Turquia contra os Curdos, a ocupação da China no Tibet, os Khmers Vermelhos no Camboja, um dos mais atrozes genocídios da história depois do nazismo (1969-1979) e cujos primeiros seis anos tiveram o apoio norte-americano, os monopólios dos grandes laboratórios que impossibilitam que uma política sanitária e urgente possa se desenhar para a África por exemplo²⁶.

Chomsky é categórico neste ponto mostrando quanto a propaganda encontra estratégias para sustentar o insustentável, quer criando falsas informações, suprimindo dados importantes, acionando estratégias psíquicas na população de forma a criar um clima favorável a suas políticas de guerra, de intolerância, de discriminação, e de desigualdade social. Diz ele: "a propaganda é para a sociedade democrática, o que a cacete é para o estado totalitário"²⁷. Chomsky menciona também os grandes aparatos do setor de relações públicas que trabalham no sentido de fabricarem as opiniões que os poderosos precisam. Esses trabalham seguindo o slogan de que a essência da democracia é a fabricação do consentimento²⁸.

PROPAGANDA: E O ECLIPSE DO SUJEITO

No filme *O Eclipse*, de Michelangelo Antonioni, há uma cena em especial que surpreende. O ruído e agitação da bolsa de valores impedindo qualquer possibilidade de diálogo, metáfora do encontro fracassado que se produzirá entre a jovem que acaba de desfazer seu casamento e a busca amorosa que tenta, em vão, estabelecer com Piero (Alain Delon) funcionário da bolsa. O único código possível naquele espaço são a dança dos números e o ritmo alucinante da venda e compra de ações. Quando a máquina dita o movimento de forma tão absoluta não há mais sujeito em cena. Kafka também com sua "Colônia Penal", mostra bem este cenário quando a máquina de tortura se põe a funcionar. Com seu ruído perturbador nenhum diálogo é mais possível, pois qualquer palavra fica encoberta sob o som da engrenagem.

Interessa-nos saber que mecanismos elementares fazem com que possamos nos sacrificar de forma tão "pacífica" a estes funcionamentos? Que razões psíquicas nos conduziriam a certo benefício do conformismo?

Duas anotações se fazem presentes a partir da leitura do livro de Sophie de Mijolla-Mellor (*Croire à l'épreuve du doute*) e que de alguma maneira tentam responder à questão acima e que nomearei provisoriamente como *luz da evidência e sombras identificatórias e utopia*.

LUZ DA EVIDÊNCIA

Tudo aquilo que se apresenta como evidente, que tem a pretensão de se revelar por si mesmo, de alguma forma anula a condição de leitura do sujeito, já que o coloca como mero receptor. A evidência tenta nos situar em uma posição de passividade, pois os objetos nos chegam de forma cristalina, prescindindo do sujeito e de sua interpretação. Tudo que se apresenta de forma evidente dispensa o sujeito de qualquer esforço maior de linguagem e transmissão, uma vez que propõe a ideia de um acesso direto ao objeto (como se fosse possível!). Sophie de Mijolla-Mellor mostra muito bem que esta evidência é inaugural e todas as dúvidas que temos depois não abalam nossa esperança de reencontrar este estado primeiro e perdido para sempre²⁹. De onde viria, portanto, esta força do sonho de um objeto revelado sem a intermediação da linguagem? Vejamos uma primeira resposta:

Precisamente de escapar ao logos racional e ao trabalho das palavras que implica sempre uma margem de incerteza, de crítica e, portanto, de progresso. A evidência é imediata, fora do tempo e de toda espécie de elaboração, mas para constituí-la, e assim para poder reconhecê-la como tal, é preciso ter conservado a nostalgia de um acesso ao sentido por contato direto, quase por osmose.³⁰

Teríamos, portanto, nesta equação um trabalho da propaganda de produzir uma espécie de alucinação do objeto já que se nossa adesão é total e sem resistência, é o objeto que vai falar por nós, e em nós. A propaganda adquire um efeito mágico de captura do sujeito, em parte, porque nos oferecemos passivamente a este jogo. É aqui que o pensamento crítico bem como o ato analítico surgem como abalos sísmicos nesta fortaleza tão sedutora e tão frágil como as bolhas de sabão às quais nos referimos. Das fissuras deste terreno da certeza surge a esperança de novas configurações de mundo e outros contornos para o mundo dos objetos.

SOMBRAS IDENTIFICATÓRIAS E UTOPIA

Steve Biko e Nelson Mandella foram duas figuras emblemáticas da luta contra o *Apartheid*, na África do Sul. Biko não teve a mesma sorte de seu companheiro de luta, pois foi assassinado na prisão em 1977. Ele foi responsável pela criação do “Black Consciousness Movement” que, como sabemos, teve um papel fundamental na história da África do Sul. Uma de suas proposições contundentes e que nos abre todo um campo de reflexão sobre o fundo psíquico que nos capturam na maquinaria da propaganda é a seguinte: “A arma mais potente do opressor se encontra no espírito do oprimido”³¹.

Dois apontamentos preliminares se impõem. Discorrer sobre o funcionamento psíquico nestas relações de poder não implica recusar todos os outros pontos de vista teóricos fundamentais para entender um acontecimento histórico. Portanto, eu me afasto neste ponto de uma perspectiva reducionista ou mesmo de uma pretensão ingênua de psicanálise aplicada. Em segundo lugar, trazer a psicanálise para este debate é fundamental, pois assim seguimos a intuição freudiana de indicar a potência analítica no campo social e político que esta disciplina possui. Sabemos que este é um campo que ainda tem muito a avançar.

O que mostra Biko, portanto, é que a força do opressor é, em parte, outorgada pelo oprimido e que os mecanismos de identificação são essenciais para compreender esta estranha ligação. A propaganda mostra sua eficácia quando consegue desenhar para o sujeito um objeto ideal ao qual ele se identifica e, portanto, se submete a ele. Não são poucos os mecanismos que o sujeito faz uso para não perturbar sua “sintonia” com estes ideais mesmo que tenha que pagar com o sacrifício de sua própria vida. A propaganda produz um certo efeito traumático, ao tentar fixar o sujeito em uma posição estática. Respondendo a um mecanismo de “assimilação” ao discurso do Outro, o indivíduo teria a tendência de eliminar toda a percepção que colocaria em causa este equilíbrio. A identificação, embora constitutiva, se apresenta aqui em sua face de sintoma. Vejamos o que nos diz sobre este ponto Sophie de Mijolla-Mellor:

O estado de alienação, que ele seja o resultado de uma força alienante externa ou de um desejo de autoalienação, se define pelo seu propósito: a redução mínima, mesmo absoluta, do conflito entre o Eu e seus Ideais. É de um aniquilamento da individualidade que se trata, pela redução máxima de todo desvio ou diferença.³²

Contudo, são inúmeros os ruídos desta maquinaria, acionados pela força da dúvida que vem perfurar as sombras de imagem produzidas pela propaganda. Dúvida que abre uma possibilidade de experiência de surpresa, de criação de novos sentidos, de novos posicionamentos diante da história, de esclarecimento sobre as estratégias, por vezes, perversas das políticas de propaganda. Assim, identificar alguns determinantes desta política abre novos espaços de futuro, mas sobre o qual nada sabemos. Não é este justamente o princípio ético da escuta psicanalítica? Louis Marin avança de forma lúcida neste ponto quando indica que o fundamental do significante utopia é colocar em cena um in-determinado³³.

Este me parece ser o campo de força que todo trabalho de análise aciona. Também identifico este potencial utópico na tensão que vemos na história entre as máquinas de propaganda que tentam manter o poder na mão dos mesmos e a indignação e revolta de alguns, que ainda são capazes de resistir a tais estratégias violentas. Assim, vivemos em um mundo de uma Tailândia que mantém uma censura feroz ao “crime” de crítica ao rei e seus sucessores (*loi lèse-majesté*) e que pode implicar em uma pena de 3 a 15 anos de prisão, para dar apenas um exemplo do noticiário recente³⁴. Mas como contraponto, a esperança de movimentos de revolta como no Irã, no dia 21 de julho 2009. Uma rede de contatos pela internet convidava todos os cidadãos a ligarem seus aparelhos elétricos em casa exatamente às 21 horas durante 4 minutos de forma a produzir um grande pane de eletricidade na hora do mais importante jornal televisivo. Assim, protestavam de forma “silenciosa” contra a reeleição fraudulenta de Mahmoud Ahmadinejad e, sobretudo, contra a política de propaganda do governo que faz de tudo para se manter no poder³⁵.

Talvez desligando algumas máquinas que nos impõem à força suas melodias de propaganda poderemos, quem sabe, escutar um pouco mais as inquietações que nos habitam e que ainda esperam seu tempo de formulação. Poderíamos sonhar com uma soberania mais plena que esta, mesmo que ainda nos falte a formulação de que precisamos? Há muitas bolhas de sabão no ar e é urgente que saibamos um pouco mais de onde mesmo elas vêm.

NOTAS

¹BATAILLE, G. Ce que j’entends par souveraineté. **Oeuvres Complètes**. Paris: Gallimard, 1976, v. VIII, p. 253.

² Melodia de fundo (tradução do autor).

³RILKE, Rainer Maria. **Notes sur la melodie des choses**. Paris: Éditions Allia, 2008, p. 53.

⁴ELLUL, Jacques. **Histoire de la propagande**. Paris: PUF, 1967.

⁵ “Governar, é fazer acreditar” (tradução do autor)

⁶Machiavel em seu clássico texto **O Príncipe** (capítulo XVIII), citado por Jacques Ellul em **Histoire de la propagande**, op. cit., p. 47 (tradução do autor).

⁷Penso sobretudo em **De la propagande** (FAYARD, Paris, 2002); **Propagande, médias et démocratie** junto com Robert W. McChesney (Montreal: Éditions Écosociété, 2004); **La fabrication du consentement—de la propagande médiatique en démocratie**, junto com Edward Herman (AGONE, Marseille, 2008).

⁸Retomo nesta frase o fragmento do texto de Machiavel apresentado anteriormente. Dois livros de Sophie de Mijolla-Mellor me interessam particularmente em relação a este ponto. **Le besoin de croire: métapsychologie du fait religieux** (Paris: Dunod, 2004), e **Croire à l'épreuve du doute** (Paris: Les éditions de l'atelier/Éditions Ouvrières, 2008).

⁹Ver BLOCH, E. **Le principe espérance**. Paris: Gallimard, 2001.

¹⁰Desenvolvo mais amplamente este argumento em meu livro **Uma invenção da utopia**. São Paulo:Lumme Editor, 2007.

¹¹TCHAKHOTINE, S. **Le viol des foules par la propagande politique**. Paris: Gallimard, 1952 (1er. edition 1939).

¹²Em seu texto,Tchakhotine menciona as pulsões agressivas, sexuais, parentais e até mesmo alimentares.

¹³Ver **Encyclopédie Philosophique Universelle – Les Notions Philosophiques**.Paris:PUF, 1990, v. 2, p. 2072 (tradução do autor).

¹⁴DOMENACH, J.-M. **La propagande politique**. Paris:PUF, 1979(1^o edition 1959).

¹⁵Ver AULAGNIER, P. **La violence de l'interprétation – du pictogramme à l'énoncé**, Paris: PUF, 1986 (1^o edition 1975).

¹⁶MIJOLLA-MELLOR, S.**Croire à l'épreuve du doute**. Paris: Les Editions de l'Atelier/Editions Ouvrières, 2008, p. 12.

¹⁷Como aponta Sophie de Mijolla-Mellor, op. cit., p. 12.

¹⁸MARX, K. **Lettre de Marx à son Père**, de 10 novembre 1837enviada de Berlim.**Oeuvres Philosophiques**.Bibliothèque de la Pléiade.Paris: Gallimard, 1982,v. III,p. 1.370 (tradução do autor).

¹⁹BATAILLE, G.**La part maudite – essai d'économie générale**.Paris: Les Éditions de Minuit, 1949. Uma pequena nota em relação a este livro. Ao consultar o exemplar na Bibliothèque Sainte-Genevieve, encontro uma dedicatória de Georges Bataille na primeira página do livro, o que de fato evidentemente outro brilho e olhar para o livro em questão. "A M. André Rousseaux, hommage sympathique de Georges Bataille"(tradução do autor).

²⁰Título do livro de Frédéric Neyrat. **Image hors– image**. Paris: Editions Lignes & Manifestes, 2003.

²¹Montaigne. **Les Essais**.Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 2007, p. 98.

²²Ver Jameson, F. **As sementes do tempo**. São Paulo:Ática, 1997.

²³Ver MARIN, L. **Utopiques: jeux d'espaces**. Paris:Les Éditions de Minuit, 1973, p. 116.

²⁴Ver NEYRAT, op. cit.,p.27.

²⁵NEYRAT, op. cit., p. 20 (tradução do autor).

²⁶Ver CHOMSKY, N. **De la propagande**. Paris:Fayard, 2002. "Segundo as últimas pes-

quisas, cada ano, cercade 600 mil crianças são contaminadas pelo vírus da Aids por via intrauterina, o que significa que eles morrerão sem dúvida de Aids. Este é um processo que poderia ser eliminado com a utilização de medicamentos custando em torno de dois dólares por ano. Contudo, as companhias farmacêuticas recusam que estes sejam vendidos por uma estratégia chamada "licença obrigatória", em outros termos, que os países concernidos possam produzi-los por um custo bem mais barato que do monopólio, p. 198 (tradução do autor). Como aceitar que uma posição como esta possa se sustentar diante dos próprios organismos ditos humanitários e responsáveis pela saúde? Aqui uma política de propaganda com argumentos em prol da pesquisa dita de ponta e da sustentação do monopólio se faz presente o que, na verdade, é uma máscara para o real interesse que ali está presente, ou seja, as cifras dos lucros desta empresas. Para maiores detalhes em relação a este ponto remeto o leitor ao texto de Chomsky.

²⁷CHOMSKY, N. **La fabrication du consentement**, op. cit., p. 26.

²⁸ Ver CHOMSKY, N. **Propagande, médias et démocratie**, op.cit., p. 33.

²⁹ Ver Sophie de Mijolla Croire, **À l'épreuve du doute**, op. cit., p. 9.

³⁰ Sophie de Mijolla-Mellor, op. cit., p. 25 (tradução do autor).

³¹ Ver CHOMSKY, **De la propagande**, op. cit., p. 246.

³² Sophie de Mijolla-Croire, op. cit., p. 65 (tradução do autor)

³³ MARIN, L. **Utopiques: Jeux d'espaces**. Paris:Les Éditions de Minuit, 1973, p. 37.

³⁴Ver jornal **Libération**, 15 juillet 2009, p. 12, Paris.

³⁵Ver jornal **Libération**, Paris, p. 2, 19 juillet 2009.

ENTREVISTA COM PATRÍCIA PORCHAT¹

AN INTERVIEW WITH PATRÍCIA PORCHAT

ESTA ENTREVISTA FOI MOTIVADA PELO LIVRO "PSICANÁLISE E TRANSEXUALISMO: DESCONSTRUINDO GÊNEROS E PATOLOGIAS COM JUDITH BUTLER" LANÇADO PELA EDITORA JURUÁ, EM 2014.

QUAL A SUA RELAÇÃO COM O TEMA DO LIVRO PSICANÁLISE E TRANSEXUALIDADE?

Sou psicanalista e, a partir de questões clínicas, decidi investigar as homossexualidades no meu doutorado e acabei me deparando com o conceito de gênero. Conheci a obra da filósofa feminista e teórica de gênero Judith Butler, que propõe pensar gênero tomando como paradigma os gêneros que não se enquadram como inteligíveis, ou seja, que não mantêm continuidade entre sexo anatômico, identidade de gênero, desejo e prática sexual. Butler toma como paradigma para pensar gênero justamente os transexuais, as travestis, transgêneros em geral e também os intersexo. A partir daí comecei a me interessar pela transexualidade e minha clínica também foi por esse caminho.

COMO VOCÊ VÊ A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA FRENTE AS QUESTÕES DE GÊNERO, DA HOMOSSEXUALIDADE E DA TRANSEXUALIDADE?

A psicanálise, de modo geral, tem condições de fornecer uma boa leitura das homossexualidades a partir de alguns trechos de textos de Freud ou de Lacan. Mas ela tropeça ao substancializar o homem e a mulher em muitos momentos, criando uma visão limitada e preconceituosa em relação à sexualidade, às masculinidades e às feminilidades. Nesse sentido, a abertura da psicanálise para as teorias de gênero e para a teoria queer é fundamental. Essa então é uma tarefa da psicanálise contemporânea, ou seja, admitir sua limitação e abrir-se a outras teorias. Acredito que os psicanalistas de hoje estão profundamente incomodados, no bom sentido, com as questões de gênero que estão se manifestando e se visibilizando de um modo crescente. Não há como se furtar a pensar sobre isso. Vários espaços psicanalíticos tradicionais de formação estão convidando pessoas que já se debruçam sobre esse campo para debater a homossexualidade e a transexualidade. No cenário psicanalítico atual, Judith Butler se tornou uma grande interlocutora. Acho que a psicanálise que aborda essas questões pode ser dividida em antes e depois de Butler e sua teoria de gênero como ato performativo. Pensar gênero hoje na psicanálise é pensar a partir de Butler. E alguns psicanalistas no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa já estão fazendo isso.

¹Psicanalista,
professora do curso
de psicologia da
UNESP.

VOCÊ TRAZ UMA IMPORTANTE QUESTÃO PARA A PSICANÁLISE NO SEU TENSIONAMENTO COM O PENSAMENTO DE JUDITH BUTLER: NÃO HÁ COMO DISSOCIAR CLÍNICA, DIAGNÓSTICO E CENA ÉTICA. VOCÊ PODE NOS FALAR SOBRE ESTA QUESTÃO?

Abordo esta questão de certo modo a partir do contato cada vez maior que

tive com os movimentos sociais, que me fez repensar o lugar do psicanalista e da psicanálise. O diagnóstico realizado na clínica, no caso da homossexualidade e da transexualidade, foi durante muito tempo fundado num posicionamento social em relação às sexualidades e ao gênero, pautado em valores morais, ideias religiosas, concepções psiquiátricas antiquadas. No campo das sexualidades e do gênero, a clínica encontra uma cena social atravessada pelo preconceito. Esse preconceito nos habita, de modo geral, e muitas vezes habita também o analisando. No meu livro discuto esta questão a partir de Butler, que aponta como, ao criarmos as normas de gênero, criamos o anormal, o monstro, o não humano. O diagnóstico muitas vezes é trazido pronto, no caso dos transexuais, porque ele ainda é uma espécie de passaporte para os serviços de saúde. É o diagnóstico que permite ser beneficiário daquilo que o ambulatório e o hospital oferecem em termos de cuidados com as pessoas trans. O diagnóstico sempre aponta para a patologia e patologizar gênero e sexualidade é no mínimo algo a ser discutido, senão algo a ser abolido. Principalmente por que a patologização produz efeitos de segregação, preconceito e violência. Por outro lado, o psicanalista trabalha com diagnóstico. O que para mim hoje é muito claro é que temos transexuais, homossexuais, bissexuais e heterossexuais neuróticos, psicóticos e perversos, só para manter um linguajar lacaniano.

A TRANSEXUALIDADE, O PENSAMENTO DE J. BUTLER E A TEORIA QUEER FORÇAM A PSICANÁLISE A REPENSAR A SEXUAÇÃO. COMO VOCÊ VÊ ESTA QUESTÃO?

Butler não chega a fazer uma análise das fórmulas de sexualização de Lacan. Mas ela analisa e problematiza o conceito de diferença sexual. De certo modo, o que está em jogo é o binarismo de gênero que pode daí ser extraído. A pergunta é pela necessidade do pensamento dicotômico para a produção da subjetividade. Lacan propõe duas maneiras do ser falante se inscrever. Divide a humanidade em homens e mulheres ainda que haja mobilidade na sexualização, no sentido de haver homens do lado mulher e vice-versa. O que a teoria queer e Butler questionam é o efeito para a psicanálise e para os psicanalistas de se fazer uso de categorias que certamente produzem exclusão de seres humanos. Principalmente se essa exclusão coloca alguém na categoria de psicose. Quando Lacan usa os termos homem e mulher, é de gênero que ele está falando? Sim e não. Pode-se até argumentar que não, mas os termos que ele usa dizem respeito, ainda que no senso comum, aos gêneros. Na verdade, Lacan até diz, em algum momento, não me lembro exatamente onde, de que ele está sim falando de gênero. Enfim, mesmo que demonstremos em outras passagens que as fórmulas de sexualização, ou que a diferença sexual, remetam a outro tipo de divisão dos humanos, os termos usados têm um referente, significam algo (ainda que apenas em sua origem), produzem um efeito de sentido naqueles que os utilizam. E é aí que mora o perigo de pensar, por exemplo, a transexualidade como não cabendo nas fórmulas de sexualização.

COM RELAÇÃO À DESPATOLOGIZAÇÃO DOS GÊNEROS, VOCÊ NÃO ACHA QUE HÁ CERTA IATROGENIZAÇÃO DO DISCURSO MÉDICO E DA MÍDIA, COM CERTA REPERCUSSÃO NAS IDENTIDADES TRANS?

Com certeza, a mídia e o discurso médico têm contribuído para um engessamento das experiências identitárias à medida que propõem um modelo pronto de transexualidade. A medicina, mais que a mídia, tem uma clareza de quem é o transexual “verdadeiro”. Ela cria, sugere e produz comportamentos onde antes talvez não houvesse. A mídia ainda explora diferentes experiências trans, mas divulga demasiadamente as pessoas que passaram por processos cirúrgicos e, nesse sentido, aponta para um determinado modo de “solucionar” o desconforto com o gênero que talvez não seja o de todos. A medicina dificilmente apostará na despatologização. A mídia raras vezes pensa nas consequências possíveis daquilo que veicula. Para despatologizar é preciso oferecer às pessoas trans outra forma de se beneficiarem dos serviços de saúde. Por enquanto, praticamente a única porta de entrada é através de um diagnóstico pautado no DSM e no CID, ou seja, pelo campo da doença. Não é à toa que muitos se apegam ao diagnóstico e cumprem à risca aquilo que é veiculado pelo discurso médico.

VOCÊ PODERIA APONTAR CERTOS PONTOS DE ENCONTRO E DE TENSÃO ENTRE A PSICANÁLISE E A TEORIA QUEER?

Tenho um artigo sobre isso – “Tópicos e desafios para uma psicanálise queer”, que está no livro: *Queering – problematizações e insurgências na psicologia contemporânea* UFMT (2013). Basicamente, o ponto principal refere-se ao próprio sentido do termo *queer*. Uma das mais conhecidas teóricas queer, Eve Kosofsky Sedgwick, autora de *A epistemologia do armário*, dirá que *queer* pode se referir a lacunas, lapsos, excessos e dissonâncias, funcionando como uma matriz aberta a possibilidades na constituição de gênero e sexualidade. *Queer*, em suas raízes etimológicas, significa atravessar. A psicanálise dirá que o inconsciente se manifesta através de escapes, lapsos e excessos, o que torna o indivíduo parcialmente desconhecido para si próprio e desmonta a possibilidade de se perceber como um ser uno e totalmente aderido a qualquer ideal social e normativo de gênero ou sexualidade. Somos seres atravessados pela pulsão e pelo inconsciente. Outro uso de *queer*, dirá Sedgwick, diz respeito ao fato de que *queer* só pode ser usado na primeira pessoa. Talvez o que identifica o uso de *queer* como um uso verdadeiro é o impulso para usá-lo na primeira pessoa. Afinal, se *queer* é dissonância, lapso ou excesso, pode-se dizer que não existe identidade comum a dois sujeitos. Algo sempre escapa a qualquer tentativa de indexação. *Queer* só poderia se referir a cada um, em sua particularidade. Podemos aí localizar a ideia de singularidade, tão cara à psicanálise.

Quanto aos pontos de tensão, o complexo de Édipo é o principal. Que homem ou mulher, que masculinidade ou feminilidade podem daí ser extraídos? A centralidade da noção de falo na obra de Freud e de Lacan sempre incomodou as feministas e também incomoda os teóricos queer. A questão da diferença sexual, ainda que pensada em termos lacanianos, também incomoda por não colocar outras possibilidades para além de um binarismo de gênero. A forma como é concebido o parentesco. Enfim, pontos de tensão não faltam.

VOCÊ TRAZ NO LIVRO UMA GENEALOGIA PSICANALÍTICA DA QUESTÃO DE GÊNERO, MARCANDO NA PSICANÁLISE BRASILEIRA, INCLUSIVE, A IMPORTÂNCIA DA MÁRCIA ARAN

E DE AUTORES AINDA POUCO ESTUDADOS EM NOSSO PAÍS, COMO JESSICA BENJAMIN. VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE ESSE PERCURSO PSICANALISTAS/GÊNERO?

Vamos partir da ideia de que Freud concebeu a aquisição de gênero, tornar-se homem e tornar-se mulher, pela via das identificações. Na sequência, o grande nome é o de Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista que, nos anos 1960, a partir de estudos de crianças transexuais separou sexo e gênero e introduziu na psicanálise o conceito de identidade de gênero. Stoller manteve “gênero” dentro da esfera do patológico à medida que a discordância entre sexo e gênero apontava para a doença. É no seio do movimento feminista e na própria psicanálise feminista que “gênero” ganhou a dimensão de ser um conceito que questiona as estruturas de poder. Na França, a discussão se deu em torno do termo “diferença sexual”. Vemos psicanalistas como Luce Irigaray e Julia Kristeva fazerem esse debate. O termo gênero, no entanto, foi usado pelas americanas e inglesas. É aí que vemos Juliet Mitchell, a antropóloga Gayle Rubin, posteriormente Judith Butler, na filosofia, e Jessica Benjamin, novamente na psicanálise, mostrarem que a psicanálise corre o risco de servir à manutenção das relações de poder existentes. Instalou-se uma pergunta: a teoria psicanalítica se limita a reproduzir a organização social? Ela apenas narra a aquisição (normal ou problemática) do gênero masculino e do gênero feminino? Ou a organização social, através de uma análise adequada das relações de gênero ou da forma como se adquire gênero, pode ser transformada? “Gênero” alcançou o *status* de categoria política. Butler trouxe novamente à cena de gênero as pessoas transexuais, mas dessa vez fora do âmbito da doença e dentro da questão política dos direitos humanos. Em resumo, gênero na psicanálise serve tanto à questão das relações de poder e hierarquia entre homens e mulheres, como à questão das homossexualidades e transexualidades. No Brasil, deparei-me com Márcia Arán, no Rio de Janeiro, percorrendo esse caminho na mesma época em que eu o percorria. Hoje tem muito mais gente nessa área. Lamentavelmente, Márcia não está mais conosco, teria sido uma grande parceira nessa questão.

O TRABALHO DA PSICANÁLISE REPENSADO EM SUAS RAMIFICAÇÕES E ESPECIFICIDADES

THE WORK OF PSYCHOANALYSIS RETHOUGHT IN ITS RAMIFICATIONS AND SPECIFICITIES

Lizana Dallazen

LIVRO: CUIDADO, SAÚDE E CULTURA: TRABALHOS PSÍQUICOS E CRIATIVIDADE NA SITUAÇÃO ANALISANTE.

AUTOR: LUÍS CLÁUDIO FIGUEIREDO

SÃO PAULO: ESCUTA, 2014, 168p.

Aprendi a ler aos cinco anos...Foi a coisa mais importante em minha vida.

Quase 70 anos depois, lembro-me com nitidez como esta magia, transformar as palavras dos livros em imagens, enriqueceu minha vida, quebrando as barreiras do tempo e do espaço e permitindo-me viajar com o capitão Nemo 20 mil léguas abaixo do nível do mar, lutar com D'Artagnan, Athos, Portos e Aramis contra as intrigas que ameaçavam a rainha nos tempos do sinuoso Richilieu, ou arrastar-me pelas ruas de Paris com o corpo inerte de Marius às costas... Minha mãe me disse que as primeiras coisas que escrevi foram continuações das histórias que lia.

Mario Vargas Llosa (Discurso de Prêmio Nobel de Literatura de 2010. In: FIGUEIREDO, 2014, p.31)

Cuidado, saúde e cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante é o título do último livro do psicanalista e professor da USP e da PUC de SP, Luís Claudio Figueiredo. Além de reunir alguns artigos já publicados anteriormente, este conta com dois capítulos inéditos, fundamentais para sustentar uma das teses principais do livro que é a de “saúde” integrada. Esta visa a reunir aspectos somáticos e psíquicos como concebidos a partir de um mesmo modelo, sendo inscrito assim como uma noção de saúde possível de ser remetida à dimensão sociocultural de existência. A proposta fundamental é articular o conceito de “saúde” e “cultura” como integradas a partir das práticas de cuidado como a linha que as costuram.

No desenvolvimento do conjunto de textos, o autor perpassa por diversos temas caros à psicanálise, como a questão da interpretação, da situação analisante constituída a partir do jogo de transferência-contratransferência e as suas resistências e, ainda, resgata a ideia de trabalho que adquirirá um lugar central na sua proposta. Trabalho dos sonhos, trabalho do luto, trabalho dos chistes e, no último capítulo, propõe outra tese de suma relevância para a ideia de “saúde” e cultura

integradas que é a própria psicanálise como um trabalho – “trabalho psicanálise”. Dessa forma, a psicanálise pode ser instalada no *hall* das práticas de cuidado, resultando possibilidades de intervenções nos campos da saúde, da educação, do trabalho social e nas ações comunitárias integradas e integradoras.

As duas principais teses do livro, aqui citadas, são fruto de temas retrabalhados com profundidade, complexidade e um requinte de elaboração do próprio autor. Para tanto, Figueiredo se vale de um leque de teorias e autores, principalmente kleinianos e winicottianos, entre outros trabalhos contemporâneos a estes, que demandam uma leitura atenta e capaz de ir e vir entre as diferenças de pensamentos e de escolas psicanalíticas. A ‘saúde’ integrada passa a ser fundamental para que a psicanálise possa ser instalada como uma das práticas de cuidado e não apenas como situada no contexto de intervenções entre as práticas de cuidado; diferença crucial do entendimento da relação entre a psicanálise e a cultura. Não se trata de psicanálise aplicada. Aliás, Figueiredo faz críticas relevantes à concepção de psicanálise aplicada na qual os psicanalistas se valem das teorias e técnicas para fazer interpretações da cultura e sobre fenômenos culturais que intencionam encontrar e revelar verdades sobre questões psicopatológicas e metapsicológicas supostamente colocadas na civilização e à espera de interpretação.

A proposta é de que no momento que a psicanálise é instalada como uma das práticas de cuidado, ela sai do lugar de fazer interpretações que revelem verdades para ocupar uma posição de psicanalista implicado no processo de transformação da cultura e, conseqüentemente, da psicanálise. Nesse sentido, difere da psicanálise aplicada, pois a psicanálise como prática de cuidado é tomada como um objeto transformacional – conceito desenvolvido por Christopher Bollas, em que o objeto transformacional é tido mais como um processo que como um objeto, vale dizer, resumidamente, que, nessa visão, são vários os processos desenvolvidos pelos objetos transformacionais e toda a vida do indivíduo se forma e se sustenta a partir desses objetos transformacionais e todos os entes da cultura – no momento em que as intervenções analíticas são tomadas como criadoras de transformações culturais e transformadas por essa interface com a saúde e a cultura. Nesse sentido, há uma reciprocidade, pressuposto da teoria dos objetos transformacionais em que a psicanálise, ao intervir na cultura, estaria cuidando deste objeto e, ao mesmo tempo, sendo cuidada e transformada por essa já que também é um objeto transformacional. Assim, a ramificação da psicanálise clínica para a cultura é alçada ao estatuto de experiência analítica, que implica uma dimensão estética da interpretação e da construção que leve em conta todas as especificidades dos objetos da cultura e a inserção do psicanalista em relação a este objeto.

O vocábulo instalação não é usado aleatoriamente no texto e tem um propósito explícito do autor na escolha dessa palavra. Instalação é o termo que costuma ser usado para uma dada modalidade de obra contemporânea. A intenção de Figueiredo é deixar evidente a ideia de que entregar-se à instalação e ao seu chamado é entregar-se aos cuidados dos objetos transformacionais com os quais estabelecemos uma relação transferencial: transferimo-nos para a obra, levando para ela todos os nossos elementos psíquicos, afetos e representações,

memórias e desejos, velhos padrões e possibilidades de mudança. Com isso, ele chega a uma prototeoria da cultura que preconiza que esta é uma rede relativamente organizada e estável de objetos transformacionais capazes de oferecer cuidados a todos capazes de habitá-los, e nos quais nos formamos e nos reconstituímos e nossas experiências de mundo e de nós mesmos nos constituem. Nessa proposta fica evidente que renúncias, interdições, mal-estar não são excluídos, mas perdem a exclusividade da perspectiva freudiana.

Um dos capítulos inéditos do livro versa justamente sobre a interpretação e sua tarefa de ampliar o campo da experiência significativa, sustentada na noção de “saúde” proposta no livro, e de uma dimensão estética da experiência do cuidado. O tema das práticas do cuidado já vem sendo desenvolvido há algum tempo por Figueiredo, mas a instalação da psicanálise como uma destas remete a temas como a teoria da estética, da sublimação e da criação. A concepção de objeto transformacional ocupa lugar central no bojo dessa releitura da interpretação, pois uma interpretação que está “a serviço da obra” não se sobrepõe e obscurece seu objeto, mas amplia sua capacidade de operar como objeto transformacional (FIGUEIREDO, 2014, p. 83). Interpretar só seria possível a partir do encontro com e da instalação dos objetos, o que requer uma posição “implicada” e “reservada” do analista, conceitos desenvolvidos pelo autor em publicações anteriores. Segundo o autor, interpretar seria discriminar os elementos, forças e movimentos próprios à experiência da obra, e com ela. A experiência da estética seria uma forma de pensar a interpretação, desenvolvida com complexidade no livro. Ainda é considerada outra possibilidade de pensar a interpretação, que é afirmando-a como objeto transformacional de “segunda ordem”, que operaria no campo das nossas relações com os objetos transformacionais e transforma nossas relações com ele, como mostra a epígrafe de Vargas Llosa neste capítulo, onde ele é transformado pelas obras/objetos transformacionais e a partir disso torna-se um escritor/objeto transformacional que também promove transformações na cultura a partir da produção de suas obras.

O outro capítulo inédito é o último da obra, escrito justamente para dar conta de integrar todas as teses do livro através da proposta dos tipos de trabalhos psíquicos já citados aqui. O capítulo é aberto com o esclarecimento de que a ideia de trabalho psíquico já era existente no campo da Psicologia Geral e Experimental, no entanto, coube a Freud a proposição inovadora de trabalhos psíquicos inconscientes. À luz do conceito de saúde proposto no livro, o “trabalho psicanálise” seria totalmente voltado a incidir sobre as capacidades de trabalho inconsciente dos indivíduos, de forma a dinamizar e liberar tais capacidades, expandi-las, ou, ainda, em casos não neuróticos, tratar-se-ia de instalar tais capacidades. Nesse sentido, entra o trabalho de criação, onde o Figueiredo recorre a teses de Anzieu e M’Uzan, além de Freud, que evidencia a questão da fruição do prazer no trabalho, para afirmar que todos os trabalhos psíquicos citados estão envolvidos no trabalho de criação, embora esse vá além, pois suplementa todos esses trabalhos psíquicos que estavam paralisados, de certa forma, pela desproporção entre a força das pulsões e fantasias, por um lado, e os recursos de elaboração do sujeito, de outro. Nesse sentido, ganha força a proposta de saúde mental como dimensão coletiva em seus justos e mútuos compartilhamentos com a cultura.

Apesar de a proposta ser de ramificar o alcance clínico da psicanálise para situações não convencionais, propondo um pensamento clínico e uma possibilidade de intervenção em outros campos da cultura e da saúde, este livro deixa contribuições importantes para a clínica psicanalítica privada, sobretudo para pensar o trabalho analítico com pacientes não neuróticos. Se uma das compreensões possíveis do conceito de saúde, segundo Figueiredo é que, mesmo que por vezes seja difícil e relativamente limitado, as capacidades de trabalho psíquico inconsciente – sonhar, brincar, rir e fazer rir, perder e fazer o luto do perdido – fazem parte do que pode ser considerado “saúde mental”. Como analistas, precisamos nos ocupar da variável objeto da pulsão, pois o trabalho de brincar, fazer rir, bem como o trabalho das práticas de cuidado e a definição de objeto transformacional, necessitam do encontro e da relação com o objeto, com um analista implicado e reservado, que é a posição subjetiva de onde pode emergir uma interpretação criativa e transformadora dos objetos transformacionais instalados na situação analisante.

*Lizana Dallazen, psicanalista, doutoranda em
Psicologia Clínica pela USP.
Email: lizana.dallazen@gmail.com*

MANDRÁGORAS ENTRE ENSAIOS E LEITURAS PSICANALÍTICAS

MANDRÁGORAS BETWEEN REHEARSALS AND PSYCHOANALYTIC READINGS

Eurema Gallo de Moraes

LIVRO: MANDRÁGORAS, CLÍNICA PSICANALÍTICA: FREUD E WINNICOTT

AUTORES: SERGIO DE GOUVEA FRANCO, KARIN HELLEN KEPLER WONDRAECK, MANOEL TOSTA BERLINCK.

SÃO PAULO: EDITORIAL, 2013. 176P.

Maurice Blanchot (2007) em seu excelente livro *A conversa infinita: a experiência limite*, ao debruçar suas reflexões sobre a exigência de retorno em relação às mudanças de época, cita Nietzsche “os maiores acontecimentos e os maiores pensamentos só são inteligíveis a longo prazo: as gerações que lhes são contemporâneas não vivem esses acontecimentos: elas vivem ao largo” (p. 273). A Psicanálise é um acontecimento que não apenas modifica, mas, essencialmente, subverte o pensamento da época, aquela na qual lhe tocou surgir através do ato transgressivo no paradigma retórico do discurso freudiano, que conduziu e impulsionou a construção de um corpo teórico de inquestionável valor.

Sigmund Freud ao desalojar o saber constituído, complexizou o humano com o inconsciente, com a sexualidade e com o desejo em seus desdobramentos subjetivo em delinear limites, regular intensidades e equilibrar-se em experiências de desamparo, promovidas entre a dor e o sofrimento.

Desde então, os retornos a Freud marcam pontos importantes tanto na história da Psicanálise como na revisão do corpo teórico, ambos, história e teoria, ampliam e vitalizam o método na elasticidade criativa da técnica psicanalítica.

Assim, encontramos na leitura do livro *Mandrágoras, clínica psicanalítica* o retorno que empreendem Sérgio de Gouvêa Franco, Manoel Berlinck e Karin Wondracek à clínica freudiana e winnicottiana. A leitura surpreende porque proporciona uma sensação agradável. É isto! Um exercício agradável de pensar. Neste clima, os três psicanalistas tecem uma linha de raciocínio sobre “o jogo delicado, intrincado, arriscado” do espaço transferencial com pacientes graves/difíceis. Os autores afirmam: “*não há escape: para estudar o humano é preciso se envolver com o humano, se deixar ser atingido por essa experiência*” (p. 18). Com esta inquietação, fazem um percurso entre o discurso freudiano e as contribuições de Winnicott, a fim de alinhavarem suas elaborações à compreensão da clínica contemporânea.

Este é o retorno de Sérgio, Manoel e Karin a Freud. Identificados com o

diálogo “amigo e cordial” entre Pfister e Freud, eles transitam no cenário teórico e clínico da época, encontrando semelhanças nas inquietações freudianas em relação ao paciente AB, Freud afirma: “Penso que deixarei de lado a pergunta médica pelo diagnóstico e trabalharei adiante no material vivo” (p. 30).

A partir daí os autores tecem com a mesma sensibilidade freudiana suas interrogações sobre a clínica, com os analisados como AB e Nancy, que ocupam não somente a escuta do analista, mas, também, o sujeito que o analista é. Afirmam: “... talvez na segurança do consultório o paciente seja capaz de se deixar inundar por uma grande quantidade de angústia, associada a toda sorte de sensações estranhas, que, em outras circunstâncias, simplesmente teriam sido excluídas da consciência. [...] É assim que o paciente pode viver essas experiências estranhas e pode começar a nomeá-las, na esperança de que onde estão as manifestações somáticas um dia apareçam fantasias possivelmente de natureza sexual e de agressividade” (p. 72).

Assim, a leitura deste livro surpreende porque propõe que no encontro com a densidade de determinados padecimentos da clínica psicanalítica o analista permeie sua escuta no efeito de mandrágoras, ou seja, escute os anseios do amor, a busca da cura e a esperança de um devir.

Uma boa leitura!

REFERÊNCIA

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

*Eurema Gallo de Moraes é psicanalista, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e Doutora em Psicanálise pela Universidade Autônoma de Madri.
E-mail: euremagallo@gmail.com*

Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Marquês do Herval, 375
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br



associação psicanalítica



Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Marquês do Herval, 375
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br



associação psicanalítica